

MAIÊUTICA
ARTE E CULTURA



UNIASSELVI

**CENTRO UNIVERSITÁRIO
LEONARDO DA VINCI**

Rodovia BR 470, Km 71, nº 1.040, Bairro Benedito
89130-000 - INDAIAL/SC
www.uniasselvi.com.br

REVISTA MAIÊUTICA

Arte e Cultura

UNIASSELVI 2017

Presidente do Grupo UNIASSELVI

Prof. Pedro Jorge Guterres Quintans Graça

Reitor da UNIASSELVI

Prof. Hermínio Kloch

Pró-Reitora de Ensino de Graduação Presencial

Profa. Marilda Regiani Olbrzymek

Pró-Reitora de Ensino de Graduação a Distância

Prof.^a Francieli Stano Torres

Pró-Reitor Operacional de Graduação a Distância

Prof. Hermínio Kloch

Diretor Executivo Unidades Presenciais

Prof. Ivan Carlos Hort

Diretor de Educação Continuada

Prof. Carlos Fabiano Fistarol

Editor da Revista Maiêutica

Prof. Luis Augusto Ebert

Comissão Científica

Vania Konell

Elisiane Souza Saiber Lopes

Clara Ariele Schley

Tatiane Jerusa Odorizzi

Brigitte Grossmann Cairus

Cristiane Kreisch

Débora Costa Pires

Editoração e Diagramação

Maitê Karly Roeder

Capa

Cleo Schirmann

Revisão Final

Joice Nardelli Busarello

Tatiana Aparecida Alegre

Publicação *On-line*

Propriedade do Centro Universitário Leonardo da Vinci

Apresentação

Apresentamos mais uma edição da Revista Maiêutica do Curso de Licenciatura em Artes Visuais do Centro Universitário Leonardo Da Vinci – UNIASSELVI. O conteúdo é oriundo de trabalhos acadêmicos, pesquisas de iniciação científica, projetos de ensino, experiência de estágio ou de notório valor acadêmico, elaborados tanto de forma individual como em grupos de trabalho.

Desta forma, a revista é um espaço privilegiado para publicação e tem como missão intensificar e divulgar a produção didático-científica de acadêmicos, tutores e professores do curso, que apresentam interesse em publicar artigos na área, cumprindo também o importante papel de tornar acessível à comunidade o que se produz de conhecimento em nosso Centro Universitário Leonardo Da Vinci – UNIASSELVI.

Essa publicação evidencia a importância de pesquisar, analisar, refletir, aprofundar, socializar os resultados e trocar ideias e assim enriquecer o mundo acadêmico com saberes diferentes. Afinal, o nome Maiêutica relembra o conceito socrático de que é preciso trazer as ideias à luz, fazer nascer o conhecimento, confirmando a dialética necessária da construção da sabedoria humana.

Assim, convidamos você a ler a Revista Maiêutica do Curso de Licenciatura em Artes Visuais da UNIASSELVI, e desejamos que os artigos aqui disponibilizados possibilitem reflexões sobre temas relacionados diretamente à atuação profissional do professor de Artes Visuais, bem como contribuir com a sua caminhada acadêmica e profissional.

Boa leitura!

Vania Konell
Coordenadora do Curso de Licenciatura em Artes Visuais



SUMÁRIO

1 A DESCONSTRUÇÃO DO ESTEREÓTIPO: mediando o desenho contemporâneo - The deconstruction of the stereotype: mediating the contemporary drawing	
Cleandro Stevão Tombini	
Ester Zingano	7
2 A EVOLUÇÃO DO ENSINO EM ARTES VISUAIS: desafios e possibilidades - modelagem - The evolution of teaching in visual arts: challenges and possibilities – modeling	
Claudia Eink	
Cleide Mara Bittencurt	25
3 CONHECENDO A HISTÓRIA DA ARTE: da Pré-história até o Impressionismo - Knowing the history of art: from prehistory to impressionism	
Carla Fernanda Costa Matsumoto	
Ester Zingano	35
4 DO LIXO DA LAVA JATO AO LUXO DE VIK MUNIZ - From lax washer jet to vik muniz luxury	
Eliane Fátima Sassi da Silva	
Amanda Cristina dos Santos Nasato	45
5 LEITURA DE IMAGEM: conceito e comunicação visual - Image reading: concept and visual communication	
Angelina Bonente	
Carla Fernanda C. Matsumoto	
Eliane Nunes	
Letícia Coelho Gomes	
Ester Zingano	53
6 O USO DE MÁSCARAS COMO SUPORTE PARA A RELEITURA DA OBRA GUERRA E PAZ - The use of masks as support for the release of work war and peace	
Josiane Lopes	
Jádina de Farias Neves	65
7 OS SENTIDOS NO UNIVERSO DA ARTE - The senses in the universe of art	
Fabíola Barbosa Dal-Bó	
Jádina de Farias Neves	75
8 TEATRO: a arte de improvisar - Theater: the art of improvising	
Daniela Cipriani	
Cleide Mara Bittencurt	81

A DESCONSTRUÇÃO DO ESTEREÓTIPO: mediando o desenho contemporâneo

The deconstruction of the stereotype: mediating the contemporary drawing

Cleandro Stevão Tombini¹

Ester Zingano¹

Resumo: Este *paper* apresenta os resultados obtidos na prática do Estágio Curricular Obrigatório III do Curso de Artes Visuais da UNIASSELVI. Foi realizado no Colégio Estadual Paula Soares, do município de Porto Alegre, e teve como tema a desconstrução do estereótipo por meio do ensino do desenho, no 1º ano do Ensino Médio, da disciplina de Artes. O objetivo geral foi o de utilizar o método de desconstrução do estereótipo para mediar o ensino do desenho contemporâneo. A área de concentração que concerne este trabalho cabe à Didática e Metodologia em Artes Visuais: a qual apresenta o método de desestereotipização, a sua importância no desenvolvimento do desenho pessoal do aluno, e o momento em que este foi inserido na “Proposta Triangular”. Podemos concluir que neste estágio tiveram pontos positivos como: a desestereotipização da maioria dos desenhos dos estudantes e a compreensão do desenho contemporâneo por parte destes.

Palavras-chave: Desenho. Estereótipo. Metodologia de Ensino.

Abstract: This paper presents the results obtained in the practice of Mandatory Curricular Internship III of the Course of Visual Arts of UNIASSELVI. It was held at Paula Soares State College, in the city of Porto Alegre, and had as its theme the deconstruction of the stereotype through the teaching of drawing, in the 1st year of High School, of the Art discipline. The general objective was to use the stereotype deconstruction method to mediate the teaching of contemporary drawing. The Area of Concentration that concerns this work rests with Didactics and Methodology in Visual Arts: which presents the method of de-stereotyping, its importance in the development of the student's personal drawing, and the moment in which it was inserted in the "Triangular Proposal". We can conclude that at this stage had positive points such as: the de-stereotyping of most of the students' drawings and their understanding of contemporary design.

Keywords: Drawing. Stereotype. Teaching methodology.

Introdução

Este *paper* foi construído a partir da prática do Estágio Curricular Obrigatório III (docência no Ensino Médio, do Curso de Artes Visuais da UNIASSELVI), realizada no Colégio Estadual Paula Soares, localizado no centro do município de Porto Alegre, e teve como tema a desconstrução do estereótipo por meio do ensino do desenho, no 1º ano do Ensino Médio, da disciplina de Artes.

A escolha do tema aconteceu-se, por ser, principalmente, nas dependências das escolas que encontramos os desenhos estereotipados (flores sempre com o caule verde e as pétalas vermelhas, o sol sorrindo etc.), nos materiais didáticos, e nos trabalhos oferecidos aos alunos para colorir. Qualquer pessoa consegue perceber que os desenhos estereotipados entregues pelos professores de Artes aos alunos, para que sejam coloridos, explora muito pouco o repertório visual, artístico e estético do estudante, além de subestimar o caráter criador deste.

¹ Centro Universitário Leonardo Da Vinci – UNIASSELVI – Rodovia BR 470 - Km 71 - nº 1.040 – Bairro Benedito – Caixa Postal 191 – 89130-000 – Indaial/SC Fone (47) 3281-9000 – Fax (47) 3281-9090 – Site: www.uniasselvi.com.br

Se por um lado, existe a necessidade de desestereotipar o desenho que é introduzido nas salas de aula por grande parte dos professores de Artes (prática muito ultrapassada que se repete até os dias atuais), devido a sua pobreza criativa e expressiva, por outro, é preciso trazer ao conhecimento do aluno, as várias formas de concepção do desenho, ao longo da História da Arte, bem como as suas técnicas fundamentais.

Assim, o presente Estágio insere-se na área de concentração “Didática e Metodologia em Artes Visuais”, pois teve como objetivo geral utilizar o “método de desconstrução do estereótipo” (desenvolvido pela professora Maria Letícia Rauen Vianna) para mediar o ensino do desenho contemporâneo. Além disso, esse trabalho teve por objetivos específicos: fazer com que o aluno compreendesse o que são desenhos estereotipados e suas principais características formais (cor e forma); facilitar a contextualização histórica da linguagem artística do desenho e, incentivar a produção artística dos alunos por meio da desconstrução de desenhos estereotipados, recorrendo a processos mentais (memória visual ou imaginação/fantasia), e ao uso de algumas técnicas (*frottage*, colagem e transferência de imagens) para transformar o estereótipo em um desenho pessoal.

Diante disso, cabe mencionar ainda, que este *paper* inicia com o tópico “Área de Concentração: Fundamentação Teórica”, o qual justifica a área escolhida, conceitua “desenho estereotipado”, apresenta o “método de desestereotipização”, assinala a importância do desenvolvimento do desenho pessoal por parte do aluno, traz uma revisão acerca das concepções do desenho ao longo da história da arte, e elucida o uso da “Proposta Triangular”. No tópico “Vivência do Estágio”, descreve as observações (da instituição, das aulas da professora regente e da turma), e como se desdobraram as regências. Nas “Considerações Finais”, relata as dificuldades (o curto período de utilização do método, além de uma breve análise do respectivo estágio, com apontamentos para enriquecer a importância da arte no âmbito escolar.

Área de concentração: fundamentação teórica

O presente Estágio baseou-se no método de desconstrução do estereótipo (“processo de des-estereotipização”, desenvolvido pela professora Maria Letícia Rauen Vianna no intuito de mediar o ensino do desenho contemporâneo, alinhado à área de concentração “Didática e Metodologia em Artes Visuais”, pois investiga as mudanças e o desenvolvimento ocorridos no ensino das Artes Visuais pela inserção de novas metodologias de ensino.

Assim, neste Estágio, buscou-se instrumentar os alunos, com conhecimentos teóricos e práticos, para desestereotipar o desenho, transformando-o em um trabalho pessoal, pois a arte no contexto escolar deve ser encarada como o momento da criação do aluno, e não como um espaço em que o estudante recebe ideias prontas. Conforme Martins e Silveira (2011, p. 175), a arte é imaginação, é expressão, é criação, é possibilidade, e sua função “[...] na Educação não deve ser compreendida como meio de repetição e trabalho com desenhos prontos, cópias feitas em série que não possibilitam a criação da criança”.

Muitos professores passam horas inteiras preparando desenhos para os alunos pintarem, recortarem, colarem, como presentes para datas comemorativas, por exemplo, Natal ou Páscoa, e, com isso, muitos alunos nunca tiveram a oportunidade de exercitar o seu potencial criador, pois os desenhos estereotipados empobrecem a percepção e a imaginação do aluno, “[...] inibem sua necessidade expressiva; embotam seus processos mentais, não permitem que desenvolvam naturalmente suas potencialidades” (VIANNA, 2012, s. p.).

Vianna (2012, s. p.) menciona ainda que, muitos alunos dizem não saber desenhar, querendo na verdade dizer com isso, que não sabem fazer estereótipos, ou em outras palavras, desenhar como a professora, acreditando não ser capazes de desenhar, tornando-se pessoas inseguras com relação ao desenho, passando a admirar os estereótipos, querendo imitá-los e

copiá-los, e assim, aos poucos, vão desaprendendo o seu próprio desenho, perdendo a expressão individual e a confiança nos seus traços, começando a considerá-los ‘feios’ ou ‘mal feitos’”.

Um dos motivos para os alunos recorrerem aos estereótipos pode estar, segundo Anderson Moço (2016, s. p.), enraizado na tentativa das crianças em criar imagens perfeitas, pois:

[...] quando elas começam a fazer seus primeiros traços, as produções se parecem com o que se convencionou chamar de boneco girino, uma figura humana constituída por um círculo de onde sai um traço representando o tronco, dois riscos para os braços e outros dois para as pernas. Depois, entre 5 e 8 anos, essa imagem incorpora cada vez mais detalhes, conforme os pequenos refinam seu esquema corporal e ganham um repertório de imagens ao ver desenhos de sua cultura e dos próprios colegas. É nessa faixa etária também que elas começam a perceber o desenho como uma representação do real e se interessam em registrar no papel algo que seja reconhecido pelos outros. Ao mesmo tempo, a garotada está aprendendo a escrever e descobre que as letras querem dizer algo (e têm uma forma correta para transmitir a mensagem). É justamente aí que a turma começa a afirmar que não sabe como desenhar [...]. Essa frustração faz as crianças tentarem criar imagens perfeitas. Daí o primeiro motivo de eles reproduzirem estereótipos, repetindo padrões, como uma forma segura de se expressar.

Outro motivo pode estar relacionado ao fato de que a maioria das imagens com que as crianças têm contato ser ilustrativas, passando mensagens claras, e assim, ao folhear um livro, elas deduzem que parte da história está sendo contada por imagens, o que não acontece com os seus próprios desenhos, pois “os adultos perguntam o que o desenho mostra antes mesmo de tentar entendê-lo”, comenta Moço (2016, s. p.).

Outrossim, a preocupação em lidar com a linguagem do desenho, no dia a dia em sala de aula, na disciplina de Arte, despertou na professora Maria Vianna o desejo de compor um método que desestereotipasse o desenho, ao desconstruir os estereótipos². Tal método, denominado por Vianna de “processo de des-estereotipi-zação” (des: “negação”-“transformação”-“ação contrária a estereotípi-a”), foi empregado aqui nesse Estágio, na fase da “produção artística” dos alunos, e por isso, trata-se de uma adaptação, pois aquele foi realizado por Vianna, em 1987, em cursos de formação e especialização de professores de 1ª a 4ª séries e de pré-escolar. Seu método consiste em “atacar”.

Os aspectos mais evidentes dos desenhos estereotipados: o desenho mecânico, a esquematização, os artificios para facilitar o desenho, camuflando dificuldades de representação. Se há alguma novidade nisso, ela reside justamente na organização dos exercícios em sequências de desenhos sucessivos, com o objetivo de transformar um estereótipo em um não estereótipo. Os exercícios que compõem o “método”, experimentados um após o outro, levam o aluno a compreender as inúmeras possibilidades de desestereotipização, através da mobilização de diferentes processos mentais: ora a observação ou a memória visual, ora a imaginação e/ou a fantasia, para citar apenas alguns (VIANNA, 2012, s. p.).

Assim, a utilização do desenho nas salas de aula, de forma estereotipada, mostra-se tão pobre em criatividade e expressão, se observarmos, ao longo da história da arte, as suas várias formas de concepção, diferentes e criativas, desde a Idade Média até a Contemporaneidade.

² Vianna compara a disseminação do estereótipo na esfera escolar a uma erva daninha (que quanto mais se arranca, mais volta a crescer), e comenta que, por terem sido muito reproduzidos e utilizados, tornaram-se largamente aceitos, constituindo-se em estereótipos mentais, “[...] isto é, os clichês estão armazenados nas gavetas de nosso cérebro e basta querermos para que nossas mãos consigam sem muito esforço, representá-los” (VIANNA, 2012, s. p.).

Na Idade Média, o desenho era marcado por um contorno rígido que denunciava a sua estrutura formadora (esquema), servindo como meio de treinamento da mão e do olho do artista na observação das coisas, e assim, “[...] na Renascença ele vai ser utilizado na forma de *sketches*, em que vários desenhos preliminares aprimoravam a observação naturalista. O esquema era utilizado como início do processo de produção da imagem”, conforme menciona Gonçalves (1994, p. 14).

No século XVII, a tradição do desenho foi fixada como prática artística, e em meados de século XVIII, os desenhos já eram emoldurados e pendurados nas paredes, mas antes disso, “[...] era tido somente como subsídio para a elaboração artística em outros meios como a pintura e a escultura, por exemplo” (GONÇALVES, 1994, p. 18).

Se durante o Impressionismo, com a pintura ao ar livre, privilegiou-se a operação pictórica em detrimento do planejamento rigoroso do desenho³, foi mais tarde, com a Escola Surrealista, que foram introduzidas importantes inovações, como o desenho automático (que tinha por objetivo acessar o inconsciente por meio da gestualidade livre da mão sobre o papel, possibilitando um confronto entre o descontrole e o esquema), e a técnica da *frottage*⁴ (desenvolvida por Max Ernst, uma nova atitude com relação ao rigor purista da técnica tradicional, utilizando materiais básicos do desenho, contudo, não representando através da observação ou da prévia esquematização), que parte da realidade do plano, consistindo na projeção direta das coisas no papel (objetos e texturas), “[...] com um registro por contato (uma impressão automática do relevo da superfície dos objetos).” (GONÇALVES, 1994, p. 25). Max Ernst inovou ainda, no uso do desenho combinado com a colagem (utilizada anteriormente pelos Cubistas), levando-a a extremos, criando exclusivamente imagens fantásticas, consistindo assim, na “[...] mais importante inovação no desenho em três séculos” (ROSE, 1976, p. 12 apud GONÇALVES, 1994, p. 25).

Entretanto, para Gonçalves (1994, p. 26), foi somente na Arte Moderna, com os Expressionistas abstratos americanos, por volta da década de 1950, em que o desenho foi repensado como meio de expressão (além de tornar o *sketch* parte visível e integrante da pintura), que a linha⁵ pode se tornar autônoma e não representativa. Desse modo, Gonçalves (1994, p. 26) comenta ainda que:

A nova abordagem do desenho vai retrabalhar a *escala* que tradicionalmente era pequena, íntima e realizar desenhos maiores; o *suporte* que usualmente é o papel que vai variar do tecido a superfícies tridimensionais; os *materiais*, através do ecletismo com materiais da gravura e pintura; a *linha*, tentando valorizá-la como elemento autônomo, não figurativo, capaz de se mostrar como base essencial do desenho (numa clara valorização do processo sobre o resultado final).

³ Além disso, com o advento da automatização da representação pelo surgimento da fotografia, o desenho teve que acompanhar o reposicionamento efetuado pela pintura, ou seja, “[...] voltar-se para os seus aspectos constitutivos: a superfície plana, as soluções técnicas e marca deixada pelo ato de pintar” (ROSE, 1976, p. 12 apud GONÇALVES, 1994, p. 22). Como o desenho ainda “[...] estava na ‘retaguarda’ dos esquemas de representação, esse reposicionamento foi mais lento. Sua autonomia como poética até os anos sessenta foi relativa, pois ainda era forte a ideia tradicional do desenho como preparação e esboço” (GONÇALVES, 1994, p. 25).

⁴ “*Frottage*: palavra francesa; literalmente ‘esfregação’. Técnica de decalcar a superfície de um objeto (por exemplo, madeira) com o uso de grafite, carvão ou outros materiais, aproveitando o relevo natural da superfície” (PONGE, 1991, p. 161).

⁵ De acordo com Gonçalves (1994, p. 26), “a linha está na origem da ideia de desenho e o desenho de contorno sua mais ‘primitiva’ apresentação”. No entanto, durante a Alta Renascença, na região central da Itália, o desenho de contorno (assim como a perspectiva, uma projeção linear), era compreendido como um conceito abstrato.

E, por fim, o desenho contemporâneo, dos anos 60 até atualmente, baseou-se na autonomia da linha, lugar onde interagem elementos do real unificados através do desenho, podendo ser entendido assim, como uma coextensão do real, “[...] da ação direta do sujeito sobre uma superfície, na tentativa de produzir uma materialidade sob a ação de estímulos das mais variadas procedências” (GONÇALVES, 1994, p. 26-27).

Essa linha autônoma, segundo Gonçalves (1994, p. 26), ora apresentou-se em relações dinâmicas, como marca expressiva, e “[...] ora como padrões rígidos orientados para um essencialismo conceitual”.

Além disso, os materiais utilizados no desenho contemporâneo:

[...] são em grande parte básicos e tradicionais, mas acrescidos de recursos mais recentes de transferência de imagens ou procedimentos pictóricos, o que torna a classificação de um trabalho difícil e, num certo sentido, desnecessária. A noção de desenho puro ou pintura pura é uma distinção que se justifica apenas para fins didáticos (GONÇALVES, 1994, p. 27).

Assim, o desenho contemporâneo atua em um “campo aberto” a desvios experimentais, e, tal como a pintura contemporânea, “[...] o desenho, enquanto obra autônoma, possui o mesmo potencial e força de abertura e de expansão capaz de catalisar diferentes recursos expressivos ao interior de seu campo [...]” (GONÇALVES, 2000, p. 92). O trabalho de Jasper Johns é um exemplo do que estamos falando, pois “[...] é trabalhado num sentido inverso do desenho preparatório ou estudo. Muitos deles nascem de pinturas ou gravuras” (GONÇALVES, 1994, p. 30).

Quanto ao ensino do desenho no âmbito escolar, o professor do Colégio Arquidiocesano, de São Paulo (e doutorando em Educação), Fernando Chuí (2011 apud MOÇO, 2016, s. p.), crê que a escola não deve “ensinar” o desenho, mas investir para que os alunos desenvolvam o próprio percurso, pois “mais que aprender a linguagem, os alunos precisam conhecê-la e se relacionar com ela”.

Além disso, ao orientar o percurso dos estudantes, Moço (2016, s.p.) menciona que o professor deve enfatizar que a linguagem do desenho é variada, que este se constitui num vasto campo de conhecimento, pois é uma das expressões mais fortes e reconhecidas da cultura humana, e, ainda, nos questiona e responde:

[...] o que é saber desenhar? É fazer alguém em proporção? É rabiscar? É reproduzir? Na verdade, é tudo isso: essa arte tem muitos campos de linguagem. O chargista, por exemplo, não necessariamente sabe como desenhar um quadro de paisagem. Fica claro então que cada autor desenvolve mais uma linguagem. Por isso, o mais importante é fazer as crianças experimentarem - e não necessariamente uma só técnica [...].

Diante de tais ideias, deve-se mencionar que nesse estágio, o método de desconstrução do estereótipo⁶ foi introduzido na fase de produção artística dos alunos para propor ações específicas sobre determinados desenhos estereotipados, para que cada estudante desenvolvesse o seu próprio processo, ao utilizar um ou mais processos mentais, mencionados anteriormente, com o objetivo de transformar o estereótipo em um desenho pessoal. Além disso, como comple-

⁶ Vianna (2012, s. p.) comenta que a os relatos e o material visual produzido por uma turma de professores é capaz de permitir avaliar a rapidez e eficácia do método, e que as primeiras professoras que passaram pelo processo de desestereotipização mudaram suas atitudes perante os alunos, descobrindo-os como seres criadores (acreditando em seu potencial e oferecendo mais espaço para as suas expressões), e passaram a conscientizar-se quanto a grande quantidade de estereótipos que as cercam na escola, levando-as a questionar o desenho estereotipado em reuniões com coordenadores, diretores e pais, em busca de mudanças no contexto educacional.

mento ao método da professora Vianna, os alunos utilizaram as técnicas da *frottage*, da colagem e da transferência de imagens, hibridando assim, os seus desenhos com outras linguagens (como a pintura e a fotografia). Desse modo, além de destacar o problema do uso dos estereótipos nas aulas de Artes, este Estágio pretende ainda, trazer uma reflexão junto ao campo do desenho, que amiúde foi relegado à posição secundária pela Arte, como “[...] meio para outros fins, ‘mero estudo’ ou prática menor, [...] pouco visto ou mostrado. Ver o desenho como prática artística autônoma e como campo de pesquisa independente é fenômeno recente” (JOHN, 2012, s. p.).

Por fim, cabe mencionar ainda que as regências foram feitas com base na Abordagem Triangular⁷ (uma adaptação da proposta do DBAE⁸ para o contexto brasileiro, introduzida pela Dr^a Ana Mae Barbosa), ou seja, por meio da integração entre a leitura de imagens (comparação entre desenhos estereotipados e desenhos de artistas visuais de diversas fases da história da arte – nos moldes do método de Edmund Burke Feldmann), o contexto histórico (noções básicas de desenho estereotipado e contextualização histórica da prática do desenho), e o fazer artístico (onde foi introduzido o método da desestereotipização). Desse modo, ao se interligar o fazer artístico, a história da arte e a análise da obra de arte, os professores de Artes estariam respeitando as necessidades, os interesses, o desenvolvimento dos estudantes, “[...] e, ao mesmo tempo, estaria sendo respeitada a matéria a ser aprendida, seus valores, sua estrutura e sua contribuição específica para a cultura” (BARBOSA, 2005, p. 51).

A seguir, serão descritas as observações da Instituição, das aulas da professora de Artes e da turma, e como se desdobraram as regências durante o Estágio.

Vivência do estágio

Este *paper* foi organizado a partir das observações (5 h/aula, entre os dias 08/03/2016 e 05/04/2016) e regências (5 h/aula, entre os dias 12/04/2016 e 10/05/2016), que realizei por ocasião do Estágio Curricular Obrigatório III da UNIASSELVI, na disciplina de Artes do Colégio Estadual Paula Soares, localizado no centro do município de Porto Alegre, com 34 alunos (17 meninos e 17 meninas) do 1º ano (turma 104), na faixa etária de 15 anos.

Primeiramente, devo mencionar que a Instituição de Ensino, citada anteriormente, conta com 46 professores com Curso Superior (a maioria possui Especialização, 02 deles cursam Mestrado e nenhum possui Doutorado). Na Gestão Escolar, atuam 01 Diretora, 03 Vice-diretoras (01 para cada turno) e 05 secretárias. A Escola não possui Orientadora Educacional, Psicopedagoga, Psicóloga e/ou Fonoaudióloga. A função de Supervisão é desempenhada, no momento, pela vice-diretora de cada turno. Quanto à estrutura física, a escola funciona em um prédio de 03 andares, de tijolos à vista, em bom estado de conservação, com biblioteca geral, 02 laboratórios de informática e 01 de biologia (para uso dos alunos), 01 quadra de esportes (aberta), 01 sala de professores (ampla e bem mobiliada), 18 salas de aula (com amplo espaço físico, quadros brancos, com ventiladores, boa iluminação e ventilação, com mural para expor os trabalhos da turma), com estante de livros das disciplinas do Ensino Médio, e com armário

⁷ O PCN-arte menciona que a “Metodologia Triangular”, como o encaminhamento pedagógico-artístico que tem por premissa básica a integração do fazer artístico, a apreciação da obra de arte e sua contextualização histórica, destacando-a entre as várias propostas que estão sendo difundidas no Brasil na transição para o século XXI, por interferir “[...] na melhoria do ensino e da aprendizagem de arte” (BRASIL, p. 25, 1997).

⁸ Displined-Based Art Education (Arte-educação como Disciplina), desenvolvida a partir de 1982 por investigadores em arte-educação, consiste em uma proposta “[...] que trata de forma integrada a produção, a crítica, a estética e a história da arte [...]”. Na Metodologia Triangular, a professora Dr^a Ana Mae Barbosa “[...] preferiu unir as vertentes da crítica e da estética na dimensão ‘leitura da imagem’” (PILLAR, 1993, p. 3).

(contendo materiais para a produção artística: lápis de cor, giz de cera, pincéis, cola, entre outros). Quanto aos recursos tecnológicos, a escola conta com 04 aparelhos de DVD e 3 projetores multimídia. Por fim, cabe mencionar ainda que a direção, os funcionários e os professores mostraram-se acolhedores e dispostos a contribuir com o que fosse necessário para a realização deste trabalho.

Em segundo lugar, durante o período de observação do estágio, constatei que os alunos da turma demonstraram ter boa receptividade ao planejamento das aulas, feito pela professora, e a maioria buscou cumprir as tarefas propostas e as regras de rotina explanadas por ela. Os estudantes mostraram-se razoavelmente interessados e participativos, cooperando quando solicitados a ler algum texto, responder a alguma pergunta ou auxiliar a professora em alguma tarefa prática. Eles apresentaram ainda, respeito pelo outro, boa organização quanto ao seu próprio material (mochila, caderno, caneta etc.) e o da escola, mas pouco cuidado quanto à limpeza, em algumas aulas práticas.

E, por último, observei que a professora da disciplina de Artes (Licenciada em Artes Plásticas, em 2005, pela URCAMP de Bagé, RS, concursada pelo Estado, atuante na escola há 4 anos, e com experiência de 14 anos na área da Educação), procura alicerçar a sua prática docente por meio do uso de variadas escolas, filosofias e métodos (sem seguir um(a) em especial). Em suas aulas, a docente utilizou a pesquisa na internet, acerca do período Neolítico (em sala informatizada), a prática do desenho (explorando linhas, espaços e movimentos), além de pesquisa sobre a origem do nome de cada aluno (após, desenham e colorem o seu nome).

Para as minhas regências de estágio, foi decidido juntamente à professora regente da turma, o uso da prática do desenho, pois na sequência do planejamento da docente, nas aulas subsequentes, havia temas relacionados à Páscoa - desenhos de coelhos e cenouras, configurando-se assim, em um terreno fértil para a verificação de estereótipos nos trabalhos dos alunos.

Desse modo, na primeira regência expliquei à turma como seria trabalhado, durante o estágio, o conteúdo relativo à linguagem artística do desenho. Em seguida, propus a cada aluno, a realização de um desenho que apresentasse um coelho, uma cenoura, uma árvore e uma casa, com o objetivo de realizar um trabalho diagnóstico, ou seja, verificar a presença de estereótipos (APÊNDICE A). Recolhi os trabalhos e, após, observei todo o tipo de estereotipização (pássaros em “v”, sol, nuvens, fumaça de chaminé e a copa das árvores arredondadas, por exemplo, mas também, de desenhos bem originais). Em seguida, levantei a questão acerca daquilo que os alunos entendiam por desenho. A maioria deles mencionou que se tratava de “uma prática para a pessoa se expressar”. E, a resposta que mais me chamou a atenção foi a de um aluno, que disse que “Para desenhar, a gente deveria utilizar o lado direito do cérebro”. Na sequência da aula, realizei, junto com os estudantes, uma leitura visual, comparando imagens (reproduções em papel A4) de desenhos estereotipados com desenhos de artistas visuais de diversas fases da história da arte (APÊNDICE B). Chamei a atenção do grupo para os recursos utilizados para a sua construção: cores, formas, combinações, texturas, tema etc., bem como a sua contextualização histórica, para ampliar o repertório formal e conceitual da turma.

Na segunda regência, devolvi os desenhos aos alunos e sugeri que estes os desestereotipassem com base no método da “des-estereotipização” (para transformá-lo em um desenho pessoal) e com o auxílio da técnica da *frottage* (com o uso de pedaços de telas de material sintético, partes de fibra têxtil vegetal de juta, peças de metal, folhas de árvores, e partes de chapas de eucatex e de tapume de construção). Nesta etapa, convidei a turma a iniciar uma experimentação com técnicas utilizadas por artistas renomados. Não se trata de copiar, pois “o objetivo é testar a técnica [...]” (MOÇO, 2016, s. p.). Surgiram assim, as primeiras desestereotipizações (APÊNDICE C).

A terceira regência teve por objetivo trabalhar com a técnica da colagem. Assim, forneci imagens fotográficas extraídas de páginas de revistas para que os alunos recortassem e colassem alguns detalhes sobre os seus desenhos. Verifiquei que muitos estudantes conseguiram estabelecer relações entre essas imagens e a composição que já estava em andamento, continuando o processo de desestereotipização, rumo à construção de um desenho pessoal (APÊNDICE D). Constatei que esta técnica ajudou muito na desconstrução do estereótipo, abrindo muitas possibilidades de formas e cores. Além disso, o trabalho de uma aluna trouxe algo diferente, um elemento tridimensional, a representação do “sol”, recortado de maneira a dar volume no papel (APÊNDICE E).

Na quarta regência, forneci imagens, extraídas de páginas de revistas (silhuetas de fotografias ou de desenhos), para que os alunos transferissem sobre os seus desenhos por meio de papel carbono, estabelecendo assim, uma relação entre essas e a composição que já estava em andamento, para continuar o processo de desestereotipização (APÊNDICE F). Constatei que essa técnica auxiliou muito na transformação do desenho estereotipado em um desenho pessoal.

E, na quinta e última regência, os estudantes finalizaram os seus desenhos com o uso de lápis de cor. Em seguida, estes foram expostos na parede lateral da sala, para que o grupo pudesse observá-los todos juntos (APÊNDICE G). Assim, os alunos tiveram a oportunidade de refletir acerca das suas produções e a dos colegas (APÊNDICE H e I), relacionar os seus desenhos com as imagens de desenhos dos artistas visuais (visualizadas nas aulas anteriores), e falar sobre a concepção do seu desenho (cor, forma, tema, técnica etc.).

Por fim, devo mencionar ainda que, os alunos foram avaliados quanto à organização no uso do material artístico, interesse, participação e criatividade durante o desenvolvimento das práticas, e também, quanto à participação nas discussões geradas pelos desenhos.

Considerações finais

Durante a realização deste estágio, verifiquei duas dificuldades. A primeira, diz respeito ao tempo de utilização do método, que se tivesse um período maior que 5h/aula, para a prática artística dos alunos, e, para as explicações, os resultados poderiam ter sido ainda melhores que os conseguidos. Visto que alguns estudantes ainda resistem a mudar a cor verde e a forma estilizada da copa das árvores, por exemplo. Dessa forma, os desenhos teriam sido desestereotipados por completo, e não parcialmente. E, a segunda dificuldade ficou por conta da falta de continuidade no trabalho de vários alunos, pois cerca de dois terços deles faltaram muito às aulas - uma realidade no Ensino Médio daquela escola, segundo a professora de Artes.

Contudo, pelo tempo que o método pôde ser usado, através da contextualização histórica da linguagem artística do desenho feita por: explanação oral, uso de reproduções de obras e leitura visual empreendida entre comparações de desenhos estereotipados e pessoais com de artistas renomados, a maioria dos alunos “presentes nas aulas” compreendeu o conceito de “desenho estereotipado”, bem como suas principais características formais, cor e forma. Tal conclusão foi verificada na prática, pois a produção dos alunos demonstrou claramente a desconstrução dos estereótipos em seus desenhos, ao recorrerem a alguns processos mentais como desenho de memória visual ou imaginação/fantasia, e pelo uso das técnicas de *frottage*, da colagem e da transferência de imagens, hibridando assim, seus desenhos com outras linguagens, como a pintura e a fotografia, o que os levou à construção de desenhos mais pessoais. Assim, com relação aos objetivos específicos do estágio, creio que estes foram atingidos de maneira satisfatória. Quanto ao objetivo geral, afirmo que este também foi atingido, uma vez que foi possível, por meio do método de desconstrução do estereótipo desenvolvido pela professora Maria Vianna,

desestereotipar os desenhos dos alunos, bem como mediar o ensino do desenho contemporâneo, atuando, dessa forma, em um “campo aberto” a diversas técnicas.

Assim, acredito que as técnicas utilizadas nas práticas, durante o Estágio, tenham complementado o método da professora Vianna, o qual “atacava” os aspectos mais evidentes dos desenhos estereotipados – o desenho mecânico, a esquematização e os artifícios para facilitar o desenho – camuflando dificuldades de representação, com exercícios para compreender as inúmeras possibilidades de desestereotipar um desenho – por meio da observação, da memória visual, ou da fantasia, por exemplo, ou seja, auxiliado na desestereotipização dos desenhos. Verifiquei ainda, que a *frottage* foi a técnica mais bem aceita entre os alunos (alguns disseram nunca ter utilizado, por ser simples e interessante, segundo comentários de muitos deles).

Acerca da minha formação docente, o estágio possibilitou-me a percepção de que a faixa etária em que se encontram os alunos do Ensino Médio foi a que melhor me adaptei para lecionar Artes. Nesse sentido, acredito que este estágio tenha contribuído como um reforço na tomada de consciência acerca do problema do uso dos estereótipos, pois a maioria dos alunos, presentes nas aulas, percebeu que a utilização do desenho estereotipado é bastante pobre em criatividade e expressão. Além disso, a professora de Artes, Nara, mencionou ter gostado do trabalho que realizei com os alunos, e, por isso, já está utilizando as técnicas da *frottage* e da colagem com as suas outras turmas de Artes com lápis de cor, pedaços de telas de material sintético, partes de fibra têxtil vegetal de juta, partes de chapas de eucatex, partes de tapume de construção, e algumas revistas, doados por mim à escola.

Portanto, creio que este trabalho disponibiliza informações para futuras pesquisas acerca do “estereótipo”, auxiliando, assim, na adaptação ou no aperfeiçoamento deste método, ou ainda, na criação de outras metodologias com este tema.

Referências

BARBOSA, Ana Mae Tavares Bastos. **A imagem no ensino da arte**: anos oitenta e novos tempos. São Paulo: Perspectiva, 2005.

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais: arte. 1ª a 4ª série. Brasília: MEC/SEF, 1997. <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro06.pdf>>. Acesso em: 5 maio 2015.

GONÇALVES, Flávio Roberto. **Armas do desenho**: análise da minha produção de 1992 e 1993. 1994. 181 f. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1994.

_____. **Où se trouve le dessin?**: une idée de dessin dans l’art contemporain. Tese de Doutorado em Poéticas Visuais pela Universidade de Paris I – Pantheon Sorbonne, Paris-France, 2000.

JOHN, Richard. **Flávio Gonçalves**: as estratégias do desenho e os percursos não lineares. Projeto Percorso do Artista. Porto Alegre: Sala João Fahrion – Reitoria da UFRGS. Catálogo da exposição, 2012.

MARTINS, Josenei; SILVEIRA, Tatiana dos Santos da. **Didática e Metodologia do Ensino de Artes**. Indaial: UNIASSELVI, 2011.

MOÇO, Anderson. **O percurso do desenho livre de estereótipos**: para que os alunos percebam o valor de seus trabalhos e deixem de lado figuras-padrão, é preciso mostrar que não existe uma única forma de representar um objeto. Disponível em: <http://revistaescola.abril.com.br/arte/pratica-pedagogica/percurso-desenho-livre-estereotipos621813.shtml?page=all&utm_source=redesabril_novaescola&utm_medium=facebook&utm_campaign=mat%C3%A9ria&utm_content=link>. Acesso em: 8 mar. 2016.

PILLAR, Analice Dutra. A metodologia triangular. **Jornal do Projeto**, Porto Alegre, v. 5, n. 9, p. 3, jul. 1993.

PONGE, Robert (Org.). **O surrealismo**. Porto Alegre: editora da Universidade/UFRGS, 1991.

ROSE, Bernice. **Drawing Now**. New York: The Museum of Modern Art. NY, 1976.

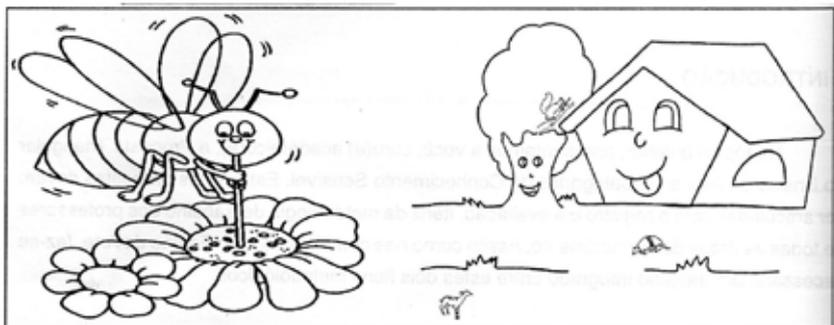
VIANNA, Maria Leticia Rauen. **Desenhos estereotipados**: um mal necessário ou é necessário acabar com este mal? 3 dez. 2012. Disponível em: <<http://artenaescola.org.br/sala-de-leitura/artigos/artigo.php?id=69343>>. Acesso: 18 mar. 2016.

APÊNDICES

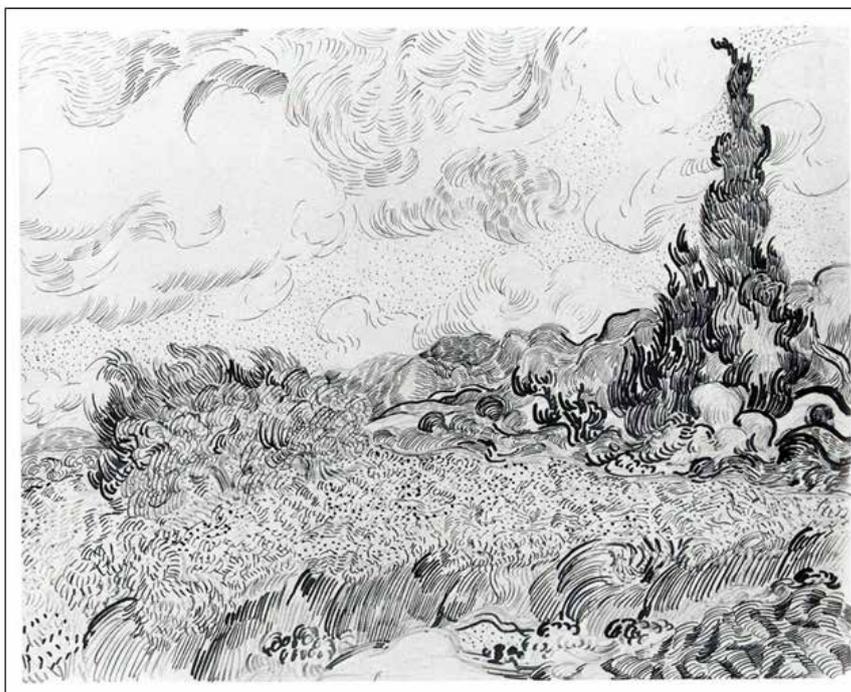
APÊNDICE A – Verificando a presença de estereótipos: a realização, pelos alunos, de um desenho que apresentasse: um coelho, uma cenoura, uma árvore e uma casa



APÊNDICE B – Leitura visual: exemplo de comparação entre uma imagem de desenho estereotipado e a imagem de um desenho de um artista renomado



Fonte: MARTINS, Josenei; SILVEIRA, Tatiana dos Santos da. **Didática e Metodologia do Ensino de Artes**. Indaial: UNIASSELVI, 2011.



VAN GOGH, Vincent. *Seara com ciprestes*, Saint-Rémy, junho de 1889.
Pastel de giz preto, pena e bambu sobre papel, 47 x 62 cm.

Fonte: WALTHER, Ingo. *Vincent Van Gogh 1853 – 1890: Visão e realidade*. Benedikt Taschen, 1990.

APÊNDICE C – Alunos desestereotipando seus desenhos com o auxílio da técnica da *frottage*



APÊNDICE D – Alunos desestereotipando seus desenhos com o auxílio da técnica da colagem

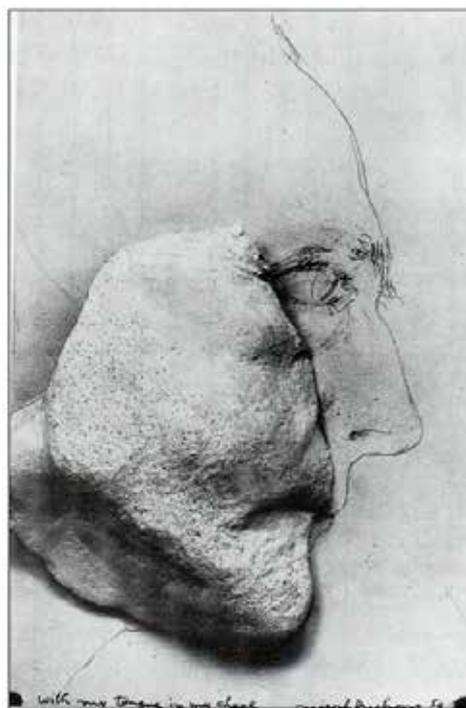




APÊNDICE E – Comparação entre o desenho de uma aluna – relacionando o bidimensional (desenho) e o tridimensional (representação do “sol”: recortado de maneira a dar volume no papel – e o trabalho do artista Marcel Duchamp



GARCIA, Marília. Grafite, lápis de cor, caneta, *frottage* e colagem s/ papel A4.



DUCHAMP, Marcel.
With My Tongue in My Cheek (autor-retrato), 1959.
Assemblage: molde do rosto em gesso e croqui à lápis.

Fonte: KRAUSS, Rosalind. O Fotográfico. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2012.

APÊNDICE F – Alunos desestereotipando seus desenhos com o auxílio da técnica da transferência de imagens



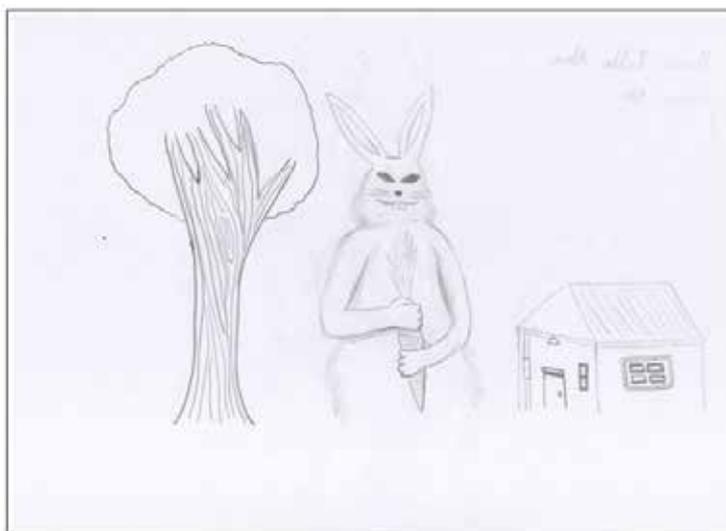


APÊNDICE G – Exposição dos desenhos da turma 104 na parede lateral da sala





APÊNDICE H – Desenho do aluno Talles Alves Nepomuceno (1º dia – desenho estereotipado / 5ª dia – desenho pessoal)





APÊNDICE I – Desenho da aluna Ísis Larissa Hugo Maciel (1º dia – desenho estereotipado / 5º dia – desenho pessoal)



Artigo recebido em 30/05/17. Aceito em 10/07/17.

A EVOLUÇÃO DO ENSINO EM ARTES VISUAIS: desafios e possibilidades - modelagem

The evolution of teaching in visual arts: challenges and possibilities – modeling

Claudia Eink¹

Cleide Mara Bittencurt¹

Resumo: O presente artigo sobre o Estágio Supervisionado II, foi desenvolvido na área de concentração “Didática e Metodologia em Artes Visuais”, tratando da importância do estudo das artes visuais, bem como das variações de materiais e metodologias que podem integrar a prática em sala de aula. Para a prática optou-se pelo tema “A Modelagem e o tridimensional no mundo das Artes Visuais”, destacando as várias possibilidades que nos oferece a modelagem entre os muitos gêneros de escultura. Os resultados da pesquisa evidenciam a importância de pesquisas e estudos constantes por parte do professor, aprimorando-se, conhecendo novas práticas e tendências para melhor desenvolver seu trabalho em sala de aula.

Palavras-chave: Estágio supervisionado. Didática e metodologia. Técnicas de modelagem.

Abstract: This article on Supervised Internship II was developed in the area of Didactics and Methodology in Visual Arts, focusing on the importance of the study of the visual arts, as well as on the variations of materials and methodologies that can integrate the practice in the classroom. For the practice, we chose the theme "Modeling and three-dimensional in the world of the Visual Arts", highlighting the various possibilities offered by modeling among the many genres of sculpture. The results of the research show the importance of constant research and studies by the teacher, improving himself knowing new practices and tendencies to better develop their work in the classroom.

Keywords: Supervised internship. Didactics and methodology. Modeling techniques.

Introdução

Esta pesquisa está imbuída na área de concentração “Didática e Metodologia em Artes Visuais” e trata do tema “A Modelagem e o Tridimensional no mundo das Artes Visuais”. A escolha dessa área de concentração deu-se pela possibilidade, no estudo das artes visuais, de investigar as variações de materiais que podem ser amplamente utilizados nas aulas práticas de artes, indo além dos materiais convencionais e industrializados que são normalmente utilizados ao longo do ano letivo (cartolinas, papéis para dobradura, cola branca, massinha de modelar industrializada, isopor), optando-se por materiais recicláveis (papelão, caixas, potes, plástico, garrafas), sucata (peças de aparelhos quebrados, peças de brinquedos quebrados) e materiais produzidos em sala de aula (papel machê, massinha de modelar, cola caseira). Bem como, o uso de metodologias variadas que possibilitem ao aluno escolher como irá trabalhar.

Já a escolha do tema de regência atentou-se à riqueza que a modelagem representa na cultura brasileira, através das possibilidades que ela nos oferece entre os muitos gêneros de escultura. Além da variedade e facilidade de acesso a materiais que podem ser utilizados para a prática da modelagem, enquanto arte, enquanto artesanato e, em sala de aula, quanto ao ensino de Artes Visuais.

¹ Centro Universitário Leonardo Da Vinci – UNIASSSELVI – Rodovia BR 470 - Km 71 - nº 1.040 – Bairro Benedito – Caixa Postal 191 – 89130-000 – Indaial/SC Fone (47) 3281-9000 – Fax (47) 3281-9090 – Site: www.uniasselvi.com.br

Para o desenvolvimento da fundamentação teórica, tem-se como objetivo geral, compreender os desafios e as possibilidades que se apresentam para a didática e metodologias do ensino em artes visuais na atualidade diante do apelo à reciclagem e ao reaproveitamento de rejeitos sólidos industriais para uso artístico e didático. Tendo também como objetivos específicos: citar os problemas que a enorme produção de lixo tem gerado; conhecer artistas que retiram do lixo matéria-prima para suas obras; estimular o reaproveitamento de materiais e o fazer artístico no contexto escolar nas aulas de artes.

Para que seja desenvolvida a prática sobre o tema “Modelagem”, o objetivo geral é identificar diferentes técnicas e materiais possíveis para esta. Apresentando-se como objetivos específicos: conhecer a técnica de modelagem, suas características e materiais utilizados ao longo do tempo; destacar as esculturas e os relevos remanescentes de diferentes povos, tempos e espaços; e perceber a gama de técnicas e materiais que podem servir como matéria-prima para uma criação em modelagem na atualidade.

A fim de alcançar os objetivos, foram disponibilizadas diferentes metodologias. Iniciando-se com a aula teórica expositivo-dialogada, para apresentar o tema modelagem, conceituando-o e situando ao longo da história de diferentes povos e de sua arte. Além de apresentar diferentes materiais passíveis à modelagem, bem como suas técnicas. Uma delas é a atividade prática com a argila, realizando-se rapidamente algumas técnicas de modelagem. Em outro momento, há a produção de papel machê, cola caseira e material para papietagem. Por fim, em grupos, os alunos modelam, devendo apresentar peças diversas com argila, papel machê e papietagem, ou seja, aplicando a teoria à prática.

O artigo divide-se basicamente em três sessões: fundamentação teórica; desenvolvimento do tema no estágio curricular; vivência do estágio; e considerações finais (impressões) sobre o estágio.

Do lixo borbulha arte e cidadania

O destino para o lixo industrial e urbano, cuja produção tem aumentado consideravelmente nos últimos anos, é um dos mais sérios problemas enfrentados atualmente. Seu destino inadequado, em aterros sanitários e lixões sem planejamento e/ou fiscalização, além do seu simples acúmulo em ruas, becos ou terrenos baldios, provoca a degradação do meio ambiente e a contaminação dos mananciais de água e do solo em larga escala.

É extremamente comum vermos resíduos pequenos (garrafas PET, plásticos dos mais variados tipos, papéis, metais, vidros, isopor etc.) e resíduos de grande porte (eletrodomésticos, móveis, pneus etc.) nas ruas, nos rios, em meio à vegetação ou se aglomerando em lixões e aterros sanitários. São objetos que levam de dezenas a centenas de anos para se decompor e que poderiam ser amplamente utilizados pela indústria, na reciclagem ou reaproveitados em uma série de projetos no âmbito doméstico e artístico.

Nas décadas de 60 e 70, época que coincide com o surgimento da chamada “arte contemporânea”, os ecologistas eram considerados pessoas “sonhadoras” e “utopistas”. Suas ideias eram vistas como “empecilhos” ao desenvolvimento econômico, uma vez que faziam sérias críticas ao consumismo e à exploração abusiva dos recursos naturais do planeta. São desta época, vertentes como Land Art, Environment Art, Earth Art e outras que, buscando uma nova lógica que compreendesse as relações humanas e ambientais de maneira mais crítica, sensível e autêntica, frente aos padrões sociais vigentes, utilizaram-se de variadas linguagens em busca de uma retomada da relação primordial do ser humano com o meio ambiente e a retomada relacional com seus elementos e seres, em alguns casos resgatando ou buscando preservar culturas ancestrais (ARCHER, 2001 apud RODRIGUES, 2013, p. 3027).

Desde essa época até os tempos atuais, ampliou-se a discussão sobre a ecologia nas práticas contemporâneas das artes visuais, tendo ganhado muito espaço em programas que incentivam a preservação do meio ambiente e, entre muitas medidas, estimulam a reciclagem e o reaproveitamento destes resíduos no nível industrial, doméstico e nas instituições escolares, fazendo uso dos rejeitos enquanto potencialidade artística.

A importância do reaproveitamento nos tempos de consumo – muitas vezes inconsequente – pode ser um caminho pedagógico para a produção prática em Arte - Educação e também para que se possa gerar consciência sobre o impacto que a produção excedente de resíduos inorgânicos por nós seres humanos causa ao meio ambiente e a sociedade (SOUZA, 2013, p. 12).

Deste modo, a arte nos mostra que é possível se aliar ao discurso ambientalista e realizar importantes obras de arte a partir do reaproveitamento dos mais variados materiais dispensados nas lixeiras. Essa ação propõe possibilidade de se fazer arte com poucos recursos, se apropriando da criatividade.

Um dos resíduos que mais gera dúvidas, quanto ao seu descarte correto, é o lixo eletrônico que, na maioria das vezes, acaba sendo descartado em meio ao lixo comum ou jogado a céu aberto sem qualquer preocupação, podendo causar danos à natureza e à saúde humana, devido aos componentes químicos que compõem certas peças, por exemplo, a bateria. Diante do avanço da tecnologia, muitos equipamentos eletrônicos, como celulares, computadores e impressoras são descartados a todo o momento, por estarem ultrapassados ou com defeitos, sendo substituídos por versões mais modernas e, assim, são geradas, no mundo todo, milhares de toneladas de lixo eletrônico por ano.

Diante do exposto, um artista plástico mineiro, Fábio Vidotti, usou toda a sua criatividade para transformar a sucata eletrônica em belas obras de arte. Criou várias obras com o lixo eletrônico que recebeu como doação. Sendo que 23 painéis feitos com restos de computador, madeira e várias cores de tinta, foram para uma exposição intitulada “Poesia e Forma em Reciclagem”.

Outro exemplo do reaproveitamento de diferentes materiais é a Arte Povera, citada por Souza, que basicamente propõe a criação de cenas e esculturas feitas a partir de materiais do cotidiano. Isto é um belo exemplo de como materiais aparentemente sem qualquer teor artístico, ao serem dispostos lado a lado ou um sobre o outro, de forma momentânea ou definitiva, podem resultar em obras bastante apreciadas, provocando “reflexões sobre a criatividade a serviço da transformação social” (SOUZA, 2013, p. 12).

Neste mesmo viés, Jason Mecier, artista plástico americano, desenvolve retratos de suas celebridades favoritas a partir de materiais encontrados no lixo, especialmente a partir de lixo cedido pela própria celebridade. Jason coleta do lixo resíduos de diferentes tamanhos e cores para trabalhar o relevo, a luz e a sombra em um grande mosaico em 3D, dando assim, a forma ao rosto das celebridades. Com tamanha perfeição, os materiais são dispostos, integram-se e, ao visualizar a obra, percebe-se claramente a quem ela se refere. São materiais variados e inusitados como cápsulas de comprimidos, latas de aerossol e refrigerante, garrafas, fios, pedaços de pneu, fitas de videocassete, copos de vinho, garrafa de vodca, pentes afro, fios de telefone enrolados, botões antigos, conchas, feijão, macarrão, qualquer coisa que dê para ser usado, o artista consegue reaproveitar para dar vida a seus retratos (BIZZARRI, 2011).

Rodrigues (2013) em sua pesquisa traz o renomado artista plástico brasileiro Vik Muniz que também faz uso de material de sucata em muitos de seus trabalhos, arte efêmera, ou seja, de curta duração, eternizada por meio da fotografia, cujas principais obras fazem parte do documentário “Lixo Extraordinário”, no qual pretende discutir as relações do ser humano

com o espaço ao seu redor. O documentário, produzido por Vik Muniz, surgiu a partir da série “Imagens do lixo”, com sucata recolhida a partir da sua convivência com os trabalhadores do aterro sanitário do Jardim Gramacho no Rio de Janeiro. O trabalho é constituído por imagens gigantescas projetadas em uma superfície com as dimensões próximas de uma piscina olímpica, desenhada, contornada e texturizada pela sucata selecionada no aterro, em Gramacho, com a ajuda dos funcionários do aterro que se tornam seus assistentes e ao mesmo tempo modelos.

Ainda no tocante a fazer arte com materiais inusitados, cita-se conforme Nunes (2011) artistas como o paulistano Douglas Okura, que produz luminárias com embalagens plásticas e garrafas PET, e o trabalho da *designer* de joias e artista plástica brasileira Mana Bernardes, que transforma garrafas PET, cartões telefônicos, palitos e até canetas Bic em joias lindas feitas artesanalmente.

Frente a estes exemplos, percebe-se que é possível o fazer artístico diante de sucata, diante de rejeitos, materiais aparentemente sem serventia alguma, nascendo obras e aliviando os danos ao meio ambiente.

A maioria dos artistas inicia seus projetos por si só, diante dos materiais nascem as ideias. No entanto, há trabalhos que iniciam em ateliês, nos quais interagem mestres e aprendizes, da mesma forma, há ideias que nascem em mesas escolares, da interação entre professores e alunos.

Entende-se, assim, que o trabalho com material reciclável como instrumento de ensino, especialmente, em artes visuais, é um passo importante para que a escola faça o seu papel de formadora de cidadãos críticos e democráticos. O reaproveitamento de materiais que iriam para o lixo urbano, remete à conscientização de cidadania no aluno, trabalhando sua sensibilização com relação ao meio ambiente, sua responsabilidade e sua compreensão sobre o uso racional dos recursos naturais, uma vez que esse material, se utilizado de maneira planejada, pode se transformar também em uma excelente ferramenta pedagógica no contexto escolar.

Todo processo de criação inicia tímido, alguns alunos lidarão melhor, ou seja, apresentando mais jeito com determinados materiais. A sala de aula será, portanto, espaço de aprendizado, compreensão e crescimento. De uma aula pode sair uma produção artística original, e de um aluno pode evoluir um futuro artista. Se assim não for, fica a experiência, a diversão, o contato com o diferente, onde escola, professor e aluno, abertos ao desafio, chegarão ao conhecimento.

Desenvolvimento do tema no estágio curricular

O tema escolhido para a prática do estágio foi “A Modelagem e o tridimensional no mundo das Artes Visuais”, cuja prática consiste em moldar, dando forma manualmente, materiais maleáveis, transformando-os em objetos tridimensionais. Mesmo em meio às tecnologias atuais e avanços nas técnicas de modelagem e acabamento das peças, ela ainda é bastante artesanal e sofreu poucas alterações ao longo dos séculos. Essa prática proporciona a visão de todos os ângulos e lados da estrutura, uma vez que apresenta largura, altura e profundidade, podendo ser uma escultura de vulto redondo ou uma escultura de alto relevo, além de apresentar diferentes texturas, conforme o material utilizado ou o acabamento que a peça recebe, sendo os materiais mais utilizados atualmente na modelagem o gesso, a cera, a massa epóxi, a massinha de modelar, o biscuit, o papel machê, a papietagem e, claro, a argila. Assim, será apresentado posteriormente como tal tema foi desenvolvido no estágio, em cinco aulas.

Vivência do estágio

O estágio supervisionado foi realizado em duas etapas (a observação entre março e abril de 2016; e a regência em maio) na Escola de Educação Básica João Tolentino Júnior, localizada no centro de Presidente Nereu, Santa Catarina.

Para a realização das observações, inicialmente, conversou-se com o diretor da unidade escolar, para quem se expôs a necessidade de realização do estágio e a proposta do tema a ser desenvolvido. Em seguida com o supervisor de políticas e planejamento educacional da 14ª Gerência Regional de Educação, de Ibirama, responsável, entre outras atividades, pelo setor de estágios. E, por fim, acertaram-se os detalhes do estágio com a professora de Artes da instituição, que se mostrou favorável e prestativa para a realização das observações e regências.

Nas horas de observação, percebeu-se que a Escola de Educação Básica João Tolentino Júnior atende a alunos das Séries Finais do Ensino Fundamental (6º ao 9º ano) nos períodos matutino e vespertino, contando com uma turma de cada série em cada período, no total, são 137 alunos matriculados nos anos finais. Ainda, no matutino e vespertino, há uma turma de SAEDE e uma turma de PENOA (Programa Novas Oportunidades de Aprendizagem). Além disso, contam, também, com alunos do Ensino Médio (1ª a 3ª anos), no período noturno, totalizando 55 alunos. Os alunos recebem anualmente material escolar, além dos livros do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD). A escola tem um total de 23 funcionários, sendo 4 administrativos, 15 professores, 2 serventes e 2 cozinheiras, estas últimas de empresa terceirizada. Dentre os 15 professores que atuam na escola, em 2016, 06 são efetivos e 09 são ACTs, sendo a maior parte graduada e lecionando na sua área de formação.

Quanto à estrutura constatou-se que a Escola Estadual João Tolentino Júnior está localizada, no centro, à Rua Roberto Jungklaus - nº 98, cujo prédio foi construído em 1969 e, desde lá, passou por várias reformas e ampliações, sendo todo em alvenaria com aspecto agradável, embora sua planta seja mal distribuída. Por não ter sido construído todo de uma vez, necessita de pintura e de reforma dos telhados e calhas. Quanto ao estado de conservação, é limpo e organizado, tanto interna quanto externamente, há salas de aula suficientes, bem como banheiros e depósitos, há pátio coberto na entrada e anexo ao refeitório nos fundos, e pátio aberto à frente e aos fundos, limpos e com ajardinamento, sendo um bom espaço para recreio/lazer. Para a prática de Educação Física, a escola conta com uma quadra aberta no pátio da escola e com um ginásio de esportes em anexo. Quanto ao mobiliário, tem-se em quantidade suficiente e em bom estado. A escola atende parcialmente aos requisitos de acessibilidade para pessoas com necessidades especiais, tendo banheiro para cadeirante, rampas nas calçadas e entrada das portas. No tocante a tecnologias e materiais, a escola é bem servida, contando com vários computadores para uso de professores e alunos, todos conectados à internet e impressoras, contando também com bom número de aparelhos de TV, DVD, Datashow e Micro system.

Em conversa com a professora que leciona Artes, na Escola Estadual João Tolentino Júnior, constatou-se que esta é habilitada em Pedagogia e Educação Física e pós-graduada em Práticas Pedagógicas Interdisciplinares: Ênfase em Educação Física e, que sua relação com a educação já tem 16 anos, destes, quatro anos de experiência com Artes e sete meses nesta instituição, onde atualmente é ACT com regime de trabalho de trinta horas semanais. É natural de Vidal Ramos, morando há dois anos em Presidente Nereu, atuando também como professora de dança na Secretaria Municipal de Cultura. Quando iniciou sua carreira na educação, tinha como formação o Ensino Médio de educação geral e sua maior preocupação era cursar uma graduação e especialmente trabalhar na área de sua formação. Acredita na educação enquanto transformadora da sociedade. Sua relação com os alunos é boa, a professora deixa bem claras as regras em sala de aula e o que espera de cada aluno. Tenta sempre promover a integração entre os colegas, explorando atividades em grupos, como apresentações de pesquisas e dramatizações. A professora participa de todos os cursos nos quais a escola está contemplada pela GERED ou SED, além de buscar cursos particulares para sua formação, considerando fundamental a qualquer professor estar sempre em busca de mais conhecimento e troca de informações com outros

profissionais da educação. A professora acredita que tem alcançado suas metas e expectativas quanto à profissão e quanto à disciplina de Artes.

As aulas observadas mostraram que, no cotidiano em sala de aula, a professora desenvolve aulas que integram teoria e prática, fazendo uso de uma série de materiais pedagógicos, entre eles os tecnológicos, como computador e Datashow, *tablet*, celular e inúmeros recursos da internet. Nas aulas práticas, faz uso de uma série de materiais alternativos na confecção de trabalhos e na realização de atividades com os alunos.

A observação mostrou que a turma 8º ano I é constituída por vinte e um alunos (doze meninos e nove meninas), entre treze e dezesseis anos de idade. De modo geral, são alunos disciplinados e organizados, receptivos ao planejamento da professora, realizando bem suas atividades, sendo participativos nas discussões acerca do conteúdo trabalhado, porém alguns são mais lentos e menos receptivos, não sendo tão dedicados ou atenciosos com seus trabalhos, mas todos o fazem. Há bastante conversa paralela na turma durante a realização das atividades práticas, mas não se alteram. Em grande parte, demonstram interesse nas aulas, com alguns casos de dispersão, são participativos e se animam diante de aulas práticas, cooperando com o bom andamento das aulas atendendo às solicitações da professora, sendo respeitosos, porém no trato entre colegas são comuns palavras e piadas depreciativas em meio às conversas.

No que concerne à regência, teve como tema “A Modelagem e o tridimensional no mundo das Artes Visuais”. Seu início deu-se com aula expositivo-dialogada, com apoio de *slides*, introduzindo o tema modelagem (conceito, origem, evolução ao longo da história, imagens de esculturas e relevos produzidos por meio de diferentes técnicas de modelagem e diversos materiais, de diferentes períodos históricos e atuais). Apresentaram-se diferentes materiais passíveis à modelagem (argila, gesso, epóxi, massinha de modelar industrial e caseira, papel machê, papietagem). Atividade que ocupou uma aula e que foi marcada por questionamentos e exemplificações. Como tarefa, pediu-se para os alunos assistirem a vídeos sobre modelagem com argila.

Dando sequência, com o apoio de *slides*, exibiram-se imagens referentes à prática da modelagem no Brasil na atualidade, especialmente a cerâmica. Em seguida, apresentou-se aos alunos o material: argila. Os alunos puderam manuseá-lo e modelá conforme o desejado, amassando a argila, testando a técnica das colombinas, de bloco, de placa, da adição e da subtração de materiais. Cada técnica foi vista rapidamente, uma vez que o objetivo nesta aula não era modelar uma peça em si, mas tomar conhecimento do material e de algumas técnicas da modelagem com argila. Na falta de estacas, utilizou-se instrumentos alternativos como palitos e facas sem ponta e como tarefa pediu-se para os alunos assistirem a vídeos sobre produção de cola caseira e papel machê.

Como atividade seguinte, portando os equipamentos e materiais necessários (liquidificador, papel higiênico, água morna, cola, peneira, toalha, bacias) produziu-se uma receita de papel machê, direcionada pela estagiária, mas com ajuda dos alunos. Depois de pronta, a massa foi acondicionada em saco plástico para uso na próxima aula. Em seguida, foram rasgados papel jornal e papel kraft a serem usados na papietagem em aula seguinte. Em sala leu-se a receita de cola caseira à base de água, trigo e vinagre, fez-se a mistura dos ingredientes, mas esta não foi produzida com fogareiro em sala como previsto, pois o fogareiro da sala de Ciências estava estragado, então foi-se à cozinha e usou-se o fogão. Pronta a cola, quando morna foi acondicionada em um pote plástico para ser usada na papietagem em aula seguinte. Nesta aula, realizou-se o sorteio dos grupos, indicando os materiais que cada grupo usaria na modelagem na 4ª e 5ª aulas da regência. Como tarefa pediu-se para os alunos assistir a vídeos sobre modelagem com argila, papel machê e papietagem.

Como última atividade, ocupando duas aulas, houve a elaboração em pequenos grupos, de esculturas ou relevos com a argila, produzidos anteriormente, com uso de papel machê, jor-

nal, papel Kraft e a cola caseira, pela técnica da papietagem. A pedido da professora/estagiária, a professora de Artes cedeu algum tempo da aula seguinte para se dar acabamento nas peças e organizá-las para uma breve exposição no pátio da escola.

Percebeu-se razoável interesse dos alunos pelo tema. Houve alguma dispersão na parte teórica por poucos alunos, mas de modo geral foram atenciosos e disciplinados. Nas aulas práticas, os alunos apresentaram interesse em modelar, porém não se planejaram anteriormente para o que iriam fazer em sala. As massas, a cola e os papéis, além de uma série de outros materiais foram apresentados pela estagiária, porém os alunos nada trouxeram, ficaram muito aquém do esperado. Não assistiram aos vídeos como pedido, apenas um aluno trouxe a foto do que pretendia modelar. Ocorreram conversas paralelas, alguns abandonavam seus afazeres, e poucos seguiram as instruções recebidas nas aulas teóricas, exceto o grupo do trabalho com a argila, que desempenhou-se melhor.

A avaliação deu-se por meio de observação, análise do envolvimento e empenho dos alunos com as atividades realizadas durante a regência, cujas observações foram repassadas à professora regente de Artes.

Considerações finais

No estágio percebeu-se como é estar nas duas situações do processo de ensino e aprendizagem. Durante a observação sentir-se novamente aluno, relembrar os anos escolares, de prestar atenção no que o professor ensina, de estudar. Durante a regência, sentir-se professor de Artes, planejar aulas, pesquisar com antecedência os assuntos, separar materiais, preocupar-se em fazer um bom trabalho, sentir aquele nervosismo frente aos estudantes.

De modo geral, o processo de regência foi bem-sucedido, embora as aulas não tenham decorrido exatamente como o planejado e imaginado. As datas estabelecidas no cronograma puderam ser cumpridas, porém esperava-se maior empenho dos alunos.

No que diz respeito à realização do estágio supervisionado, mesmo diante de vinte anos de experiência em sala de aula, foi bastante enriquecedora. A escolha do tema, da sequência das aulas e seleção dos materiais foi sempre pensada de forma a atrair a atenção dos alunos, mas nem sempre se conseguiu.

Assim, conclui-se que o estágio supervisionado é uma pequena amostra do que é o cotidiano em sala de aula e deixa claro que a busca por aprimoramento didático e metodológico tem que ser constante por parte de todo e qualquer professor, independente de há quantos anos ele leciona.

Referências

BIZZARRI, L. **Artista plástico cria retratos de celebridades com materiais encontrados no lixo**. 2011. Disponível em: <<http://www.coletivo-verde.com.br/retratos-celebridades/>>. Acesso em: 25 abr. 2016.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

CENTRO UNIVERSITÁRIO LEONARDO DA VINCI – UNIASSELVI. **Diretrizes e Regulamento de Estágio e Projeto de Ensino: Licenciatura em Artes Visuais**. Educação a Distância. Indaial, 2015.

FRAGMAC. Artista plástico transforma lixo eletrônico em obra de arte. 2012. Disponível em: <<http://www.fragmaq.com.br/blog/reciclagem-residuos-solidos/artista-plastico-transforma-lixo-eletronico-em-obra-de-arte/>> Acesso em: 25 abr. 2016.

MOREIRA, R. K. **Modelagem**. Indaial: UNIASSELVI, 2011.

NAVARRO, S. **Técnica de rolo/"columbina"**. Disponível em: <<http://fotoarchaeology.blogspot.com.br/2011/03/tecnica-de-rolos-columbinas.html>>. Acesso em: 8 maio 2017.

NUNES, J. A. **A produção de brinquedos com material reciclável, um material didático para o professor arte-educador**. Universidade Aberta Do Brasil - Universidade De Brasília - Instituto De Artes - Departamento de Artes Visuais. Barretos, SP, Novembro, 2011. Disponível em: <http://bdm.unb.br/bitstream/10483/445_3/1/2011_JoseAntonioNunes.pdf>. Acesso em: 25 abr. 2016.

RODRIGUES, S. F. **Cultura visual e reeducação do olhar: Arte Educação e Educação Ambiental**. IV Encontro Nacional de Estudos da Imagem - I Encontro Internacional de Estudos da Imagem. Londrina – PR. 2013. Disponível em: <<http://www.uel.br/eventos/eneimagem/2013/anais2013/trabalhos/pdf/Sirlene%20Felisberto%20Rodrigues.pdf>>. Acesso em: 25 abr. 2016.

SANTA CATARINA. Governo do Estado. Secretaria Estadual da Educação. **Proposta Curricular de Santa Catarina: Formação Integral na Educação Básica**. Florianópolis: 2014. Disponível em: <>. Acesso em: 30 mar. 2015.

SOUZA, Filipe Augusto Alves De. **O reaproveitamento residual em espaço expositivo: alternativas materiais para oficinas, estratégias para coleta e conscientização**. Universidade de Brasília - Instituto de Artes - Departamento de Artes Visuais. Brasília, 2013. Disponível em: <http://bdm.unb.br/bitstream/10483/7522/1/2_013_FilipeAugustoAlvesdeSouza.pdf>. Acesso em: 25 abr. 2016.

Links dos vídeos:

APRENDA a fazer um trabalho com argila. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=6d6Af2zz2Gs>>. Acesso em: 8 maio 2017.

ARTESANATO: escultura pokemon de papel machê. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=_nCr3Tr5BT8>. Acesso em: 8 maio 2017.

CERÂMICA técnica de bola pedro ferreira. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MX_LXAUcKI4>. Acesso em: 8 maio 2017.

COLA caseira para artesanato - fátima paulista. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=YstXMmB1O9Y>>. Acesso em: 8 maio 2017.

COMO amassar argila - atelier de cerâmica. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=PP3WeMzkwfs>>. Acesso em: 8 maio 2017.

COMO fazer cola branca caseira para papel, handmade glue to use with paper. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=I-55YR7qgFk>>. Acesso em: 8 maio 2017.

COMO fazer massa de papel machê - pappmaché - (handcrafts). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=4bH8TmClyh4>>. Acesso em: 8 maio 2017.

DIY - jarro de jornal (parte1) pitcher newspaper (part 1). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=v93eRCkhJms>>. Acesso em: 8 maio 2017.

FRUTEIRA de papel machê - fruit bowl of paper mache - tazón de frutas sandía de papel maché. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=kVpRV XZaHxk>>. Acesso em: 08 maio 2017.

MASSA de papel mache (handcrafts) - artesanato em papier-mâché. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=H5Y4-MK1TIY>>. Acesso em: 8 maio 2017.

O barro - veja como é feito uma panela de barro. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=72oRdvshU_g>. Acesso em: 8 maio 2017.

TARTARUGA escultura de papel: feito a mão artesanato papietagem. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=xRKqdiY1Mnk>>. Acesso em: 8 maio 2017.

Artigo recebido em 30/05/17. Aceito em 10/07/17.

CONHECENDO A HISTÓRIA DA ARTE: da Pré-história até o Impressionismo

Knowing the history of art: from prehistory to impressionism

Carla Fernanda Costa Matsumoto¹

Ester Zingano¹

Resumo: O ensino sobre períodos da História da Arte permite o conhecimento sobre a criação e a expressão de diversas formas artísticas, e também sobre o desenvolvimento histórico-cultural das civilizações. A metodologia deste ensino deve compreender o aprimoramento teórico e prático do aluno, contextualizando os momentos históricos da arte, e aprofundando-os durante atividades práticas para o desenvolvimento criativo e artístico do aluno. A criação de um Livro de Artista como proposta prática possibilita colocar em prática os conhecimentos adquiridos sobre as características dos períodos da arte, utilizando diversas técnicas como colagem e pintura, em uma mesma obra artística.

Palavras-chave: Metodologia de ensino. História da arte. Livro de artista.

Abstract: Teaching about periods of Art History allows knowledge about the creation and expression of various artistic forms, as well as the historical-cultural development of civilizations. The methodology of this teaching should include the theoretical and practical improvement of the student, contextualizing the historical moments of art, and deepening them during practical activities for the creative and artistic development of the student. The creation of an artist's book as a practical proposal makes it possible to put into practice the knowledge acquired about the characteristics of the periods of art, using various techniques such as collage and painting, in the same artistic work.

Keywords: Teaching Methodology. History of Art. Artist's Book.

Introdução

A metodologia para área de artes deve ser pensada de acordo com os conteúdos que serão abordados, visando à contextualização e à reflexão dos alunos. É necessário conhecer as particularidades envolvidas acerca da realidade escolar para o desenvolvimento deste processo, pois isto permitirá criar uma metodologia mais organizada e eficaz para o efetivo aprendizado do educando.

O ensino sobre os períodos artísticos, através da linha do tempo da História da Arte, possibilita evidenciar a evolução dos conhecimentos e o desenvolvimento artístico e cultural dos povos, destacando as principais características de cada momento da arte, com o objetivo de relembrar e aprimorar os conhecimentos históricos de cada aluno.

Desta maneira, durante as regências do estágio III, foi desenvolvido o ensino sobre os períodos da História da Arte, da Arte Rupestre até o Impressionismo, buscando a contextualização e a reflexão sobre estes momentos. Os conteúdos que posteriormente foram trabalhados na produção prática de um “Livro de Artista” pelos alunos, para desenvolvimento artístico e criativo dos mesmos.

¹ Centro Universitário Leonardo Da Vinci – UNIASSELVI – Rodovia BR 470 - Km 71 - nº 1.040 – Bairro Benedito – Caixa Postal 191 – 89130-000 – Indaial/SC Fone (47) 3281-9000 – Fax (47) 3281-9090 – Site: www.uniasselvi.com.br

Didática e metodologia em artes visuais

Estudos e conhecimentos acumulados pela humanidade são transformados em conteúdos para o aprendizado dos educandos. Sendo assim, é importante que os professores busquem alcançar uma boa e contínua formação, obtendo sólidos conhecimentos e assim desenvolver uma didática e métodos de ensino eficazes destes conteúdos. As autoras Ferraz e Fusari (2009, p. 141) dizem que: “a metodologia educativa na área artística inclui, portanto, escolhas pessoais e profissionais do professor quanto aos *conteúdos de arte*, que são contextualizados e organizados para que o aluno possa fazer, sentir, apreciar e refletir sobre a arte”. Portanto, é a partir destas escolhas e continuação de seus estudos e pesquisas, que o professor conseguirá desenvolver e aprimorar seu método educativo.

As autoras ainda afirmam que é necessário para o processo de ensino dos conteúdos de artes que o professor conheça particularidades de cada classe, dos grupos de alunos e de cada aluno individualmente, observando a compreensão acerca da resposta de cada situação apresentada, para desta forma propor um ensino-aprendizagem mais significativo, que desperte o interesse do aluno e o ajude a relacionar o conteúdo apresentado com os conhecimentos já adquiridos.

A metodologia de ensino deve ser pensada e organizada para a compreensão dos conteúdos escolares, utilizando-se dos possíveis e diferentes métodos de ensino. Sobre os desafios da realidade da educação e a criação de metodologias para o ensino, Bredariolli (2012, p. 9) explica:

As receitas, os métodos, as metodologias, são importantes como formas abstratas de organização, de sistematização, uma constituição de sentido que aplaca nossa sensação de insegurança diante da condição movediça daquilo que chamamos realidade. No entanto, efetivamente, é em nossa relação com cada uma dessas nossas realidades - aliando aquilo que sabemos às situações concretas que vivemos, em meio ao erro, à instabilidade, à confusão, ao inesperado - que podemos encontrar os modos de agir, o como fazer, os caminhos possíveis para o enfrentamento do difícil, mas da mesma forma valoroso, trabalho educativo. É, pois, desse enfrentamento, incômodo por vezes, com as nossas reais condições de trabalho que são criados e recriados os caminhos, as receitas, os métodos e as metodologias para realizar o mais próximo possível daquilo que compreendemos ensinar arte.

De acordo com a autora, percebe-se que dificuldades que ocorrem no cotidiano escolar, como falta de recursos materiais ou sala própria para as práticas de artes, devem ser consideradas anteriormente ao desenvolvimento de um método de ensino. Nestas condições, criar uma metodologia de ensino de artes muitas vezes pode não ser uma tarefa fácil, mas esta deve ser realizada buscando caminhos adequados de acordo com as realidades observadas no ambiente escolar, para que assim ocorra da melhor forma a aprendizagem dos alunos.

Portanto, a metodologia pode ser compreendida como o todo de um conjunto que integra a concepção de arte, a educação, conteúdos escolhidos, condições de trabalho e objetivos que se deseja alcançar (BREDARIOLLI, 2012). E, neste contexto, a seleção dos conteúdos para o ensino durante as regências do estágio foi feita de acordo com o tema proposto pelo professor regente, o qual deveria ser abordado sobre determinados períodos históricos da arte. E durante o processo de planejamento das aulas, foi levado em consideração o espaço, os recursos e o tempo disponível para a realização das aulas, para então criar o melhor método didático de apresentação do conteúdo e também de atividade prática que possibilitasse o aprofundamento e a reflexão sobre os conteúdos estudados.

O ensino sobre os períodos históricos da arte

Através da Arte, o ser humano pode se expressar e comunicar sentimentos, emoções e ideias, utilizando as diversas linguagens artísticas como a pintura, a escultura, a dança, a arquitetura, entre outras. No decorrer do crescimento das civilizações antigas, é possível ver a arte como parte importante da cultura e história destes povos, como explica Strickland e Boswell (2004, p. 2):

A arte nasceu há cerca de 25 mil anos a.C. [...]. O aumento da inteligência trouxe a imaginação e a habilidade de criar imagens esculpidas e pintadas. A arquitetura nasceu com a construção de monumentos destinados a rituais. Durante milhares de anos, acompanhando a ascensão e a queda de cada civilização, essas três formas de arte – pintura, escultura e arquitetura – encarnaram as ambições, os sonhos e os valores da cultura. Embora os primeiros artistas fossem anônimos, muito do que sabemos sobre as sociedades antigas vêm da arte que nos legaram.

Proença (2014) também explica que a arte precisa ser vista como algo que está inteiramente ligado à cultura e aos sentimentos dos povos, que na Pré-história retratou elementos do meio natural, e em outros momentos representou divindades das antigas civilizações ou sentimentos religiosos. A arte também em diversos momentos retratou situações sociais, sendo considerada desta forma como um verdadeiro testemunho histórico.

Sendo assim, o ensino de Artes possibilita o conhecimento sobre especificidades das artes desenvolvidas e o contexto histórico que estão relacionados a cada período da História da Arte. Desde a Pré-história, verifica-se a necessidade do homem de expressar sua realidade de acordo com sua percepção, e esta busca para representar a realidade ou expressar algo evoluiu com o passar do tempo em cada época.

Períodos históricos: resumo e principais características

Os períodos da arte e suas características, que serão apresentados no decorrer deste tópico, estão de acordo com a proposta do professor regente, que solicitou fazer um panorama dos períodos da arte: Arte Rupestre até Impressionismo. E este conteúdo foi apresentado numa sequência de acordo com o vídeo “*Linha do Tempo – História da Arte*”, o qual foi mostrado durante a regência do estágio, sendo escolhido por fazer uma breve apresentação sobre cada um destes períodos artísticos de forma objetiva e dinâmica. E após o vídeo, a aula foi desenvolvida com explicações adicionais sobre cada período, conforme pode ser observado no decorrer deste texto.

Ao iniciar o estudo pela linha do tempo da História da Arte, observa-se a primeira forma de arte produzida pelo homem da Pré-história, a Arte Rupestre. Desde a Pré-história o homem produz marcas e registros de sua realidade. Pinturas em cavernas, esculturas e artefatos descobertos em escavações, mostram informações sobre como o homem pré-histórico vivia, desenvolvia sua cultura e costumes. São considerados artistas anônimos e pioneiros, que não assinavam suas obras, e que associavam suas criações a rituais e crenças religiosas (OLIVEIRA; GARCEZ, 2004).

Avançando na linha do tempo, chega-se no período da Arte Antiga, abordando sobre a arte no Egito, entre os anos de 4.000 e 1.000 a.C., Oliveira e Garcez (2004) descrevem que houve um grande desenvolvimento de diversos conhecimentos artísticos, da arquitetura, do desenho e pintura, e da escultura. As produções artísticas dos egípcios estavam ligadas à ideia da eternidade, da vida após a morte, e as pirâmides eram feitas para serem túmulos dos faraós e para conter todos os objetos e riquezas pertencentes ao mesmo.

De acordo com Proença (2014), inicialmente o povo grego se inspirou nas obras artísticas do povo egípcio, mas com o tempo criaram seu estilo próprio de arte. Os artistas gregos presavam pelo equilíbrio da forma, pintavam cerâmicas com temas relacionados ao cotidiano e à mitologia grega e desenvolveram templos para glorificar seus deuses.

A Grécia influenciou o desenvolvimento da civilização ocidental, sendo fonte de inspiração para pensadores e artistas, esculpiram obras em mármore branco que tinham equilíbrio, harmonia, proporções e elegância (OLIVEIRA; GARCEZ, 2004). A figura humana era o tema principal da arte grega, e eles desenvolveram um amplo conhecimento sobre esta área artística (STRICKLAND; BOSWELL, 2004).

Roma e sua formação cultural sofreu influência do povo grego e do povo etrusco, desta maneira, a arte romana assimilou da arte grega a busca pelo ideal de beleza e da arte etrusca a preocupação em expressar a realidade (PROENÇA, 2014).

Os artistas romanos produziam artes para homenagear líderes, poderosos e triunfos de sua história. Segundo Oliveira e Garcez (2004), ao conquistarem a Grécia, os romanos ficaram fascinados pela arte grega, mas com o tempo criaram seu estilo próprio de arte, desenvolvendo pinturas realistas em paredes, mosaicos, esculturas cívicas em honra ao império.

Seguindo na linha do tempo do estudo histórico e artístico do homem, tem-se o período da Idade Média. Este período compreende o milênio entre os séculos V e XV, tendo início com a queda do Império Romano, que sofreu diversos conflitos internos e invasões de outros povos. A Idade Média é descrita por Strickland e Boswell (2004) como “reino da religião”, e neste período a arte era desenvolvida de acordo com os dogmas da Igreja e suas crenças.

Dentro deste período, o Império Bizantino (que era o Império Romano do Oriente) desenvolvia uma arte cristã, que no início era feita de forma simples e popular, mas depois se tornou majestosa que mostrava poder e riquezas, sendo o mosaico uma de suas maiores formas de arte. A arte bizantina, conforme Proença (2014, p. 54), expressava “a autoridade absoluta e sagrada do imperador, que era considerado o representante de Deus, com poderes temporais e espirituais”. Sendo assim, a arte era produzida para mostrar o poder do imperador. A autora também descreve as características desta arte: lei da frontalidade, posição e gestos das mãos e dos pés, dobras das roupas e símbolos como as auréolas para evidenciar os personagens sagrados; esta forma de retratar eram regras que foram impostas aos artistas pelos sacerdotes (PROENÇA, 2014).

Mais à frente, no período de transição da Idade Média para a Idade Moderna, encontra-se o momento do Renascimento da Arte, que se desenvolveu na Europa entre os anos de 1300 e 1650. Neste momento, a influência religiosa foi se perdendo, pois, o homem retoma os ideais da cultura clássica greco-romana, e desenvolve o ideal do humanismo que valorizava o ser humano e a natureza em oposição ao divino (PROENÇA, 2014). As pinturas passam a ter profundidade, as figuras são mais humanas com contornos mais suaves, utilizando luz e sombra, e os cenários mais definidos (OLIVEIRA; GARCEZ, 2004).

A partir do século XVII até aproximadamente metade do século XVIII, desenvolveu-se a arte barroca, que segundo Strickland e Boswell (2004, p. 46) “conseguiu casar a técnica avançada e o grande porte da Renascença com a emoção, a intensidade e a dramaticidade do Maneirismo, fazendo do estilo barroco o mais suntuoso e ornamentado na história da arte”. A Igreja Católica financiou diversas obras deste período para atrair novos fiéis com a dramaticidade em obras de pinturas, esculturas e arquitetura.

Continuando a linha do tempo, no começo do século XIX, época marcada por vários conflitos sociais, políticos e culturais, tem-se o movimento do Romantismo. Os artistas deste movimento procuravam se libertar do racionalismo clássico e buscavam a liberdade de expressão, valorizando os sentimentos e a imaginação para sua criação artística (PROENÇA, 2014).

Os românticos colocavam a emoção e a paixão acima da razão, retratavam o patriotismo e a história em suas obras de artes de forma subjetiva e emotiva através do fantástico, do amor e do sobrenatural (OLIVEIRA; GARCEZ, 2004).

Já no final do século XIX, há um novo movimento artístico que revolucionou a pintura, dando início a grandes tendências do século XX, este movimento ficou conhecido como Impressionismo. Os artistas impressionistas abandonam a pintura que imita a realidade e começam a pintar ao ar livre, criando pinturas de acordo com a observação do efeito da luz solar que incide sobre os objetos, registrando as alterações que ocorrem nas cores da natureza de acordo com a intensidade da luz (PROENÇA, 2014).

Neste contexto, os autores Oliveira e Garcez (2004) explicam que as manifestações artísticas revelam a marca do tempo, do lugar e dos artistas que as produziram, despertando a reflexão sobre o conceito de beleza ou a função deste objeto artístico de acordo com o contexto histórico no qual foram criados.

Atividade prática: livro de artista

De acordo com Ferraz e Fusari (2010), o professor de artes é um dos responsáveis que podem auxiliar no processo de transformação do aluno, no que diz respeito a ajudá-lo a melhorar sua sensibilidade e os conhecimentos da teoria e prática de artes. E, para isso ocorrer, é necessário que o professor considere o melhor método para que ocorra de forma efetiva o aprendizado do aluno. Neste sentido, para melhor compreensão do conteúdo abordado sobre o desenvolvimento histórico da arte, foi elaborada a atividade prática que seria realizada em grupo, onde os alunos teriam que produzir de forma criativa um livro de artista, o qual deveria conter desenhos, pinturas ou colagens relacionadas ao período de arte que seria estabelecido para cada grupo.

E para o desenvolvimento desta atividade, foi explicado aos alunos que a evolução dos conhecimentos e técnicas artísticas possibilitou que artistas como Leonardo Da Vinci criassem cadernos para registrar um primeiro estudo sobre as técnicas que desenvolveria em suas obras de artes ou criações. Hoje, estes cadernos são conhecidos como Livros de artista, conforme explica Salla (2014) que “a existência dele é antiga - há livros de Leonardo da Vinci (1452-1519) com rascunhos de obras dele, mas sua concepção como arte se intensificou nos anos 1960. *A Caixa de 1914*, de Marcel Duchamp (1887-1968), é considerada a primeira produção desse tipo”. Com o tempo, o Livro de artista passou a ser considerado uma arte que pode expor o registro de um processo criativo ou ser a própria obra de arte.

Panek (2005) descreve que os artistas dos anos 60 e 70 começaram a ter questionamentos sobre os meios tradicionais de exposição (museus, salões e galerias), o que despertou o interesse de saírem destes espaços institucionalizados e buscar novos locais ou formas de publicações de suas obras, chegando assim ao Livro de artista. Então, a obra em forma de livro ganha o papel que substitui as paredes de museus ou galerias, sendo considerado um espaço que apresenta e dissemina a arte de uma forma mais abrangente.

O Livro de artista pode ser feito como único ou ter vários exemplares, isto dependerá da intenção do artista criador. Os artistas modificaram o uso comum dos livros, transformando-os em obras de arte, enchendo suas páginas de palavras, desenhos, carimbos, fotografias, colagens e realizando diversas experimentações estéticas com estes e outros elementos possíveis (BRITTO, 2009).

Constança Lucas é uma artista que também cria Livros de artista, transformando a capa e as páginas de um livro em obra de arte. Esta artista nasceu em Coimbra, mas vive e trabalha no Brasil, e é mestre e doutora em Artes Visuais pela ECA-USP, professora, poeta e também desenvolve atividades de ilustração para livros; sendo escolhida como exemplo de artista para

mostrar durante a regência do estágio, pois possui diversas artes na forma de Livro de artista, os quais podem ser visualizados em seu blog Livros de artista (LUCAS, 2007).

A artista Constança Lucas (2007) descreve o Livro de artista como sendo um campo de experimentações poéticas, “objeto tridimensional pleno de criações poéticas bidimensionais [...] em que a palavra é imagem e a imagem é palavra desenhada”, e a artista também considera que cada Livro de artista é como uma exposição portátil.

Desta forma, acredita-se que a realização desta produção artística, em sala de aula, pode ser trabalhada para a prática de vários temas sobre a arte, como o conhecimento sobre períodos da História da Arte proposto aqui neste projeto, possibilitando ao aluno desenvolver de forma criativa várias técnicas artísticas, como a pintura e a colagem, para assim expressar o que aprendeu através de suas impressões artísticas nas folhas do livro.

Observação

As vivências do Estágio III foram realizadas no Instituto Estadual Dom Diogo de Souza, localizada no bairro Cristo Redentor - Zona Norte de Porto Alegre/RS, com os alunos do 1º ano do Ensino Médio - turma 212, a qual possui aproximadamente 40 alunos com faixa etária entre quinze e dezesseis anos de idade.

Nesta escola, não existe uma sala própria para artes, as aulas da disciplina ocorrem dentro das salas comuns de cada turma, ou o professor regente utiliza o laboratório de Informática para a realização de pesquisas, também utiliza o laboratório de Ciências para realizar aulas de atividades práticas. O ensino de Artes é ministrado pelo professor titular Douglas Carvalho dos Santos, que é formado em Teatro, com especialização em Música, e ensina nas turmas de 1º e 3º anos, o qual trabalha as várias linguagens de Artes, alternando ou unindo em suas aulas o ensino sobre Artes Plásticas, Música e Teatro.

No decorrer da primeira fase do Estágio III, foi observada a realização de pesquisa pelos alunos sobre a origem das Artes Visuais, da Música e do Teatro, os quais orientados pelo professor dividiram-se em três grupos para realizar esta atividade de pesquisa e criar um trabalho para posterior apresentação em aula.

A atividade de pesquisa foi realizada no Laboratório de Informática, e os alunos também podiam consultar o livro de artes adotado pelo professor titular, o qual é utilizado como base para a ministração das aulas. Após o período determinado para as pesquisas, cada grupo apresentou o trabalho produzido em *slides*, e para melhor visualização de todos, os alunos apresentaram seus trabalhos utilizando o projetor, que também fica nesta mesma sala de informática.

Figura 1. Observação: laboratório de informática



Fonte: Arquivo pessoal.

Regência

Na segunda parte do Estágio III, ocorreram as regências, as quais foram realizadas de acordo com o proposto pelo professor regente para dar continuidade aos conteúdos que o professor regente já tinha planejado para ensino do primeiro trimestre. As aulas foram elaboradas para apresentação dos períodos históricos da arte, da Arte Rupestre até o Impressionismo, pois em seguida o professor regente daria continuidade aos conteúdos Históricos da Arte, falando sobre os movimentos de vanguardas.

No primeiro encontro, foi apresentado aos alunos no início da aula um vídeo que mostrava a linha do tempo da História da Arte, o qual destacava as principais características de cada movimento artístico. Após esta apresentação, foi mostrado aos alunos *slides* com imagens dos momentos artísticos de cada período da História da Arte, buscando dar continuidade à explicação do conteúdo. No entanto, antes de explicar sobre o contexto histórico e artístico de cada período da arte, foi incentivada a participação dos alunos através de questionamentos sobre a qual período artístico eles pensavam pertencer as imagens apresentadas nos *slides*, com o objetivo de ajudá-los a lembrar e aprimorar os conhecimentos adquiridos pelos alunos anteriormente.

Nesta mesma apresentação de *slides*, também foi exposto aos alunos sobre o Livro de artista, mostrando imagens e explicando sobre os cadernos de anotações de Leonardo Da Vinci, demonstrando que este foi um dos primeiros artistas que utilizou um livro/caderno para registrar seus estudos artísticos, e que estes cadernos podem ser considerados como a primeira inspiração do Livro de artista. Também foi mostrado como exemplo aos alunos, imagens das obras da artista portuguesa Constança Lucas, que já produziu diversas e criativas obras neste formato de livro.

O ensino sobre este estilo de obra de arte foi apresentado aos alunos como introdução para o desenvolvimento da atividade prática, sendo explicado que esta atividade seria feita em grupo, em que cada grupo faria um Livro de artista de acordo com um período histórico da arte, dentre os períodos que foram estudados na aula.

A segunda aula foi reservada para pesquisa dos alunos sobre o período artístico, que ficou estabelecido para cada grupo, mediante ao sorteio realizado na primeira aula. E, durante a aula, houve também orientações e ajuda em possíveis dúvidas que os alunos ainda poderiam ter com relação ao conteúdo explicado ou à produção artística. Estas duas regências foram realizadas no laboratório de Informática.

Figura 2. Pesquisa: obras de artes para produção artística



Fonte: Arquivo pessoal.

As duas aulas seguintes foram separadas para a realização da produção artística efetiva de cada grupo. Estas aulas foram realizadas no laboratório de Ciências, que também é disponibilizado para atividades das aulas de Artes.

Figura 3. Laboratório de ciências



Fonte: Arquivo pessoal.

Para a produção dos Livros de artista, foram disponibilizados aos alunos materiais de artes, como folhas de ofício branca e colorida, lápis de cor, canetas hidrocor, tesoura, cola, fios coloridos, pincéis e tintas. Também foi solicitado aos alunos para trazerem materiais que julgassem interessante para compor a sua obra artística; mas somente um dos grupos levou algumas folhas antigas de caderno e uma capa dura de livro para realizar a atividade.

Figura 4. Atividade prática: produção Livro de artista



Fonte: Arquivo pessoal.

Na última aula, alguns dos grupos realizaram a finalização dos Livros de artista e, após, cada grupo realizou a apresentação de sua produção artística.

Figura 5. Exemplos de Livros de artista prontos



Fonte: Arquivo pessoal.

Considerações finais

Desenvolver a melhor metodologia de ensino é um processo que deve ser bem pensado e estruturado pelo professor de artes, pois este método deverá transmitir os conteúdos de forma eficaz, buscando um ensino-aprendizagem mais significativo do aluno, para que este desenvolva seus conhecimentos, sua sensibilidade e expressão artística.

Este processo para o ensino de artes, muitas vezes, pode revelar-se um tanto difícil com relação à realidade e às situações observadas no ambiente escolar, em que, muitas vezes, não se têm materiais, espaço ou até mesmo tempo suficiente para realizar de forma proveitosa o ensino teórico e prático dos conteúdos de Artes.

O Instituto Estadual Dom Diogo de Souza não possui um espaço próprio para o ensino de artes, mas a escola tem diversas salas como as de Laboratório de Ciências e Informática, e as disponibiliza para as aulas de artes. A utilização destes espaços proporciona a criação de métodos didáticos diferenciados, possibilitando explorar estes espaços e suas possibilidades ou "ferramentas" para desenvolver uma aula diferente e mais atrativa, que desperta a atenção e o interesse dos alunos.

Ao criar o método de ensino sobre períodos da História da Arte, foi levado em consideração o conteúdo a ser ministrado, o tempo disponível, recursos e principalmente os espaços onde seriam realizadas as aulas. No Laboratório de Informática foi utilizado o projetor para exposição do vídeo e *slides* com imagens sobre os períodos da arte, o que proporcionou a melhor visualização de todos os alunos e também atenção e participação deles durante a mediação do conteúdo abordado. Nesta mesma sala, os alunos puderam utilizar os computadores para realizar a pesquisa de imagens e mais detalhes sobre a obra de arte de cada período artístico, o que permitiu um maior aprimoramento do aprendizado, pela apreciação e reflexão dos alunos para o posterior desenvolvimento da proposta prática de criação do Livro de artista.

Os alunos puderam produzir esta atividade no laboratório de Ciências, que possui balcões amplos e torneiras, o que possibilitou a utilização de tintas e o recorte de papéis diversos de uma forma mais organizada e colaborativa pelos alunos. E, através da produção artística do Livro de artista, os alunos puderam colocar em prática os conhecimentos adquiridos sobre os momentos da História da Arte, explorando suas habilidades e expressão artística, além da criação de releituras das obras de artes ou de desenhos e pinturas que possuíam elementos característicos e de acordo com cada período da arte.

Referências

BREDARIOLLI, Rita Luciana Berti. **Metodologias para ensino e aprendizagem de artes**. Módulo do Curso de Especialização – Unesp. São Paulo: Unesp, 2012. Disponível em: <http://www.acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/41531/6/2ed_art_m2d4.pdf>. Acesso em: 2 jun. 2016.

BRITTO, Ludmila da Silva Ribeiro de. **A poética multimídia de Paulo Bruscky**. 2009. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/9824>>. Acesso em: 2 jun. 2016.

FERRAZ, Maria Heloísa C. T.; FUSARI, Maria F. R. **Metodologia do ensino da arte: fundamentos e proposições**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

FERRAZ, Maria Heloísa C. T.; FUSARI, Maria F. R. **A arte na educação escolar**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

LUCAS, Constança. **Livro de artistas**: Boticas. 2007. Disponível em: <<http://livrosdeartista.blogspot.com.br>>. Acesso em: 3 jun. 2016.

OLIVEIRA, Jô; GARCEZ, Lucília. **Explicando a arte**: uma iniciação para aprender e explicar as artes visuais. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

PANEK, Bernadette. **O livro de artista e o espaço da arte**. 2005. Disponível em: <http://www.embap.pr.gov.br/arquivos/File/anais3/bernadette_panek.pdf>. Acesso em: 3 jun. 2016.

PROENÇA, Maria das Graças Vieira. História da arte. 17. ed. São Paulo: Ática, 2014.

SALLA, Fernanda. Livro de artista: arte contemporânea encarada de frente. **Nova Escola**. 2014. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/fundamental-2/livro-artista-arte-contemporanea-encarada-frente-791130.shtml#ad-image-0>>. Acesso em: 8 de abr. 2016.

STRICKLAND, Carol; BOSWELL, John. **Arte comentada**: da pré-história ao pós-moderno. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

Artigo recebido em 30/05/17. Aceito em 10/07/17.

DO LIXO DA LAVA JATO AO LUXO DE VIK MUNIZ

From lax washer jet to vik muniz luxury

Eliane Fátima Sassi da Silva¹

Amanda Cristina dos Santos Nasato¹

Resumo: Este projeto interdisciplinar mostra o artista Vik Muniz, tendo como principal referência o documentário Lixo Extraordinário, feito com catadores de material reciclado do aterro sanitário de Jardim Gramacho, localizado na cidade do Rio de Janeiro, que nos mostra as técnicas e os materiais usados pelo artista para compor suas obras e a função social da arte, visto que através do documentário, o artista promove a inclusão social. Num paradoxo de situações entre o luxo das obras de arte e o “lixo”, o presente projeto traz também a operação Lava Jato, deflagrada em março de 2014, sendo considerada uma investigação de grande proporção, envolvendo corrupção e lavagem de dinheiro no Brasil, em que bilhões de reais foram desviados dos cofres da Petrobrás e parte deste dinheiro ilícito era lavada com a compra de obras de artes.

Palavras-chave: Operação Lava Jato. Lixo extraordinário. Vik Muniz.

Abstract: This interdisciplinary project shows the artist Vik Muniz, whose main reference is the documentary Trash Extraordinário, made with recyclable waste pickers from the Gramacho landfill located in the city of Rio de Janeiro, which shows us the techniques and materials used by the artist to compose His works and the social function of art, since through documentary the artist promotes social inclusion. In a paradox of situations between the luxury of works of art and "garbage", this project also brings the Lava Jato operation, launched in March 2014, this being the largest investigation of corruption and money laundering that Brazil has ever had, Where billions of reais were diverted from Petrobras' coffers and part of this illicit money was washed away with the purchase of art works.

Keywords: Operation Lava Jet. Extra Rubbish. Vik Muniz

Introdução

Desde março de 2014, Curitiba é a capital da Lava Jato. Policiais investigavam doleiros que são operadores do mercado paralelo de câmbio que movimentavam dinheiro de forma ilícita. Um dos doleiros era dono de um posto de combustível, por isso o nome Lava Jato. A investigação foi crescendo, num primeiro momento se chegou a dois nomes e com eles foram encontrados documentos que revelaram um esquema de propina envolvendo a Petrobrás. Através de delações premiadas, outros nomes, políticos, ex-políticos e empresas foram aparecendo e nos revelando o “lixo” que a maior investigação de corrupção e lavagem de dinheiro que o Brasil já teve, está revelando.

As escolas mantêm um papel muito importante para a formação de cidadãos tanto na parte intelectual quanto sensível. Para os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997), a finalidade da Arte, entre outras, é formar educandos e cidadãos construtores de uma identidade e de consciência. Ao trabalhar com adolescentes, precisamos levar para sala de aula, algo que seja atual e construtivo e tão interessante quanto às informações e novidades que eles têm acesso todos os dias.

¹ Centro Universitário Leonardo Da Vinci – UNIASSSELVI – Rodovia BR 470 - Km 71 - nº 1.040 – Bairro Benedito – Caixa Postal 191 – 89130-000 – Indaial/SC Fone (47) 3281-9000 – Fax (47) 3281-9090 – Site: www.uniasselvi.com.br

Assuntos como a operação Lava Jato, que envolve política, um fato que está presente diariamente na televisão, jornais revistas e internet, até de forma demasiada, mas à primeira vista não seria algo muito atraente e que despertasse interesse em adolescentes. Ao apresentar de uma forma paradoxal o “lixo” que a operação Lava Jato está mostrando e a alquimia de materiais nas mãos de Vik Muniz, o qual se transforma em luxo nas galerias de arte, fez com que o presente projeto levasse os alunos à discussão, à reflexão e à criação da sua obra de arte.

Área de concentração: fundamentação teórica

Durante a observação das 20 horas do estágio, dos anos finais, dos 6º a 9º anos, e em conversas com a professora, ela mencionou que em conjunto com as professoras de informática e a professora de matemática, elas gostariam de fazer uma visita ao Museu Oscar Niemayer (MON) de Curitiba, pois estas três disciplinas iriam trabalhar juntamente num projeto que será usado na feira de matemática, projeto este com o tema Operação Lava Jato, e esta viagem se daria com os alunos dos oitavos anos. Como o tema é bastante atual e muito construtivo, pois estão sob a guarda do Museu em torno de 270 obras de arte que foram apreendidas, optei por fazer meu estágio com o 8º ano 2.

A área de concentração do presente projeto é o Ensino e Aprendizagem das Artes Visuais, que tem como proposta organizar situações de ensino nas diversas linguagens visuais, nos diversos temas e níveis de ensino, sendo elas socializadoras e criativas, atuais, procurando interagir com os acontecimentos do cotidiano, podendo assim contribuir na ampliação do conhecimento do aluno de uma forma que o leve a pensar a ser crítico e a ter sua opinião para posteriormente expressar este sentimento nas mais diversas formas de se fazer Arte.

A arte é necessária não somente ao aluno, mas para toda sociedade, pois ela faz com que o ser humano seja mais sensível, despertando a imaginação e desenvolvendo a percepção, contribuindo assim para uma vivência social, cultural e intelectual.

Através deste projeto interdisciplinar, pretende-se trazer em discussão a operação Lava Jato, pois segundo o Ministério Público Federal:

A operação Lava Jato é a maior investigação de corrupção e lavagem de dinheiro que o Brasil já teve. Estima-se que o volume de recursos desviados dos cofres da Petrobras, maior estatal do país, esteja na casa de bilhões de reais. Soma-se a isso a expressão econômica e política dos suspeitos de participar do esquema de corrupção que envolve a companhia. (MPF, 2016, s.p.).

Muitas obras de obras de arte foram apreendidas nesta investigação. Márcio Anselmo, delegado da Polícia Federal, afirmou que: “As obras de arte permitem várias formas de lavar dinheiro [...] posso declarar o valor de uma obra muito inferior ao que eu paguei. Eu tenho uma obra de R\$ 1 milhão, mas declaro que paguei R\$ 100 mil por ela [...] aí eu estou lavando R\$ 900 mil” (MPF, 2016, s.p.).

Nestas apreensões da Lava Jato e sob guarda do MON, estão duas obras de Vik Muniz. Este artista será apresentado aos alunos através de um documentário, e a partir de uma reflexão que o tema apresenta: Do lixo da Lava Jato ao luxo de Vik Muniz, os alunos farão uma experiência voltada à técnica e materiais da mesma forma que o artista cria suas obras.

O processo de trabalho de Vik Muniz consiste em compor imagens com os materiais, normalmente perecíveis, sobre uma superfície e fotografá-las, resultando no produto final de sua produção. Em 2010, foi produzido um documentário intitulado “Lixo Extraordinário” sobre o trabalho de Vik Muniz, com catadores de lixo de Duque de

Caxias, cidade localizada na área metropolitana do Rio de Janeiro. A filmagem recebeu um prêmio no festival de Berlim na categoria Anistia Internacional e no Festival de Sundance (ENCICLOPÉDIA ITAÚ CULTURAL, 2016, s.p.).

Esta pesquisa também tem por objetivo mostrar que o fazer arte não é somente desenvolver a criatividade, mas também contribuir para um desenvolvimento cultural e um olhar social.

A arte pode elevar o homem de um estado de fragmentação a um estado de ser íntegro total. A arte capacita o homem para compreender a realidade e o ajuda não só a suportá-la como a transformá-la, aumentando-lhe a determinação de torná-la mais humana e mais hospitaleira para a humanidade. A arte é uma realidade social. A sociedade precisa do artista, este supremo feiticeiro, e tem o direito de pedir-lhe que ele seja consciente de sua função social. Mesmo o mais subjetivo dos artistas trabalha em favor da sociedade. Pelo simples fato de descrever sentimentos, relações e condições que não haviam sido descritos anteriormente [...], representa um impulso na direção de uma nova comunidade cheia de diferenças e tensões, na qual a voz individual não se perde em uma vasta unissonância (FISCHER, 1987, p. 56-57).

Ana Mae Barbosa também nos diz que:

Por meio da Arte é possível desenvolver a percepção e a imaginação, aprender a realidade do meio ambiente, desenvolver a capacidade crítica, permitindo ao indivíduo analisar a realidade percebida e desenvolver a criatividade de maneira a mudar a realidade que foi analisada (BARBOSA, 2003, p. 18).

As escolas mantêm um papel muito importante para a formação de cidadãos tanto na parte intelectual quanto sensível. Para os PCN (BRASIL, 1997), a finalidade das Artes, entre outras, é formar educandos para serem cidadãos construtores de uma identidade e de consciência.

O conhecimento da arte abre perspectivas para que o aluno tenha uma compreensão do mundo na qual a dimensão poética esteja presente: a arte ensina que nossas experiências geram um movimento de transformação permanente, que é preciso reordenar referências a cada momento, ser flexíveis. Isso significa que criar e conhecer são indissociáveis e a flexibilidade é condição fundamental para aprender. Ao aprender arte na escola, o jovem poderá integrar os múltiplos sentidos presentes na dimensão do concreto e do virtual, do sonho e da realidade. Tal integração é fundamental na construção da identidade e da consciência do jovem (BRASIL, 1997, p. 20).

Desta forma, a produção da arte faz o educando desenvolver um pensamento inteligente diante das imagens visuais, possibilitando um conhecimento e reflexão, ao construir, ao ver e ao entender a arte como cultura, procurando assim situar-se no meio onde está inserida.

Vivência do estágio

O presente projeto foi desenvolvido na escola municipal Maurício Germer, situada à rua Saudades 555, no bairro Vila Germer, na cidade de Timbó, Santa Catarina. As observações foram realizadas com as turmas dos 6º a 9º anos das séries finais, totalizando 20 horas.

Nestas observações, acompanhei um novo olhar diante do ensinar arte. A professora, todos os dias, trazia consigo algo sobre arte para fazer a introdução da aula. Era numa bolsa com os materiais do dia alusivos a algum artista, ou numa roupa ou acessório que usava que remetia a algum lugar que visitou, sempre lembrando arte. Foi assim as 20 horas de observação, num dia cantando até os alunos se acalmarem da agitada aula de Educação Física ou da concentrada

aula de matemática, fazendo com que os alunos percebessem a arte das mais diversas formas que ela se apresenta, mostrando que a arte vai além de um desenho, a arte é música, é sentimento, é emoção, que além de ser vista e tocada pode ser sentida e demonstrada.

Observei também as dificuldades para manter a atenção de adolescentes repletos de tantas outras questões e novidades que os cercam nesta fase da descoberta, como as tecnologias que têm ao seu alcance, muitas vezes estão à frente dos professores nas novidades do mundo. Por outro lado, perceber que ainda há encantamento quando são questionados, levado à discussão sobre fatos que os cercam e que afetam diretamente seu futuro, talvez por ser algo que passe despercebido no dia a dia ou porque através da arte podem expressar-se de uma forma que a era digital não consegue proporcionar.

Ao término das 20 horas de observação, as 5 horas de regência foram desenvolvidas para os alunos do 8º ano 2 das séries finais, com o tema “Do lixo da Lava Jato ao luxo de Vik Muniz”, com o objetivo de apresentar o que é a operação Lava Jato e as obras de arte apreendidas com esta investigação, visitar o museu Oscar Niemeyer, onde estão as duas obras de Vik Muniz, artista este que será apresentado através do documentário Lixo Extraordinário e, posteriormente, produzir uma obra baseada na técnica do artista.

Na primeira aula, apresentei através de um breve vídeo o que é a operação Lava Jato, segundo o Ministério Público Federal:

O nome do caso, “Lava Jato”, decorre do uso de uma rede de postos de combustíveis e lava a jato de automóveis para movimentar recursos ilícitos pertencentes a uma das organizações criminosas inicialmente investigadas. Embora a investigação tenha avançado para outras organizações criminosas, o nome inicial se consagrou. A operação Lava Jato é a maior investigação de corrupção e lavagem de dinheiro que o Brasil já teve. Estima-se que o volume de recursos desviados dos cofres da Petrobras, maior estatal do país, esteja na casa de bilhões de reais. Soma-se a isso a expressão econômica e política dos suspeitos de participar do esquema de corrupção que envolve a companhia. No primeiro momento da investigação, desenvolvido a partir de março de 2014, perante a Justiça Federal em Curitiba, foram investigadas e processadas quatro organizações criminosas lideradas por doleiros, que são operadores do mercado paralelo de câmbio. Depois, o Ministério Público Federal recolheu provas de um imenso esquema criminoso de corrupção, envolvendo a Petrobras. Nesse esquema, que dura pelo menos dez anos, grandes empreiteiras organizadas em cartel pagavam propina para altos executivos da estatal e outros agentes públicos. O valor da propina variava de 1% a 5% do montante total de contratos bilionários superfaturados. Esse suborno era distribuído por meio de operadores financeiros do esquema (MPF, 2016, s.p.).

Uma das formas de lavar o dinheiro ilícito era comprar obras de arte.

As obras foram adquiridas com dinheiro oriundo de propina e estavam em galerias especializadas para não levantar suspeitas, segundo as investigações. Entre os artistas estão Flávio Shiró, Cláudio Tozzi, Guignard e Di Cavalcanti. A aquisição dos quadros, conforme os investigadores, é um mecanismo para se lavar o dinheiro vindo do esquema criminoso de fraude, corrupção, desvio e lavagem de dinheiro na Petrobras (JUSTI, A. 2015, s.p.).

O Museu Oscar Niemeyer de Curitiba, por ter um espaço técnico adequado para a preservação e a conservação das obras, foi o local escolhido para abrigar as obras apreendidas nesta investigação, segundo a diretora-presidente do Museu Oscar Niemeyer, Juliana Vosnika, “O museu cumpre a sua missão no sentido de preservar e abrigar coleções de arte e também de democratizar seu acesso aos visitantes” (MUSEU OSCAR NIEMAYER, 2015).

Atualmente, estão sob a guarda do MON 270 obras, entre elas duas de Vik Muniz, mos-

trei-as impressas e dei início ao documentário *Lixo Extraordinário*, material que mostra como o artista cria suas obras, classificadas como *Arte efêmera*, usando o lixo, materiais perecíveis, mostrando que o que fica deste trabalho final é a fotografia.

Muniz busca na fotografia a expressão para questões de representação da realidade, ligando-a ao desenho e à pintura, de forma não convencional. Suas imagens suscitam no espectador a sensação de estranheza, e o questionamento da fotografia como reprodução fiel da realidade. Também inova ao estabelecer uma relação original entre o artista, a obra de arte e o espectador, que deve refletir, mas também se deixar levar pelos mecanismos da ilusão (ENCICLOPÉDIA ITAÚ CULTURAL, 2016).

Previamente agendada a visita, no dia 5 de maio, com 4 professoras e 39 alunos fomos a Curitiba para visitar o MON, estavam expostas 26 obras apreendidas na Operação Lava Jato entre elas uma de Vik Muniz. Visitamos todos os espaços, observamos a obra do artista em estudo de perto, percebendo a grandiosidade desta obra e o estranhamento das pessoas ao ver do que a obra é composta. Durante toda a visita, os alunos acompanhados por um guia que nos explicava o porquê de cada espaço, as sensações que certas obras nos causam, o motivo que leva o artista a provocar esta reflexão e a diferença das técnicas usadas por cada artista.

Através da pintura, da música, das artes plásticas, do cinema, do teatro e da literatura, a arte é fundamental para formar o senso crítico, moldar a moral de uma época, provocar e instigar questionamentos a respeito da condição humana. A interação com a arte se dá necessariamente pelos sentidos, mas o efeito provocado não se restringe ao que empiricamente se verifica, uma vez que há diálogo com as experiências e habilidades cognitivas do indivíduo. Da interação entre indivíduo e obra de arte nasce a compreensão, a resposta do indivíduo e a verificação da verdadeira capacidade da obra ressoar no universo cultural. Por mais tosco que um indivíduo seja, ele reage a arte, nem que seja com desdém. Mesmo que a obra não suscite admiração, ela fornece ao indivíduo mais um parâmetro para suas vivências. O conceito de beleza, coragem, honestidade, entre outros valores, forma-se através do artesanato, que, em sintonia com o seu tempo e seu meio, produz arte (KAMITANI, 2016, s.p.).

Na terceira aula, os alunos escolheram uma obra previamente selecionada. Com o auxílio da professora orientadora do presente projeto, os alunos optaram por artistas que serão trabalhados de forma mais detalhada nas próximas aulas e autorretratos de artistas consagrados que também são inspiração para Vik Muniz.

Vik Muniz fez trabalhos inusitados, como a cópia da *Mona Lisa*, de Leonardo da Vinci, usando manteiga de amendoim e geleia, como matéria-prima. Com calda de chocolate, pintou o retrato do pai da psicanálise, Sigmund Freud. Muniz também recriou muitos trabalhos do pintor francês Monet. O processo de trabalho de Vik Muniz consiste em compor imagens com os materiais, normalmente perecíveis, sobre uma superfície e fotografá-las, resultando no produto final de sua produção (ENCICLOPÉDIA ITAÚ CULTURAL, 2016).

Os alunos trabalharam com autorretratos de Frida Calo, Van Gogh e Picasso, obras de Luciano Martins, Aldemir Martins, Almeida Junior, Mondigliani e Alfons Mucha. Usaram para compor suas obras os mais diversos materiais, como folhas secas, flores, tecidos, botões, argila em forma de barbotina, terra, farinha, açúcar, café, gelatina, papéis diversos, lã e outros.

Na quinta aula, conforme os alunos terminavam suas obras, estas eram colocadas no térreo e fotografadas do segundo andar da escola, para conseguir o efeito e técnica de Vik Muniz. Foram reveladas todas as fotografias das obras e, numa outra aula, no intervalo, foram expostas

na área aberta da escola as obras originais e as fotografias, que também serão usadas na feira de matemática, pois como citado no início, este projeto foi interdisciplinar.

Considerações finais

O presente projeto nos mostrou que a Operação Lava Jato deflagrou o maior esquema de corrupção e lavagem de dinheiro que o Brasil já teve, envolvendo políticos que foram eleitos para zelar do nosso país, mas a cada dia que passa, a cada delação premiada, mais nomes vão aparecendo e um “lixo” de coisas erradas é estampado nas capas de jornais.

Através deste projeto, também houve a reflexão sobre a beleza e a singularidade das obras do artista Vik Muniz, que usa o lixo, transformando-o em luxo nas galerias de arte, uma verdadeira alquimia de materiais.

Ao levar este paradoxo “Do lixo da Lava Jato ao luxo de Vik Muniz” à reflexão, discussões em sala de aula podem concluir que ainda é tempo de consertar nosso país. Se nós, como educadores e pais, ensinarmos a esta nova geração que governará nosso Brasil que corrupção não é certo, seja ela pequenina, como colar na prova ou apropriar-se do que não é seu é crime, e que devemos, como cidadãos de bem, cumprir nosso dever obedecendo às regras, cumprindo as leis, esses jovens de agora serão instruídos, críticos, cultos e saberão o que é certo e errado e, quem sabe, num breve futuro, só teremos “luxo” a mostrar, a ver e a ensinar.

Referências

BARBOSA, A. M. **Inquietações e mudanças no ensino da arte**. São Paulo: Cortez, 2002.

Disponível em: <http://www.e-biografias.net/vik_muniz/>. Acesso em: 30 maio 2016.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: arte / Secretaria de Educação Fundamental**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural. **Vik Muniz**. 2016. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa9203/vik-muniz>>. Acesso em: 23 jun. 2017.

FISCHER E. **A necessidade da arte**. 9. ed. Rio de Janeiro, 1987.

G1. **Peritos avaliam obras de arte apreendidas na Operação Lava Jato**. Jornal Nacional. 2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2015/11/peritos-avaliam-obras-de-arte-apreendidas-na-operacao-lava-jato.html>>. Acesso em: 8 mar. 2016.

JUSTI. A. **Obras adquiridas com propina da Lava Jato são entregues a museu**. 2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/pr/parana/noticia/2015/08/obras-da-lava-jato-adquiridas-com-propina-serao-entregues-museu.html>>. Acesso em: 10 maio 2016.

KAMITANI, E. L. T. **A função social da arte**. 2009. Disponível em: <<http://www.usinadeletras.com.br/exibelotexto.php?cod=10649&cat=Ensaios>>. Acesso em: 30 maio 2016.

MPF. **Lava Jato: entenda o caso**. 2016. Disponível em: <<http://lavajato.mpf.mp.br/entenda-o-caso>>. Acesso em: 23 jun. 2017.

Museu Oscar Niemayer. **Museu Oscar Niemeyer abre exposição com 48 obras apreendidas na operação lava jato**. 2015. Disponível em: <<http://www.museuoscarniemeyer.org.br/exposicoes/exposicoes/lavajato>>. Acesso em: 23 jun. 2017.

Artigo recebido em 30/05/17. Aceito em 10/07/17.

LEITURA DE IMAGEM: conceito e comunicação visual

Image reading: concept and visual communication

Angelina Bonente¹

Carla Fernanda C. Matsumoto¹

Eliane Nunes¹

Leticia Coelho Gomes¹

Ester Zingano¹

Resumo: Este trabalho propõe explicar sobre a leitura de imagem, o conceito e a comunicação visual. Será apresentado sobre os signos visuais que estão relacionados com o seu significado e objeto interpretante e seus diferentes tipos, como: ícone, índice, símbolos e simbologia, mostrando a diferença da semiótica, ciência geral dos símbolos e da semiótica, que estuda todos os fenômenos culturais signícos, seus sistemas de significação e interpretação. Também será abordado sobre os diferentes conceitos de semiótica a partir de suas representações e capacidades de leitura simbólica, bem como a utilização da linguagem dos signos pela comunicação visual, no desenvolvimento dos signos artísticos e como código da arte.

Palavras-chave: Leitura de imagem. Sistemas de signos. Comunicação visual.

Abstract: This work proposes to explain about the reading of image, concept and visual communication. It will be presented on the visual signs that are related to its meaning and interpreting object and its different types, such as: icon, index, symbols and symbology, showing the difference of semiotics, general science of symbols and semiosis that studies all cultural phenomena, their systems of meaning and interpretation. It will also be approached about the different concepts of semiotics from their representations and capacities of symbolic reading, as well as the use of sign language through visual communication, in the development of artistic signs and as a code of art.

Keywords: Image reading. Systems of signs. Visual communication.

Introdução

Este trabalho pretende mostrar de que forma a semiótica, ciência que estuda os signos e suas ações na mente humana através do processo de semiótica, pode possibilitar um novo olhar acerca do que o mundo apresenta aos seus “viajantes”, seja através da poesia, dos jornais, do cinema e das mais diversas linguagens, entre estas, aquelas relacionadas à arte, como a música, a literatura, as artes plásticas, o teatro, a dança e quantas mais vierem a serem classificadas.

Entre os assuntos trazidos aqui, destaca-se na semiótica, o principal precursor desta ciência, Charles Sanders Peirce, que pelo legado deixado, é considerado o pai da semiótica, bem como os demais tipos de semiótica existentes, aos quais se destacam a semiótica greimasiana e a semiótica russa, também conhecida como semiótica da cultura. Há ainda tratados do que vêm a ser semiótica, signo e semiótica, perpassando por discussões que se referem à forma em que este processo pode afetar o intelecto do espectador a ponto de permitir uma visão mais ampla e possibilitar uma leitura de imagem mais satisfatória.

Aborda ainda, os tipos de signo de acordo com Peirce e seus subsídios iniciais, que levam à uma análise completa de uma obra, como no caso de Interior Vermelho, de Henri Matisse, exemplificado ao longo do texto para ilustrar as conceituações apresentadas. Desta forma, contempla ainda a simbologia presente na vida de diversos povos, desde os primórdios da civilização.

¹ Centro Universitário Leonardo Da Vinci – UNIASSELVI – Rodovia BR 470 - Km 71 - nº 1.040 – Bairro Benedito – Caixa Postal 191 – 89130-000 – Indaial/SC Fone (47) 3281-9000 – Fax (47) 3281-9090 – Site: www.uniasselvi.com.br

A partir do desenrolar das teorias sógnicas, o trabalho aponta ainda a evolução na utilização dos signos e de que forma eles afetam o dia a dia das pessoas no tempo atual, através das considerações acerca da ação dos signos nas imagens, considerando a comunicação visual, os elementos que possibilitam a decodificação da mensagem através dos signos ali presentes, até mesmo a construção da linguagem da arte, auxiliando o homem a também se aventurar na capacidade criativa que lhe é nata, criando signos artísticos ainda mais aprimorados.

Semiótica

A semiótica é a ciência geral dos símbolos e da semiose, que estuda todos os fenômenos culturais como se fossem sistemas sógnicos, isto é, sistemas de significação. De acordo com Santaella (2000), a semiótica tem por objetivo investigar todas as linguagens possíveis e que o signo está relacionado a qualquer coisa, tudo o que está à nossa volta é signo. A semiótica vem da palavra grega *semeion*, que quer dizer signo. Portanto, semiótica é a ciência que estuda signos.

O signo está relacionado a qualquer coisa, que de acordo com seu interpretante, terá um significado direto. Se olharmos uma árvore, vamos identificar uma árvore, quando sentimos um cheiro de café, vamos automaticamente saber que alguém está passando café, se estivermos no volante e ouvirmos uma sirene de ambulância, vamos saber sem vê-la que devemos dar espaço, pois esta precisa passar com urgência, então tudo isso são signos que podemos interpretar tanto pela visão, percepção, audição, olfato entre outros.

Os signos visuais estão relacionados com o significado e a interpretação direta. Como na imagem a seguir, ao ver a pomba, logo ela nos traz o seu significado: paz.

Figura 1. Pomba



Fonte: Disponível em: <<https://www.google.com.br/search?q=imagem+de+pomba&espv>>. Acesso em: 19 mar. 2016.

Figura 2. Semáforo



Fonte: Disponível em: <http://www.oarquivo.com.br/images/stories/Geral_9/semaforo_topo.jpg>. Acesso em: 19 mar. 2016.

Na figura 2 (semáforo), nós, como motoristas, ao vermos que o sinal está vermelho, sabemos que devemos esperar o sinal verde para continuar. Tudo isso são signos que nos rodeiam durante todo o dia e que devemos cumprir com os seus significados através da interpretação.

Se lermos a palavra casa, vemos o desenho de uma casa, a fotografia de uma casa, uma dobradura de casa, isso tudo são signos de casa, e automaticamente iremos interpretar sobre algum aspecto ou qualidade, para entendermos como sendo esta. Segundo Martins, Picosque e Guerra (1998, p. 39):

[...] Tanto a palavra quanto o desenho ou o esquema, a fotografia ou a escultura de um carro não são o próprio carro. São signos dele, um representante. Cada um deles, de um certo modo, representa a realidade do carro. Para que o signo seja utilizado/manejado por nós como signo de algo, ele tem de ter esse poder de representar, ou seja, estar no lugar do objeto, para torná-lo presente a nós através de uma presença.

Já a semiótica está ligada à significação, sendo importante que saibamos perceber e reconhecer para interpretar, se não conhecemos o objeto, o signo, não vamos identificar nem interpretar. É neste momento de interpretação que identificamos como o processo chamado de semiose.

A imagem está diretamente atrelada às experiências estéticas de produção ou recepção. Pode-se dizer que a imagem é a percepção na medida em que esta transforma a informação recebida. A partir do momento em que a imagem passa a ser compreendida como signo, passa a incorporar diversos códigos, sua leitura requer o conhecimento e a compreensão destes.

A semiótica tem por objeto qualquer sistema sógnico, seja ele pertencente às artes visuais, culinária, vestuário, religião, ciências. A seguir um exemplo na área da culinária. Na figura 3, vemos um bolo decorado com vários morangos sobre ele, automaticamente interpretamos que seu recheio seja de morango.

Figura 3. Bolo de morango



Fonte: Disponível em: <<http://culinaria.culturamix.com/receitas/bolo/receita-de-bolo-de-leite-ninho>>. Acesso em: 19 mar. 2016.

A representação é um conteúdo concreto apreendido pelos sentidos, pela imaginação, pela memória ou pelo pensamento. A forma de uma imagem é feita por semelhança com o objeto representado.

Semiótica peirceana

Charles Sanders Peirce foi considerado o pai da Semiótica. Segundo Bueno (2011), Peirce embasou sua teoria na noção de signo, entendido como qualquer coisa/elemento que

representa algo para alguém. A semiótica de Peirce foca nos signos e nas formas de ação que ele representa.

Observando a imagem 4, identifica-se uma cadeira, pois esta significa na sua imagem uma cadeira.

Figura 4. Cadeira



Fonte: Disponível em: <<http://www.tokstok.com.br/vitrine/default.jsf?idPagina=1237>>. Acesso em: 19 mar. 2016.

Semiótica greimasiana

Greimas, conforme Bueno (2011) procurou aplicar os métodos de pesquisa da linguística estrutural à análise de textos, definida por ele como discurso. Portanto, teve como foco os signos verbais, ou seja, tudo que ouvimos, destacando-se a importância de compreender este discurso de forma mais completa, em seu processo de emissão e recepção das mensagens.

Desta forma, o sentido, que é a capacidade de produzir a compreensão e elaborar outras, é construído através da relação que se estabelece entre os significantes, os elementos semióticos intrínsecos neste, levando então à significação pela percepção do todo.

Semiótica russa

Teve início nos países soviéticos, cuja visão semiótica para os pensadores era focada na globalização da cultura. Os estudos começaram tarde, mas foram muito intensos, destacando estudiosos como Bakhtin (1895-1975), Jakobson (1896 – 1982) e Iúri Lotman (1981). Este trabalha a linguagem, a literatura, os fenômenos culturais, o mito e a religião. É considerada a semiótica da cultura.

Conforme Santaella (2000), calculam-se que haja cerca de uma centena de definições de signo em toda a obra peirceana. Um dos conceitos de signo para Peirce é que um signo ou representante, é tudo aquilo que, sobre um certo aspecto de medida, está para alguém em lugar de algo. O signo está no lugar de algo, seu objeto, porém, não em todos os seus aspectos, mas apenas com referência a uma espécie de ideia.

As definições de signo para a leitura de imagem

Ao falar em signos, logo uma gama de possibilidades de definições surge à mente, do que pode ser, de fato, um signo, além da mais simples conceituação de algo que representa alguma coisa para alguém. Sabe-se que, ao longo das 80 mil páginas manuscritas por Peirce,

conforme Santaella (2000, p. 11), aparecem mais de 100 definições diferentes para signo, o que remete à imensa complexidade do tema em questão e, claro, às probabilidades junto à leitura de imagens baseada na semiótica peirceana, esta ciência que estuda o signo.

Em um processo de semiose, conforme falado anteriormente, um signo vai gerar outro signo, que por sua vez, vai gerar outro e assim infinitamente, ou conforme Peirce, *ad infinitum*, já que a interpretação será conforme as experiências de vida de cada pessoa. Assim sendo, o interpretante de um signo se formará e será modificado à medida que chegar a um sujeito diferente.

Santaella (2000, p. 5), explica que na semiótica peirceana o signo faz parte de uma relação triádica: signo – objeto – interpretante, cujos processos acontecem a partir de fenômenos e suas relações com o mundo, pois foi através da fenomenologia que a semiótica de Peirce foi criada.

Desse modo, a teoria semiótica nos permite penetrar no próprio movimento interno das mensagens, no modo como elas são engendradas, nos procedimentos e recursos nelas utilizados. Permite-nos também captar seus vetores de referencialidade não apenas a um contexto mais imediato, como também a um contexto estendido, pois em todo processo de signos ficam marcas deixadas pela história, pelo nível de desenvolvimento das forças produtivas econômicas, pela técnica e pelo sujeito que a produz (SANTAELLA, 2000, p. 5).

Diante deste potencial, percebe-se que as classificações do signo propostas por Peirce e que serão faladas adiante, oferecem subsídios para que se chegue a uma análise satisfatória aplicada aos processos sógnicos e às mensagens transmitidas nos mesmos, estejam elas em poemas, música, pintura, fotografias, entre outras fontes de informação, independente de sua natureza.

Signo – objeto

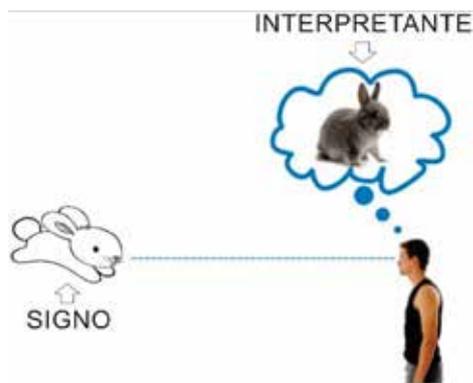
“O signo é algo que vai representar alguma coisa, ou seja, o seu objeto. Todos estes são representações que geram outras e assim por diante, mas que não são o objeto em si e, sim, esquemas que indicam a coisa material” (BUENO, 2011, p. 12).

O desenho de uma casa, não é a casa propriamente dita, sendo apenas uma representação daquilo que se tem em mente ser uma casa. Com a finalidade de aclarar mais, toma-se o seguinte exemplo: em uma sala de aula diversificada culturalmente, se a professora pedir para que os alunos desenhem sua casa, se houver um índio, ele pode perfeitamente desenhar uma oca, se esta ainda for a sua representação de casa, diferentemente de outros alunos, que podem desenhar uma casa com diversas configurações, e assim por diante.

Signo – objeto interpretante

“O signo enquanto objeto interpretante, é aquele que vai gerar outro signo na mente do intérprete, que por sua vez, será o significado do primeiro. O interpretante nada mais é que a imagem mental produzida pelo receptor do signo” (BUENO, 2011, p. 13).

Figura 5. Como o signo gera um interpretante



Fonte: Arquivo pessoal.

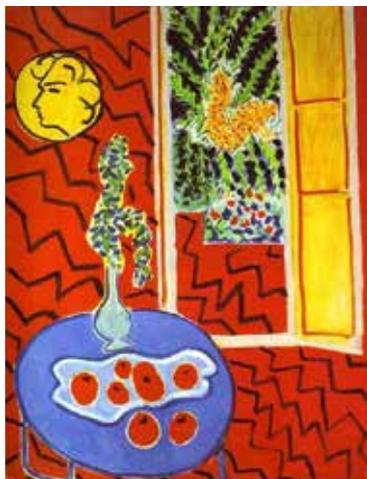
É importante ressaltar, mais uma vez, que a leitura da imagem é subjetiva, pois seu significado vai depender da vivência, da experiência de vida, conhecimentos diversos, entre outros fatores que compuseram o crescimento intelectual daquele que a observa, para que haja então o processo de semiose (ação do signo).

Princípios para uma leitura peirceana

Quando um artista vai criar uma obra, ele tem a liberdade de utilizar recursos diversos em sua criação, para representar algo para si mesmo e, conseqüentemente, para outrem, pois a partir do momento em que ele expor sua obra, um imenso leque de possibilidades de interpretação surgirá, tornando nítida a utilização de signos para que seus objetivos sejam atingidos. Geralmente, usam-se formas, texturas, cores (ou não), para instigar, através dos signos e mostrar sua intenção de representação.

Henri Matisse (1869-1954), por exemplo, pintor fauvista e um dos mais importantes artistas franceses, usava cores quentes e intensas em suas criações, conforme destaca o *site* Uniersia (2012), através do projeto “Um pouco de arte para sua vida”. A obra Interior Vermelho, Natureza Morta Sobre Mesa Azul (1947), foi uma das últimas pinturas a óleo de Matisse, que preferia representar partes internas de um local, mas sempre com uma janela que propiciava algo interessante do lado de fora, como um jardim.

Figura 6. Interior vermelho (1947) de Henri Matisse



Fonte:Disponível em: <<http://noticias.universia.com.br/destaque/noticia/2012/07/02/947505/conheca-interior-vermelho-natureza-morta-mesa-azul-henri-matisse.html>>. Acesso em: 21 mar. 2016.

De acordo com Lucia Santaella (2000, p. 29), o primeiro passo para iniciar uma análise com vistas à semiótica peirceana, é fazer uso da fenomenologia: “contemplar, então discriminar e, por fim, generalizar em correspondência com as categorias da primeiridade, secundidade e terceiridade”. Ao se dedicar à leitura semiótica de alguma coisa, Santaella (2000, p. 86), fala em três fases imprecindíveis. A primeira delas é a “disponibilidade contemplativa”, na qual o espectador deve se abrir sensorialmente, deixar se levar pelas cores, linhas, texturas criadas, da luz e o que mais achar importante. Isto significa que o melhor é não julgar e então, tentar ver o signo em sua pureza, sem qualquer interpretação, pois esta vem de forma muito rápida e, muitas vezes, não permite que se enxergue o que está nas “entrelinhas”. É necessário que o receptor se permita sentir o que aquilo nos quer dizer em primeiridade, o signo em si mesmo e seu potencial de apenas significar algo.

A segunda fase integra a parte da observação, em que o espectador vai tentar encontrar um primeiro indício comunicativo que a pintura pode apresentar e vai, de certa forma, instigar quem a observa: “a experiência de estar aqui e agora diante de algo que se apresenta na sua singularidade, um existente como todos os traços que lhe são particulares” (SANTAELLA, 2000, p. 86). E, por fim, a última fase, em que a pessoa vai perceber um pouco além das primeiras formas, sendo capaz de perceber as particularidades ali presentes.

Assim, após vivenciar esta experiência, com todas as ideias produzidas a partir das fases propostas, pode-se então, conforme Santaella (2000, p. 88), iniciar a análise da obra:

[...] Que a pintura é um signo, não deve haver dúvidas. Ela é algo que representa algo, sendo capaz de produzir efeitos interpretativos em mentes reais ou potenciais. Essas condições toda pintura preenche. Essa, não menos do que quaisquer outras. O que importa, no entanto, discernir é o modo como essa pintura particularmente representa o que professa representar e, em função disso, quais efeitos está habilitada a produzir em possíveis intérpretes.

Desta forma, inicia-se a análise baseada na tríade de Peirce, o que não cabe para o momento do trabalho em questão, mas o mais importante a enfatizar é que as interpretações, por se apresentarem na mente do espectador de forma imediata, podem impedir resultados satisfatórios no que tange a uma leitura de imagem, principalmente em se tratando da semiótica peirceana, cuja tríade sustenta toda a teoria de análise, sendo imprescindível dividir todos os elementos que se enquadram na primeiridade (o signo em si mesmo), a secundidade (o signo em referência ao que vai indicar) e a terceiridade (o signo diante dos efeitos que irá produzir no receptor). Seja como for, esta pintura (signo), sempre estará apta a provocar outras interpretações, outros efeitos em quem mais a contemplar. A semiótica lapida o olhar e proporciona experiências enriquecedoras naqueles que estejam abertos a vivenciá-las.

Os signos que nos rodeiam

Constantemente, somos cercados por signos diversos, e a leitura que podemos fazer desses está intimamente ligada ao repertório individual, conceitos, conjunto de valores, sentimentos, emoções e ideias que vão costurando uma colcha de significações entre si. Rubem Alves esclarece que “a música que me faz rir ou chorar, o alimento que me apetece ou me é indigesto, a carícia que alegra ou entristece: tudo isso está relacionado às minhas próprias raízes culturais” (MARTINS; PICOSQUE; GUERRA, 1998, p. 19 apud DUARTE JR., 1988, p. 49). O repertório pessoal, fundado nas experiências individuais, e referências culturais nos levam a construir sentidos e significações ao que observamos. Segundo Peirce, “o universo está cheio de

signos” (SANTAELLA, 2000) e, para melhor organizá-los, resolveu classificá-los em ícones, índices e símbolos.

Os ícones são signos que possuem semelhança com o objeto, têm como significado direto a imagem representada e possui leitura direta.

Vejam os exemplos:

Figura 7. Exemplos de ícones



Fonte: Disponível em: <<http://thinkstockphotos.com.pt>>. Acesso em: 27 mar. 2016.

Os índices são signos que sugerem, são indicativos, representam algo que não está presente. Exemplos gráficos:

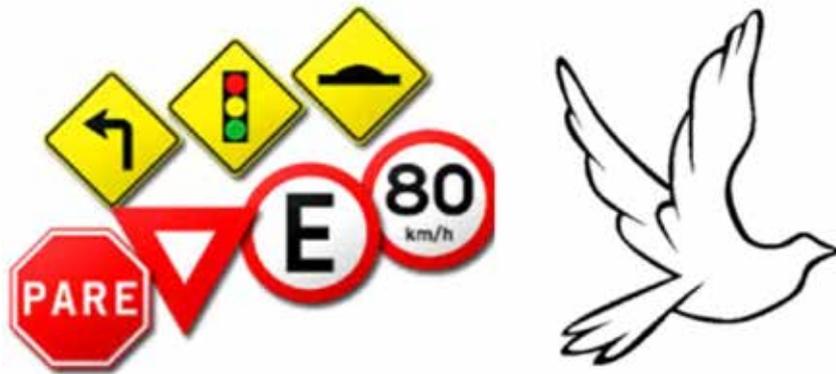
Figura 8. Exemplos de índices



Fonte: Disponível em: <<http://meussonhosnaotemfim.org.br>>. Acesso em: 27 de mar. 2016.

Os símbolos representam os objetos por convenção de ideias, através de uma convenção coletiva, ensinada e arbitrária. Exemplos:

Figura 9. Exemplos de símbolos



Fonte: Disponível em: <<http://imagensgratis.blog.br>>. Acesso em: 27 de mar. 2016.

Atualmente, a cultura vivida pelos estudantes se caracteriza por um apanhado e, até mesmo, uma saturação de imagens que informam o tempo todo. A questão é como levar para a sala de aula esse processo comunicativo. Ana Mae Barbosa menciona que a leitura de imagens prepara os alunos para apreender o que chama de “gramática visual” (BARBOSA, 1995, p.14 apud ROSSI, 2009, p. 9), possibilitando a compreensão de qualquer tipo de imagem, tornando-os atentos à produção humana, preparando-os para avaliar e ter ciência de que aprendem com estes signos. Para tanto, a utilização das categorias sógnicas em sala de aula colabora para a ampliação do repertório dos estudantes, e constrói significados imagéticos e/ou reais.

A tudo que percebemos damos ou procuramos dar um significado, esse processo Peirce intitulou de semiose ou fenômeno de significação. A semiose acontece a todo o instante, depende da bagagem intelectual e cultural de cada indivíduo e está intimamente ligado ao signo, o significante (o que se vê) e a criação de significados. Para Eco (2004), C. S. Peirce usou a ideia de signo na construção da sua teoria da Semiótica propondo que o entendimento de algo pela mente ocorre pela semiose, termo definido por ele como processo de significação. A ideia peirceana, então, é que não há lugar vazio de signos. Ao interpretar algo, traduzimos um pensamento ou signo em um outro pensamento ou signo, existe um ir e vir constante de criação de signos. E esses sistemas contínuos e incessantes de sistemas sógnicos compõem as linguagens verbais e não verbais.

Comunicação visual

A comunicação visual é um importante meio para se apresentar e entender uma mensagem, através de uma transmissão visual de um sistema de signos, o qual pode ser estabelecido por uma linguagem verbal (oral e escrita) ou não verbal (visual, gestual, sonora, tátil e olfativa).

Martins, Picosque e Guerra (1998) afirmam que este sistema de signos está ao redor de todos e permite uma forma de cada um se expressar, comunicar e perceber através dos sentidos o tipo de linguagem que está sendo transmitida, como, por exemplo, se a comunicação é feita por linguagem oral ou gráfica.

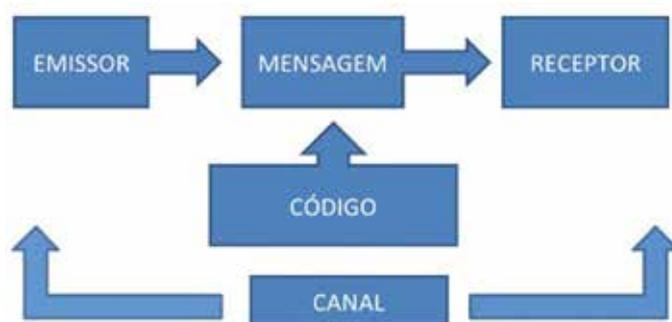
Elementos da comunicação visual

Para ocorrer a comunicação visual, é necessário que existam alguns elementos importantes para a efetiva transmissão da mensagem. Desta forma, Vanoye (1993) explica sobre o papel de cada um destes elementos da comunicação:

- **Emissor:** é o que produz e emite a mensagem; pode ser emitido por uma pessoa ou grupo.
- **Receptor:** quem recebe a mensagem; pode ser para uma pessoa, um grupo ou uma coletividade.
- **Mensagem:** é constituída pelo conteúdo de informações a serem transmitidas para o receptor; é o objetivo da comunicação.
- **Canal de comunicação:** meio de circulação das mensagens, pode ser físico ou virtual (revista, cordas vocais, TV, internet etc.).
- **Código:** conjunto de signos para transmissão da mensagem, podendo ser gesto, sons, linguagem oral ou escrita etc. É necessário o conhecimento deste código pelo receptor para que a mensagem seja compreendida.
- **Referente:** está ligado ao contexto ou situação a que a mensagem remete.
- **Ruído:** alguma perturbação que possa dificultar a compreensão da mensagem.

A seguir, apresenta-se um esquema para melhor visualização dos elementos da comunicação e suas relações:

Figura 10. Elementos da comunicação



Fonte: Disponível em: <<http://pt.slideshare.net/paulacaldeira/comunicacao-visual-13467762>>. Acesso em: 19 mar. 2016.

A partir do conhecimento destes elementos, percebe-se que na comunicação visual a mensagem deve ser bem pensada e organizada para que alcance o seu objetivo final, ou seja, para que o receptor a entenda corretamente. Neste contexto, deve-se tomar cuidado com os ruídos (perturbações) que dificultam a transmissão ou a boa compreensão da mensagem, e ainda, é necessário que o receptor tenha conhecimentos específicos relacionados ao conteúdo da mensagem que recebe, para que o este consiga entendê-la.

Signos artísticos

Ao longo da história, o homem realizou produções e descobertas em diversas áreas, o que contribuiu para o entendimento sobre a expressão e o desenvolvimento das diversas culturas e seus signos. Martins, Picosque e Guerra (1998, p. 36) explicam que:

Como seres simbólicos, nossa autocriação e transformação cultural nos desenvolveram como seres de linguagem. Nós, humanos, somos capazes de conceber e manejar linguagens que nos permitem ordenar o mundo e dar-lhe sentido. Desde as pinturas das cavernas e as palavras do homem primitivo até as fórmulas e equações que levaram o homem a visitar a Lua e hoje navegar na Internet, há um percurso de invenções que o homem efetuou e vem efetuando por meio de sistemas de representação do mundo, sistemas simbólicos, ou seja, linguagens.

Dentre estas descobertas, as autoras afirmam que a arte é uma forma de criação de linguagens, podendo ocorrer por diversas formas, como pela linguagem visual, musical, cênica, dança, entre outras. Estas linguagens artísticas são formas do homem refletir sua existência e relação com o mundo, e ao desenvolver sua arte através de sistema sógnico, ele consegue elevar sua capacidade de criar e ler diversos signos com fins artístico-estéticos.

Metáfora

A metáfora possibilita estabelecer uma comparação, trata-se de substituir algo ou alguma realidade por outra, as quais possuem certa relação ou semelhança.

A linguagem artística permite produzir obras com formas simbólicas sensíveis, na qual o artista pode estabelecer um diálogo de sensibilidades entre os signos artísticos, e, desta forma, a obra de arte se apresenta como metáfora aos sentidos, resgatando pensamentos ou sentimentos no indivíduo que a observa (MARTINS; PICOSQUE; GUERRA, 1998, p. 44).

Código da arte

Cada linguagem da arte possui códigos, ou seja, cada linguagem tem um sistema estruturado de signos. Passos (2011) diz que toda obra de arte possui um meio físico, podendo ser ele visual ou sonoro, e que ela é construída a partir de códigos, como movimentos, ações, gestos, linhas, cores e luz, sendo que estes códigos carregam e transmitem conteúdos que serão recebidos e interpretados pelo público. Sobre esta questão, Passos (2011, s.p.) afirma que:

Aquele que fala (ou aquele que escreve, pinta, interpreta, dança, compõe uma obra) deve sempre pressupor que alguém estará recebendo os signos das linguagens utilizadas (através dos órgãos dos sentidos) e percebendo ou interpretando seus conteúdos. A obra de arte nunca é somente expressão do artista ou criação de formas (do ponto de vista da produção), nem somente comunicação com o público ou apresentação de conteúdos (do ponto de vista da recepção). A obra de arte pode expressar, comunicar, apresentar e criar conteúdos.

O artista utiliza estes signos em seu fazer artístico de forma livre e incomum para criar suas obras; e como não há regras ou padrões para desenvolver sua arte, podem combinar linguagens (como cores, formas, sons, cheiros etc.) e inventar novas descobertas simbólicas, desenvolvendo assim sua própria linguagem artística (MARTINS; PICOSQUE; GUERRA, 1998, p. 45).

Considerações finais

Atuamos no mundo lendo e produzindo linguagens, alinhamos complexos sistemas sógnicos que resultam em uma diversidade cultural. Com isso, podemos inferir que não existe uma realidade absoluta, mas sim realidades interpretáveis e relativas as quais podemos dizer que ensinar, na sua origem epistemológica, é indicar signos.

Manejamos a realidade através dos signos, criamos a possibilidade de falar das coisas que não estão fisicamente presentes. O real e o imaginário nessa dinâmica tendem a formar o processo comunicativo a partir das lembranças, das próprias referências e do repertório cultural.

Nossos pensamentos traduzem nossas experiências em signos, e toda e qualquer linguagem artística faz o ser humano pensar o seu “estar no mundo”. Quanto mais referências os alunos(as) tiverem, maiores e diferentes as possibilidades e perspectivas para análises e interpretações. Portanto, em sala de aula deve-se escolher “manejar a linguagem das cores, dos

sons, do movimento, dos cheiros, das formas e do corpo humano para fins artísticos-estéticos” (MARTINS; PICOSQUE; GUERRA, 1998, p. 34) sempre que possível, pois as aulas de artes devem ser momentos de experimentação, de ação e de transformação e, os estudantes, como pequenos alquimistas, podem manipular as essências da linguagem da arte, criando, recriando ou apreciando, pois assim estaremos efetivamente operando com maestria o que faz essa linguagem ser peculiar: a expressão sensível.

Referências

BUENO, M. L. A. **Leitura de imagem**. Indaial: UNIASSELVI, 2011.

ECO, U. **Os limites da interpretação**. Trad. Pérola de Carvalho. 2.ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.

MARTINS, C. M.; PICOSQUE, G.; GUERRA, M. T. T. **Didática do ensino de arte: a língua do mundo**. São Paulo: FTD, 1998.

PASSOS, J. C. Arte como discurso ou discursividade nas linguagens artísticas. **Revista Cena em Movimento**, ed. 2, 2011. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/cenamov/article/view/22824/13225>>. Acesso em: 29 abr. 2016.

ROSSI, M. H. W. **Imagens que falam: leitura da arte na escola**. Porto Alegre: Mediação, 2009.

SANTAELLA, L. **A teoria geral dos signos: como as linguagens significam as coisas**. São Paulo: Guazelli, 2000.

_____. **Semiótica aplicada**. São Paulo: Pioneira Thomson, 2002.

UNIVERSIA. **Conheça interior vermelho, natureza morta sobre mesa azul, de Henri Matisse**. Projeto: um pouco de arte para sua vida. 2012. Disponível em: <<http://noticias.universia.com.br/destaque/noticia/2012/07/02/947505/conheca-interior-vermelho-natureza-morta-mesa-azul-henri-matisse.html>>. Acesso em: 21 mar. 2016.

VANOYE, F. **Usos da linguagem: problemas e técnicas na produção oral e escrita**. 9. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993. Disponível em: <<http://sersibardari.com.br/wp-content/uploads/2010/09/Teoria-da-Comunica%C3%A7%C3%A3o.pdf>>. Acesso em: 29 abr. 2016.

Artigo recebido em 30/05/17. Aceito em 10/07/17.

O USO DE MÁSCARAS COMO SUPORTE PARA A RELEITURA DA OBRA GUERRA E PAZ

The use of masks as support for the release of work war and peace

Josiane Lopes¹
Jádina de Farias Neves¹

Resumo: Ao longo dos tempos, a humanidade utilizou-se da Arte para deixar sua história registrada e também para se expressar sobre o que lhes era misterioso, que ia além do seu entendimento e que ao mesmo tempo fascinava e assombrava. Usada pelo homem desde o Paleolítico, as máscaras carregam consigo um fortíssimo poder místico, ocultando a verdadeira identidade de quem a usa, dando-lhe a oportunidade de se transformar, incorporando uma personalidade que não é realmente a sua, finalmente libertando-se da “máscara diária”. Em referência a essa característica dualística da máscara, este projeto propõe que a máscara seja usada como suporte para a releitura da obra “Guerra e Paz” de Cândido Portinari, levando os alunos a refletirem sobre as diversas máscaras que usamos no cotidiano e sobre as aflições e os prazeres da humanidade ao longo dos tempos, como as Guerras que são um tema tão antigo quanto atual, pois sempre há povos em conflitos. A paz é um sonho e uma esperança eterna, nunca nos cansamos de almejá-la. E no dia a dia dos nossos alunos? O que os aflige? O que os conforta? Quais os seus medos e esperanças? Considerando que as Artes Visuais devem levar o aluno a desenvolver seu pensamento artístico e sua percepção estética, desenvolvendo sua sensibilidade e imaginação, este projeto intitulado “O uso de máscara como suporte para a releitura da obra Guerra e Paz”, dentro da área de concentração de Ensino e Aprendizagem, desafia e proporciona aos alunos a oportunidade de expressarem seus sentimentos e percepções frente às realidades do seu cotidiano.

Palavras-chave: Máscaras. Suporte. Releitura.

Abstract: Throughout the ages mankind used Art to leave its recorded history and also to express itself about what was mysterious to them, that went beyond their understanding and at the same time fascinated and haunted. Used by man since the Paleolithic, the masks carry with them a very strong mystical power, hiding the true identity of the wearer, giving him the opportunity to transform himself, incorporating a personality that is not really his, finally freeing himself from the "mask daily". In reference to this dualistic characteristic of the mask, this project proposes that the mask be used as a support for the re-reading of the work "War and Peace" by Cândido Portinari, leading the students to reflect on the various masks we use in daily life and on the afflictions and the pleasures of mankind over time as the Wars that is as old as current theme, because there are always peoples in conflict. Peace is a dream and an eternal hope, we never tire of craving it. And in the day-to-day of our students? What afflicts them? What comforts them? Considering that the Visual Arts should lead the student to develop his artistic thinking and his aesthetic perception, developing his sensibility and imagination, this project entitled "The use of masks as a support for re-reading War and Peace" Within the area of concentration of Teaching and Learning, challenges and gives students the opportunity to express their feelings and perceptions in the realities of their daily lives.

Keywords: Masks. Supports. Relief.

Introdução

Através do Estágio III, tive a oportunidade de ter contato com situações da rotina escolar na área em que se pretende atuar. Esta experiência é de suma importância, pois oferece a oportunidade de aperfeiçoar o conhecimento e constatar as possíveis contradições entre teoria

¹ Centro Universitário Leonardo Da Vinci – UNIASSELVI – Rodovia BR 470 - Km 71 - nº 1.040 – Bairro Benedito – Caixa Postal 191 – 89130-000 – Indaial/SC Fone (47) 3281-9000 – Fax (47) 3281-9090 – Site: www.uniasselvi.com.br

e prática, através do contato com o campo de trabalho, da convivência com profissionais experientes e a interação com os alunos.

Este *paper* possui caráter descritivo quanto ao estágio de regência realizado na escola cedente Escola de Educação Básica Dom Joaquim, localizada no município de Braço do Norte.

A área de concentração do projeto foi: “O uso de máscara como suporte para a releitura da obra Guerra e Paz”, tendo como justificativa, levar os educandos a perceberem que arte não é apenas o que se vê em livros, galerias e museus, mas que a arte também é uma linguagem que pode ser usada para construir críticas, formar opiniões e está ligada a elementos que fazem parte do seu dia a dia, sem que percebam.

Utilizando a releitura como fazer artístico

Para que seja possível fazer uma releitura, deve-se primeiramente falar em leitura. Em uma sociedade que a todo instante é bombardeada por imagens, torna-se indispensável adquirir a capacidade de se ter um olhar atento à velocidade das informações e às múltiplas facetas que o mundo apresenta e representa, de modo a poder interpretá-las, sendo o papel do professor, o de conduzir, instigar esse olhar.

Ler uma imagem, segundo Analice Dutra Pillar, “[...] é compreendê-la, interpretá-la, descrevê-la, decompô-la para aprendê-la enquanto objeto a conhecer” (PILLAR, 1993, p. 1). Sendo assim, ler não é encontrar a interpretação desejada pelo autor da imagem, mas, sim, formar uma interpretação própria, lembrando que nenhuma leitura será igual à outra, pois cada pessoa carrega consigo experiências próprias que fazem seu olhar e sua interpretação no momento serem únicos.

Após a leitura, é possível então fazer a releitura, tendo esta um novo olhar, uma atualização, uma transformação da primeira, pois “[...] a cada leitura, o que já foi lido muda de sentido, torna-se outro” (GOULEMOT, 1996, p. 116), essa releitura, imprime novas experiências, novos olhares e conceitos, dando à imagem um novo significado.

Foi a partir da década de 80 que a Proposta Triangular passou a ser inserida no ensino das artes pela pesquisadora e professora Ana Mae Barbosa. Esta proposta está apoiada em três eixos: a leitura de obras: através da apreciação e da análise de produções o aluno estabelece uma ligação entre o que ele conhece e o que está aprendendo; a reflexão sobre a arte, na qual o aluno contextualiza a pesquisa e passa a compreender seu significado; e a produção, na qual o fazer artístico permite que o aluno pratique e explore diversas formas de expressão, incluindo a releitura.

Esta proposta tornou-se popular entre os professores de Artes no Brasil, que a veem como uma fórmula mágica e muitos ainda a aplicam erroneamente ao apresentar uma obra aos alunos, contextualizar e após, entregando uma cópia da obra para que os alunos pintem igualmente, ou ainda, pedindo que copiem e que reproduzam a obra o mais fielmente possível. Isto não é releitura, é pura e simplesmente cópia. Inibe a criatividade do aluno e torna a aula de Arte corriqueira.

Nas aulas de Arte, a leitura e a releitura podem tornar-se atividades agradáveis e prazerosas e, para isso, o professor deve estimular o aluno a ler, interpretar as imagens que o cerca, a tornar-se um crítico sobre a sua realidade, e então a partir da observação, da análise e dos questionamentos, o aluno estará pronto para criar. A intenção aqui não é tornar o aluno um artista, mas aguçar sua sensibilidade, tornar possível a apreensão da aprendizagem de forma significativa, pois “o bom professor de Arte não é aquele que informa, conceitua e apresenta informações apenas, porém é aquele que ajuda o aluno a descobrir por si só o caminho, que estimula a curiosidade, tornando-o agente da sua própria aprendizagem” (SOUZA; PITOMBO, 2011, p. 6).

Assim, abre-se um extenso leque de oportunidades às novas ideias, às novas produções, tornando o fazer artístico algo prazeroso, desafiador, fazendo com que o aluno busque novos limites, tornando-se construtor do seu próprio conhecimento.

Um resumo da história das máscaras

As máscaras fazem parte da cultura de diversos povos desde a Pré-História, e carregam consigo um forte poder de ocultação e transformação. Estudos mostraram que sua difusão foi maior que o arado, a alavanca e o arpão, a partir de descobertas arqueológicas feitas a partir do século IX.

Para os povos primitivos, as máscaras tinham como função principal a ligação do homem com as forças da natureza, sendo usadas em um contexto ritualístico e sagrado, elas não expressavam as emoções que o homem sentia que temia, ela era a própria emoção, o próprio temor, como, por exemplo, as máscaras africanas, sempre carregadas de fortíssima expressividade, serviam como mediadoras entre o que era natural e o que era sobrenatural.

Ao longo da sua história a máscara foi adquirindo diversas funções: social e religiosa: usada em rituais com caráter disciplinador principalmente para mulheres, crianças ou criminosos; também por juízes com a função de evitar retaliações pelo julgamento e atribuíam a sentença aos espíritos do passado; por tribos de tradição oral, mantendo assim a ligação com o passado; por grupos exclusivos em rituais de iniciação e em rituais de curas, por sacerdotes, chamas e curandeiros. Com relação ao uso funerário, neste caso, o material da máscara vai depender da importância do personagem, indo desde a simples cortiça até as de ouro com pedras preciosas. Serviam para dar refúgio à alma dos mortos, protegê-las dos espíritos malignos e perversos durante a marcha para o além (BAZZO, 2010). Quanto ao uso terapêutico: em algumas culturas, alguns membros usavam máscaras em rituais, com o intuito de guiar os demônios para fora da aldeia, podendo, assim, evitar ou curar doenças.

A máscara no teatro

A Grécia é o berço do teatro e, portanto, foi onde as máscaras passaram a ser usadas para fins artísticos, deixando para trás seu uso primitivo, adentrando no universo da cultura.

As primeiras máscaras do teatro eram feitas de diversos materiais como a cortiça, o barro, a madeira e cobriam todo o rosto do ator e parte da cabeça, tendo abertura apenas para os olhos e a boca. Características como a idade e o sexo do personagem eram complementadas com a adição de cabeleira e barba. Havia cerca de 25 tipos de máscaras trágicas e mais de 40 para o gênero cômico, que revelavam através das suas características, as diferenças de classe, raça e condição social.

A rigidez das máscaras imposta ao rosto tornava-se um inconveniente quando o momento exigia que algum sentimento fosse transmitido, então para resolver esta situação as máscaras eram substituídas durante a encenação. Em compensação a esse fato, um mesmo ator poderia desempenhar os mais variados personagens em uma única apresentação, inclusive os femininos, uma vez que as mulheres eram proibidas de atuar.

Conhecida como símbolo do teatro por representar seus dois gêneros, a tragédia e a comédia. Sobre a máscara:

No Oriente e nos rituais primitivos, a máscara, por si mesma, tem uma significação, tem vida própria, e quando usada no palco ou numa cerimônia, a sua vivência é imediata. Já no Ocidente, um ator, para usá-la dramaticamente, precisa passar antes por

um aprendizado, pois se ela não for bem manipulada, se o ator não souber animá-la devidamente, a máscara pode, num primeiro instante, causar grande impacto, mas só no primeiro instante, porque logo esse impacto se perde. Ela se torna um objeto morto. Enquanto simples adorno, a máscara não comunica nada, torna-se estranhamente patética (MARAT, 2011, s.p.).

No período da Renascença, através da Commedia dell'Arte, surge a

[...] meia máscara, talvez a mais famosa de todas as outras máscaras. A meia máscara, como ficou conhecida, permite ao ator ter uma boa articulação vocal, ao contrário da máscara inteira do teatro Geco-Romano, que de certa forma atrapalhava essa articulação, prejuízo este que era sanado com a maravilhosa acústica dos teatros daquela época. Como os comediantes dell'Arte não gozavam desse recurso, pois se apresentavam nas praças, eles adaptaram a máscara, cortando-a um pouco abaixo do nariz, deixando assim a boca totalmente livre (DEA, 2009, s.p.).

Com o surgimento do cristianismo, as máscaras passaram a ser consideradas objetos pagãos e seu uso foi proibido. Por fim, elas desembarcaram com os europeus na América, como brinquedos infantis e adornos para bailes e festas. Atualmente, é costume usá-las em festas como o Carnaval, Dia das Bruxas e em algumas profissões como medicina, em laboratórios ou ainda em esportes como a esgrima.

Candido Portinari e sua obra Guerra e Paz

Os painéis de “Guerra e Paz” foram pintados por um dos artistas plásticos brasileiros mais importantes. Nascido em 1903, em uma cidadezinha do interior de São Paulo e filho de imigrantes italianos, o artista criou em torno de cinco mil pinturas.

Sempre envolvido no cenário cultural e político do país, o artista foi convidado a pintar os painéis pelo então presidente Juscelino Kubitschek, estes seriam um presente do Brasil à sede da Organização das Nações Unidas (ONU) em Nova York.

Com problemas de saúde, Candido Portinari havia sido proibido pelos médicos de pintar, ainda assim, ele aceita o convite. Durante quatro anos, Portinari fez cerca de 180 esboços e estudos sobre os painéis Guerra e Paz, sua execução, porém, levou apenas nove meses.

No painel Guerra, foram utilizadas cores em tons de azul e laranja. Ao invés de armas e soldados em combate, aparecem os Quatro Cavaleiros do Apocalipse, e o sofrimento do povo, retratado principalmente por mães que seguram em seus braços, seus filhos mortos. Há também hienas, que fazem referência ao homem que faz a guerra. O sofrimento é visível e tocante por toda a cena.

No painel Paz, o artista retratou entre alegres tons de amarelo, tranquilos e solares, crianças brincando, animais, noiva, camponeses e corais. Todos os figurantes de a Paz são os meninos de Brodowski (cidade onde o pintor viveu quando criança), nas gangorras como aparecem em várias de suas telas, outras em cambalhotas e piruetas, pulando carniça, ou armando arapuca, moças que dançam e cantam, um coral de meninos de todas as raças, assim como os brasileiros.

Contudo, apesar dos seus esforços e dedicação, por ter realizado a obra mesmo com seus problemas de saúde, Portinari não pode ir à Nova York para a entrega dos painéis à ONU, pois devido a sua ligação com o partido comunista, seu visto foi negado.

No Brasil, os painéis foram expostos uma vez em 1956, antes de embarcarem para Nova York, no Theatro Municipal do Rio de Janeiro, retornando apenas cinquenta e quatro anos após,

quando a ONU passou por uma reforma geral e permitiu que os quadros retornassem para que fosse realizada uma restauração devido aos desgastes do tempo. Novamente, os painéis foram expostos ao público brasileiro, que superou em mais de quarenta mil o número de visitantes em apenas doze dias.

Vivência do estágio

A Escola de Educação Básica Dom Joaquim encontra-se edificada no centro de Braço do Norte, sendo o maior colégio deste município. Possui 1.270 alunos e um corpo técnico de aproximadamente 80 funcionários entre efetivos, ACTs, servidores, auxiliares etc.

Os turnos de funcionamento e seus respectivos horários dividem-se em: matutino: 7h-45min às 11h45, atendendo a turmas do Ensino Fundamental do 5º ao 9º ano e turmas do Ensino Médio do 1º ao 3º ano; vespertino: 13h10 às 17h10, atendendo a turmas do Ensino Fundamental do 5º ao 9º ano e Ensino Médio do 1º ao 3º ano; noturno: 19h às 22h, atendendo a turmas do Ensino Médio do 1º ao 3º ano e Magistério.

A escola possui boa estrutura, limpeza adequada, e conta com acessos para deficientes, instalações com secretaria, almoxarifado, biblioteca, cozinhas, banheiros comuns e adaptados, dispensa, diretoria, elevador, ginásio de esportes, quadra de esportes coberta e descoberta, refeitório, 21 salas de aula, laboratórios de ciências, física, química e informática, sala de professores, sala de reunião do inovador, sala de recursos multifuncionais, sala de vídeo, sala de arte, vestiários etc.

O Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola alicerça-se na Proposta Curricular de Santa Catarina e segue como referencial teórico a concepção histórico-cultural, sociointeracionista que abraça a fama “social” de ver a educação, a qual é compromisso de todos, tanto do cidadão como da escola e da sociedade. A educação (enquanto vista como um processo) deve ser construída coletivamente.

Para a EEB Dom Joaquim, a escola tem função de formar cidadãos críticos, autônomos e criativos frente a situações individuais e coletivas presentes no cotidiano, através do desenvolvimento integral das potencialidades humanas. Assim, precisa se empenhar na construção de uma prática pedagógica que priorize o ensino do conhecimento científico aliado à compreensão histórica do contexto que o produziu. A prática pedagógica deve estar apoiada nos princípios da interdisciplinaridade e da transversalidade, levando em conta a história de vida do aluno e de sua família, que pode adquirir um caráter universal se for compreendida a carga histórica cultural que determina essa história individual.

Quanto à avaliação, a escola adequa-se às propostas do MEC. A LDB nº 9394/96, em seu artigo 25, inciso V, alínea A, enfoca que a avaliação deve ser “contínua e cumulativa...” e cita a Lei Complementar nº 170/96, no seu artigo 26, parágrafo IV “a avaliação do rendimento escolar do educando, resultado de reflexão sobre todos os componentes do processo ensino-aprendizagem, como forma de superar dificuldades, retomando, reavaliando, reorganizando e reeducando os sujeitos nele envolvidos”, assim, a avaliação, sendo um meio e não um fim, está contribuindo com a formação de um homem que reavalia também sua vida, suas ações, suas funções, com isso, crescendo e resolvendo suas dificuldades (BRASIL, 1996). A avaliação é um processo constante, global, podendo ainda ter caráter diagnóstico ao transformar-se na busca incessante da compreensão das dificuldades dos educandos, dinamizando novas construções de conhecimento, tornando-os participativos, cômicos e potencialmente inseridos no contexto social.

A recuperação, quando necessária, é paralela através de revisão de conceitos, das propostas, dos objetivos, da aplicação de novas avaliações, trabalhos e atividades extraclases e exercícios de aprendizagem.

O atendimento aos pais é feito a partir de horários marcados conforme a hora/atividade do professor, ou na entrega de boletins.

A escola possui projetos, pedagógicos que são elencados no início do ano com todos os profissionais da escola, geralmente são quatro grandes projetos envolvendo todos os alunos e outros menores, por turmas, área de estudo ou disciplina.

A professora titular da turma, Maria Cristina da Silva e Silva, atua há 23 anos na educação, sendo que nesta escola atua há 6 anos. Possui como formação acadêmica, Licenciatura Plena em Educação Artística e Pós-Graduação em Metodologias Alternativas no Ensino da Arte, buscando atualização profissional sempre que possível. Alicerça sua prática pedagógica na tendência sociointeracionista e como recursos utiliza-se da leitura, discussão, seminários, aulas práticas com diversas técnicas, dramatização, leitura de imagem e exposição de trabalhos práticos. A avaliação empregada segue em conformidade com o PPP, sendo feita quinzenalmente.

Seu planejamento é feito anualmente, com conteúdos gerais e semanalmente para especificar as práticas realizadas. Considera que há relação entre o que é planejado e a prática. Em sala de aula, divide o tempo, sendo no início da aula mais ou menos cinco minutos para motivação, dez minutos para explanação do conteúdo seguindo o livro didático e o restante da aula (30 minutos) para exercer atividades práticas. Para motivar os alunos, procura tornar os assuntos atrativos, trazendo-os para a realidade dos alunos e utilizando-se de técnicas que despertem a curiosidade e os motivem a produzir. Para lidar com as limitações de materiais, procura usar materiais alternativos e o uso de técnicas de expressão cênica no pátio da escola. Considera seu relacionamento com os alunos bom e agradável, pelo fato de a própria disciplina proporcionar o interesse deles pelas aulas.

Iniciei a observação deste estágio bem no início das aulas, e no primeiro encontro com as turmas, a professora Cristina utilizou como dinâmica para todos se conhecerem melhor, o conto “A árvore de Sapatos” de Mia Couto, e como atividade, propôs que cada um pensasse no que gostaria de fazer no futuro, e que tipo de sapatos seria o ideal para usarem na ocasião. A maioria desenhou o calçado referente às futuras profissões, outros desenharam também tênis, que segundo eles, é o ideal de ser usado por ser confortável na caminhada pela luta dos objetivos. Um único aluno desenhou apenas os pés, pois segundo ele, não importava o calçado que usaria quem o levaria seriam seus pés.

A escola utiliza um livro didático, que acompanha os alunos por todo o ensino médio, sendo capítulos 1 e 2 para o 1º ano, capítulos 3 e 4 para o 2º ano e, por fim, capítulos 5 e 6 para o 3º ano. Após as socializações da dinâmica, os livros foram distribuídos e a professora explicou como ele seria utilizado durante os anos seguintes. A primeira unidade trata sobre o Sentido das Coisas e quais as linguagens da arte, sendo que a atividade foi o aluno escolher uma imagem, desenho, frase, poema ou trecho de música que representasse a arte em suas linguagens.

As aulas seguintes foram sobre a Pop Art, na qual os alunos conheceram o movimento e o artista Andy Warhol. A atividade proposta foi produzir um trabalho com as características pop, utilizando logotipos de marcas ou de imagens das mídias sociais a que cada um está familiarizado.

Aproveitando a comoção em que está mergulhado o país, com os escândalos políticos, a professora Cristina partiu para uma unidade do livro que trata da Arte e História – ideia e opinião. Essa unidade traz como exemplo o artista Cildo Meireles, artista plástico que durante a ditadura militar, teve a coragem e audácia de fazer críticas ao regime da época, através da sua arte, intitulada Inserções em circuitos ideológicos: Projeto Cédula, intervenção na qual o artista carimbou a frase: “Quem matou Herzog?” em cédulas de dinheiro. Vladimir Herzog foi um jornalista morto durante a ditadura em 1975, em uma prisão de São Paulo, por lutar a favor da democracia. Levantando o questionamento sobre o que tem incomodado a nossa sociedade

nos dias de hoje, a professora orientou a criação de uma intervenção da turma sobre o assunto, usando a política e a corrupção como tema principal, utilizando para isto, materiais reciclados e imagens relacionadas. A ideia é de realizar uma exposição no pátio, e observar e registrar a reação dos alunos ao se depararem com a intervenção da turma. Para cada turma foi combinado uma intervenção diferente das outras, sendo que seria mantido segredo sobre o que iriam fazer, sendo revelado apenas quando fossem expostas no pátio. Houve ideias de como representar o país em papel *kraft* coberto de lixo, escorrendo para uma grande lata de lixo e outras como cobrir caixas de papelão com imagens de reportagens sobre corrupção, para a montagem de uma instalação. Nesse período em que acompanhei as aulas, também houve atividades referentes ao grafismo indígena, e conscientização do meio ambiente, com a criação de formas orgânicas, utilizando materiais reciclados.

Para as minhas regências, a professora deu liberdade para a escolha do tema, desde que fosse algo que os retirasse da rotina e que fosse inovador. Após muita pesquisa, e de algumas experiências pessoais, decidi por utilizar máscaras como suporte para releitura ao invés de folhas sulfite ou cartazes, pensando na dualidade entre a tragédia e a comédia que a máscara possui no teatro. Em minhas pesquisas, percebi que o único artista que encontrei que fez uma obra que possuía em si uma dualidade foi Cândido Portinari, com seus painéis “Guerra e Paz”. Como o assunto é tão antigo quanto atual, decidi então, pelo tema, e como produção artística, optei por máscaras feitas com atadura gessada moldada no rosto dos alunos. Para exercer a regência, escolhi a turma do 1º ano 1, que faz parte do Ensino Inovador, e como eles possuem aulas extras de teatro, cultura e dança, possuem apenas uma aula de Arte por semana, ao invés de duas aulas, como o restante das turmas da escola.

No primeiro encontro, com o auxílio do datashow, iniciei contando resumidamente a história das máscaras ao longo da história, seus significados e utilidades básicos para as culturas diversas e no teatro, dando ênfase a sua dualidade. Fiz um questionamento para levantar debate: “Quantas máscaras costumamos usar ao longo dos nossos dias?”. A seguir, falei sobre o que vem a ser dualidade, mostrando imagens como exemplo, e levantando a seguinte questão: “Qual a maior dualidade da humanidade?”, e para ilustrar essa questão, coloquei na tela a imagem da palavra paz formada por palavras “guerra”. A paz é almejada por todos, mas em alguma parte há sempre um povo em guerra. Após uma rápida biografia de Cândido Portinari, apresentei aos alunos as obras Guerra e Paz, dando liberdade para que fizessem uma leitura pessoal e falassem sobre suas impressões sobre a obra. A seguir, detalhei a obra, dando destaque às Pietas, que são representantes do sofrimento máximo das guerras, o sofrimento das mães que perdem seus filhos. Para o painel “Paz”, destaquei as brincadeiras das crianças. No final da apresentação, passei um vídeo, mostrando como uma máscara de atadura gessada no rosto, e houve uma empolgação por parte dos alunos em geral. Os dois encontros seguintes foram utilizados para a produção das máscaras, em duplas, os alunos revezaram-se para a produção, alguns, porém tiveram receio de fazer e preferiram utilizar balões como molde. Os encontros restantes foram destinados à pintura das máscaras.

A proposta era de que eles representassem por meio de cores, pintura, colagem, palavras ou até mesmo frases, o que representaria a guerra e a paz para eles, dividindo a máscara ao meio, e representando uma releitura de cada lado. Mais uma vez percebi que os alunos possuem certa dificuldade para “criarem” algo, ao invés de copiar. A todo instante eles pediam que eu falasse o que eles deveriam desenhar, e foi aos poucos que o trabalho fluiu. Alguns impacientes, apenas usaram a cor para expressar, utilizando-se de pouco ou nenhum detalhe específico. Em minhas outras regências, levei um trabalho de minha autoria, para que os alunos tivessem uma ideia do produto final, mas a maioria procurava fazer algo parecido com o meu, e alguns até iguais. Dessa vez, preferi não levar nada, apesar de ter feito, para testar o grau de dificuldade e quais

tintas seriam melhores para usar, se a colagem funcionaria no gesso, enfim, em minha opinião o professor deve ‘sentir na pele’ como é fazer a proposta que ele pede, dessa maneira, passa a ser capaz de conduzir melhor o aluno durante as atividades. Na última aula, levei a máscara que havia feito, e ainda assim, um aluno usou um dos meus elementos para terminar a sua atividade.

Em uma conversa posterior, eles comentaram que sentem dificuldade em produzir, porque não sabem desenhar, não possuem uma base de conhecimento sobre formas, desenho, cores, perspectiva e acabam por sentirem-se perdidos na hora de criarem. Nos anos anteriores, sentiram falta também de uma continuidade no ensino da arte, em um ano um professor dá um desenho sobre cores primárias, utilizando apenas a folha e o lápis de cor; em outro, outro professor também dá um desenho sobre cores primárias; mas, no final, nenhum deles aprofunda o assunto. Uma das alunas questionou-me: “Eu nem sei direito quais são as cores primárias, sei menos ainda por que elas são primárias”. Vejo aí uma carência de ensino, professores que deixam a desejar, que simplesmente dizem que eles devem fazer algo, mas que não explicam os porquês. Ao explicar sobre a história das máscaras e falar sobre a biografia do artista: o porquê ele criou os painéis, o contexto histórico, como foi criado, os anos de estudo e os meses de produção, a importância histórica da obra, a importância do tema, acredito que os tenha feito adentrar um pouco mais afundo do que estão habituados. Dessa forma, isto fez com que ao serem retirados da zona de conforto, eles sentiram-se à vontade para se abrir e questionarem o modo como são ensinados no geral.

Encerrei minhas regências com o sentimento de dever cumprido. De ter feito por alguns dias a diferença no cotidiano escolar dos alunos, dando-lhes algo para lembrarem-se de ter realizado, deixando assim, um pouco de mim, para cada um, e levando um pouco de cada um comigo, por que ser professor não é apenas ensinar, é construir o conhecimento junto, e, para isso, é preciso saber doar e receber.

Considerações finais

Neste último estágio, procurei fazer algo que fosse inovador. Desde meu primeiro estágio tenho defendido a releitura como produção artística para que, desta forma, o aluno possa assimilar que o movimento estudado, o artista e as obras produzidas são importantes como parte da História da Arte, que para ele é importante ter este conhecimento. Além disso, por meio do “fazer” do aluno, a partir do instante em que ele também se torna criador, que produz suas próprias “obras”, é que ocorre a absorção da aprendizagem, e ele passa a levá-la consigo a todo lugar.

Desta vez, procurei dar sentido também ao suporte utilizado para a releitura, para que a obra com todo o trabalho, feito pelos alunos, integrassem-se, dando um maior sentido as suas produções. Não foi somente uma releitura da obra, eles também produziram o suporte que iriam trabalhar, isto fez com que eles pensassem mais no que iriam fazer, pois já haviam passado pelo processo da produção das máscaras. Geralmente, quando usamos folhas para a produção, eles produzem com certo desinteresse, pois se errar, ou não gostarem da primeira coisa que fizeram, é “só jogar fora”, o que acaba gerando certo desinteresse pela própria produção. Assim, eles tiveram que valorizar a primeira etapa do seu trabalho para poderem realizar a segunda.

Levando em conta a dificuldade dos alunos em fazer algo novo, e o pouco tempo trabalhado, pois estas poderiam ter mais encontros, se fosse possível, encerrei minhas regências com o sentimento de dever cumprido. De ter feito por alguns dias a diferença no cotidiano escolar dos alunos dando-lhes algo para lembrarem-se de ter realizado, deixando assim, um pouco de mim, para cada um, e levando um pouco de cada um comigo, por que ser professor não é apenas ensinar, é construir o conhecimento junto, e para isso, é preciso saber doar e receber.

Referências

BAZZO, Ezio Flavio. **Máscaras: esse objeto de mil e um significados**. Máscaras & Disfarces, 2010. Disponível em: <<http://mascarasedisfarces.blogspot.com.br/2010/07/mascara-esse-objeto-de-mil-e-um.html>>. Acesso em: 26 mar. 2016.

BRASIL. **Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em: 15 mar. 2016.

DEA. **História resumida das máscaras**. 2011. Disponível em: <<http://deanomundo.blogspot.com.br/2011/03/historia-resumida-das-mascaras.html>>. Acesso em: 26 mar. 2016.

ESCOBAR, Ticio. **As máscaras**. Disponível em: <https://evisual5.files.wordpress.com/2009/02/as_mascaras_historia_tipologia.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2016.

GAYDECZKA, Beatriz. **A importância da leitura de imagens no ensino**. v. 29 n. 3. Belo Horizonte, 2013. Resenha - Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba, 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982013000300015>. Acesso em: 20 mar. 2016.

GENTILE, Paola. Um mundo de imagens para ler. **Revista Nova Escola**, 2003. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/arte/fundamentos/mundo-imagens-ler-426380.shtml>>. Acesso em: 20 mar. 2016.

GOULEMOT, Jean Marie. Da leitura como produção de sentidos. In: CHATIER, Roger. **Práticas da Leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

MARAT, Marcelo. **As máscaras no teatro**. Ecos do nada, 2011. Disponível em: <<http://ecosdonada.blogspot.com.br/2011/05/as-mascaras-no-teatro.html>>. Acesso em: 3 mar. 2016

MURIAMA, Clélia Cortez; SARMENTO, Rosely Petri. **Recriar dá mais sentido**. Instituto Avisala Formação Continuada de Educadores. Sumaré - São Paulo, 2010. Disponível em: <http://avisala.org.br/index.php/conteudo-por-edicoes/revista-avisala-42/recriar-da-mais-sentido/> Acesso em: 3 abr. 2016.

MYRRHA, Vânia. **O que é releitura?** Cores & Matizes, 2009. Disponível em: <<https://coresmatizes.wordpress.com/2009/07/16/o-que-e-releitura/>>. Acesso em: 26 mar. 2016.

PILLAR, Analice Dutra. **Leitura da imagem**. Porto Alegre, Projeto Cultural Arte Na Escola. Banco de Textos nº 007, 1993.

PORTAL APRENDE BRASIL. **O que é releitura?** Atividades colaborativas. Disponível em: <<http://www.aprendebrasil.com.br/AtividadesColaborativas/sobreMostrasReleituras.asp>>. Acesso em: 20 mar. 2016.

RANGEL, Valeska Bernardo. Releitura não é cópia: refletindo uma das possibilidades do fazer artístico. **Nupeart Revista**, 2004. Disponível em: <file:///C:/Users/home/Downloads/2534-59441-1-PB.pdf>. Acesso em: 28 mar. 2016.

REIS, Bia. Recriar dá mais sentido à arte. **Revista Nova Escola**, 2005. Disponível em: <http://revistaescola.abril.com.br/arte/pratica-pedagogica/recriar-mais-sentido-arte-424882.shtml>. Acesso em: 28 mar. 2016.

ROSSI, Maria Helena Wagner; DEMOLINER, Isadora. **Leitura e releitura**: estabelecendo relações. Instituto Arte na Escola. 2012. Disponível em: <http://artenaescola.org.br/sala-de-leitura/artigos/artigo.php?id=69314>. Acesso em: 26 mar. 2016.

SANTANA, Ana Lucia. **História das máscaras**. InfoEscola. [s.d.]. Disponível em: <http://www.infoescola.com/artes/historia-das-mascaras/>. Acesso em: 20 mar. 2016.

SOUZA, Elson Santos de; PITOMBO, Carla Grazielle Batalha. **A releitura de composições bidimensionais no processo de aprendizagem**. 2011. Disponível em: <mídia.unit.br/enfope/2013/gt7/A_RELEITURA_DE_COMPOSIÇÕES_BIDIMENSIONAIS_NO_PROCESO_DE_APRENDIZAGEM.pdf>. Acesso em: 3 abr. 2016.

TORRES, Maria de Rita Lima. **A importância da leitura de imagens para o ensino e aprendizagem em artes visuais**. Trabalho de Conclusão do Curso de Artes Visuais. Habilitação em Licenciatura. Departamento de Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade de Brasília, DF, 2011. Disponível em: <http://bdm.unb.br/bitstream/10483/4458/1/2011_MariaRitadeLimaTorres.pdf>. Acesso em: 23 mar. 2016.

Artigo recebido em 30/05/17. Aceito em 10/07/17.

OS SENTIDOS NO UNIVERSO DA ARTE

The senses in the universe of art

Fabíola Barbosa Dal-Bó¹

Jádina de Farias Neves¹

Resumo: Os sentidos no universo da arte referem-se ao estudo da importância de um trabalho criativo em sala de aula, no que diz respeito aos sentidos, sentimentos, emoções, compreensão e adaptação. Respeito às limitações de si próprio e dos colegas, bem como a produção de obras, o papel transformador e explorador do professor nas aulas de artes visuais. Este estudo esclarece as principais dúvidas de como trabalhar, ou seja, colocar os sentidos de forma efetiva, se utilizando deles na produção de obras artísticas, orientando os alunos sobre a experiência da arte como um caminho alternativo e enriquecedor no processo de aprendizagem, na busca do autoconhecimento e da cura interior. Apresentar a artista Yayoi Kusama, sua história, obras e compreender juntos que mesmo sofrendo de problemas psiquiátricos e em meio a alucinações ela produziu obras que a consagraram e contribuíram no seu processo de equilíbrio interno, amenizando o sofrimento vivido. Conclui-se que a escola, o professor e principalmente a família, são peças fundamentais na formação de seres mais conscientes e com isto menos preconceituosos, que saibam administrar tantas informações recebidas nos tempos atuais, se utilizando principalmente dos sentidos e produzindo arte, na busca de uma vida mais equilibrada, harmoniosa e feliz.

Palavras-chave: Artes. Sentidos. Autoconhecimento.

Abstract: The senses in the art universe refers to the study of the importance of creative work in the classroom, regarding the senses, feelings, emotions, understanding and adaptation. Respect the limitations of itself and its colleagues, as well as the production of works and the transforming role of the teacher and his exploratory role in the classes of visual arts. This study clarifies the main doubts about how to work, that is, to put the senses effectively, using them in the production of artistic works, guiding the students about the experience of art as an alternative and enriching path in the learning process, searching self-knowledge and inner healing. Presenting the artist Yayoi Kusama, her history, works and together understand that even suffering from psychiatric problems and in the midst of hallucinations she produced works that consecrated her and contributed to her inner balance process, softening the suffering experienced. It is concluded that the school, the teacher and especially the family, are fundamental parts in the formation of more conscious beings and thereby less prejudices, knowing how to administer so much information received now a days, using the senses mainly and producing art, in the pursuit of a more balanced, harmonious and happy life.

Keywords: Arts. Senses. Self-knowledge.

Introdução

O desenvolvimento deste estágio foi realizado na Escola de Ensino Médio Dite Freitas, situada no município de Tubarão - SC, no bairro Santo Antônio de Pádua. Pretendendo-se apresentar a artista Yayoi Kusama e seu trabalho de instalações e camuflagens. Esta artista sofre de transtorno psiquiátrico e, em suas alucinações, vê o mundo à sua volta em bolinhas.

O trabalho compreende a releitura das obras de Yayoi Kusama, que iniciará com atividades sensoriais, meditação, privação do sentido da visão através de vendas, atividades dinâmicas que instiguem o diálogo sobre questões referentes ao autoconhecimento.

¹ Centro Universitário Leonardo Da Vinci – UNIASSELVI – Rodovia BR 470 - Km 71 - nº 1.040 – Bairro Benedito – Caixa Postal 191 – 89130-000 – Indaial/SC Fone (47) 3281-9000 – Fax (47) 3281-9090 – Site: www.uniasselvi.com.br

Tendo-se como objetivos desenvolver o respeito às diferenças, a adaptação a esta nova forma de viver na era contemporânea, refletir sobre as inquietações da vida, bem como seus medos, aflições, suas realizações, e o entendimento de que fazemos parte de um todo, e isto ocorre através de atividades sensoriais.

O estilo contemporâneo de Yayoi Kusama

O Período Contemporâneo, segundo algumas literaturas estudadas, foi após a Segunda Guerra Mundial. Seu auge foi em 1960, com a visão de reconstruir a sociedade, veio a ideia de produção em escala, mudando assim a forma de produzir arte.

A tecnologia também foi ponto crucial nesta fase de transposição entre Arte Moderna e Arte Contemporânea. As pessoas passaram a perceber a arte que traduzia suas próprias vidas. A sociedade passou a se rebelar contra o sistema de vida difundido no cinema, na moda, na literatura e na TV.

A velocidade das informações e a percepção do tempo foram determinantes neste período. A Arte Contemporânea se recusava a compreender a arte separada da vida. Signos e símbolos foram retirados da cultura de massa, e passaram a fazer parte, de pinturas, histórias em quadrinhos, imagens de TV, publicidade, cinema e outros.

Os artistas nunca tiveram tanta liberdade criadora, tão variados recursos materiais em suas mãos. As possibilidades e os caminhos são múltiplos, as inquietações mais profundas, o que permite à Arte Contemporânea ampliar seu espectro de atuação, pois ela não trabalha apenas com objetos concretos, mas principalmente com conceitos e atitudes. Refletir sobre a arte é muito mais importante que a própria arte em si, que agora já não é o objetivo final, mas sim um instrumento para que se possa meditar sobre os novos conteúdos impressos no cotidiano pelas velozes transformações vivenciadas no mundo atual (SANTANA, 2016, s.p.).

A arte em ambiente e a arte conceitual são estilos de Arte Contemporânea, lembrando que este período teve início no final da Segunda Guerra Mundial, quando carros pesados e escuros deram espaço à produção de automóveis menores e coloridos, produzidos em série, sinalizando para novos tempos.

Tempos estes que nos remetem diretamente à arte de Yayoi Kusama, sendo que ela reúne em suas obras a própria vida, marcas como cores intensas, e a utilização de vários instrumentos tecnológicos na criação de suas instalações e na industrialização de sua obra em roupas e acessórios.

A arte da cura com Yayoi Kusama

A japonesa Yayoi Kusama tem 86 anos, é considerada um dos maiores nomes da Arte Contemporânea. Ela sofre de um transtorno psiquiátrico e vive há mais de trinta anos em um hospital em Tóquio. Em seus delírios e alucinações ela tem seu foco voltado a pontos e cores psicodélicas, por isso sua obra se caracteriza por círculos e cores intensas, ou seja, um mundo de bolinhas. A princesa das bolinhas, como é conhecida, imprime em suas obras que são telas, roupas, vídeos, esculturas e até corpos nus, o que enxerga em suas alucinações.

No início do século passado, a psiquiatra Nise da Silveira (1905-1999) já tinha percebido empiricamente o quanto o trabalho artístico servia como tratamento para seus “clientes” (como preferia chamar os pacientes), numa época em que remédios para

tais transtornos eram praticamente inexistentes. Mas é preciso cuidado: uma condição não necessariamente deriva da outra. Nem todo “louco” é criativo ou todo criativo é “louco”. As condições, no entanto, podem estar ocasionalmente relacionadas, como a ciência vem procurando demonstrar (JANSEN, 2013, s.p.).

Yayoi Kusama nasceu em Matsumoto, no Japão, em uma família de classe média, segundo conta a própria artista, era uma família repressora. Desde a infância sofria de alucinações, segundo a própria artista, sua mãe chegava a rasgar seus desenhos.

“Por sorte, quando eu ainda era muito jovem, fui a um psiquiatra que entendia de arte. Desde então, eu luto contra a minha doença; embora, no meu caso, a cura estivesse em criar arte baseada na doença. Desenvolver minha criatividade foi a minha cura.” (JANSEN, 2013, s.p.)

A sublimação de sentimentos na produção de qualquer tipo de arte pode levar a resultados inusitados, como é o caso das obras de Kusama. Imaginar um universo de bolinhas parece divertido, não fosse este o resultado de extremo sofrimento. Pode-se dizer que a mente leva e traz, mais os sentimentos, as emoções e os sentidos, que juntos podem nos levar ou nos deixar à margem da obra mais bela do universo que é a vida. “De uma maneira muito clara, e muito pura, ela encarna o mito do poeta doente; da ideia de que o artista faz o seu trabalho a partir do sofrimento e do trauma. A linha entre sua vida e sua arte é muito fluida e, algumas vezes, desaparece totalmente.” (JANSEN, 2013, s.p.)

Em 2013, Yayoi Kusama vive o auge de sua fama, estando entre as três mulheres artistas que mais ganham dinheiro com sua arte. Sem falar de sua produção de estampas para a grife Louis Vuitton. Sua aparição triunfante foi em 2011, apesar de seu trabalho já ser realizado há anos, ela continua produzindo dentro da instituição psiquiátrica onde vive.

A escola e a cultura na formação do pensamento

Na formação de alunos pensantes e profissionais que fazem a diferença na sociedade, a escola deve sempre propor ao aluno atividades ligadas à arte. Esta construção e compreensão da arte e do artista dará ao aluno a possibilidade de conhecer melhor uma produção artística, o universo em que o artista está inserido no momento da construção da obra, respeitar a cultura do artista e, ao mesmo tempo, confrontando com a sua cultura. Cabe à escola e ao professor despertar a curiosidade no aluno.

Levar a vida real para a sala de aula é tarefa fundamental na construção de um futuro mais humano e na construção de profissionais sensíveis ao todo que o cerca. Nossos futuros arquitetos, professores, atores, escritores, publicitários, entre outros profissionais, saberão reconhecer esta fonte inesgotável de criatividade, que podem trabalhar e mostrar ao mundo com seu saber e com respeito ao outro e ao meio em que vive.

A exploração dos sentidos na arte

No universo em que vivemos, somos invadidos diariamente por todo tipo de informação, dando liberdade para que todos possam opinar, com informações de base científica ou de senso comum, muitas vezes, jurando mentiras.

Por vezes, isso confunde e polui nossa mente, nos tornando ansiosos e angustiados diante da vida, muitas vezes deixamos nossos sentidos de lado, renegando a própria sorte. Assim, ao ignoramos nossos sentidos, acabamos por ter certas dificuldades para viver, de conexão conosco e com o meio ambiente, a vida torna-se mais densa e inquietante. Acabamos transformando

nossa capacidade criativa em tristezas, os pensamentos ficam acelerados, respiramos menos e vemos, mas não enxergamos.

Tornar-se um ser humano aberto e pensante, demanda energia, inteligência, e recursos como os sentidos que envolvem: visão, audição, tato, olfato e paladar. E saber orientá-los exige auxílio de outros seres humanos que detêm maior experiência, que podem ser um avô, pai, mãe, tios, amigos ou professores. A escola deve ser o ninho do conhecimento, do saber.

O professor de artes visuais precisa estar ciente da importância dos sentidos na expressão artística e, conseqüentemente, na produção de obras, desenvolvendo práticas que trabalhem e explorem os sentidos como a música, a privação de certos sentidos em sala de aula, como venda nos olhos, tapar os ouvidos, usar mais o tato, provar a sensação de experimentar algo amargo, ou doce, salgado, enfim, existem várias formas de trabalhar os sentidos, sentimentos e emoções em sala de aula.

O professor deve ser sabedor de que a arte é um caminho alternativo, que leva o aluno ao autoconhecimento, também à segurança e ao respeito a si próprio e aos outros.

Vivência do estágio

A escola de Ensino Médio Dite Freitas funciona em três turnos, matutino, vespertino e noturno. A instituição atende a 800 alunos ao todo, e conta com um quadro aproximado de 60 funcionários.

Quanto ao aspecto físico, a escola é ampla, possui várias salas de aula, laboratório de ciências, laboratório de informática, ginásio e quadra aberta, sala de professores, secretaria, sala de administração e coordenação, refeitório, vários banheiros e espaços de convivência amplos.

A missão da escola é oferecer um ensino de qualidade, garantindo o acesso e a permanência dos alunos, através de um processo educativo que desenvolva além das habilidades cognitivas, aprender a fazer e também aprender a ser e a conviver para a formação da cidadania do aluno.

Esta escola possui atividades extracurriculares: teatro, aula de violão e esportes como vôlei, ping-pong, capoeira, entre outros.

No Projeto Político Pedagógico (PPP), entende-se a aprendizagem como uma construção constante através da interação que o sujeito estabelece com o meio em que vive. O conhecimento que se cria com as relações aliadas às práticas pedagógicas torna o cidadão participativo, ativo na sociedade em que vive, para que seja criativo e ético.

Este foi o Estágio III, realizado na primeira turma do Ensino Médio (turma 7). O estágio, nesta turma, foi muito produtivo e gratificante, os alunos são na sua maioria participativos. Tudo que a professora solicitou para as atividades e, posteriormente, a estagiária, os alunos se comprometeram e na sua maioria trouxeram.

Um caso ou outro de rebeldia, que foi contornado de forma pacífica e firme. Aplicar as atividades foi um ótimo aprendizado para a estagiária, que percebeu que, após o conteúdo aplicado, eles ficaram bem à vontade para criar e produzir.

A professora regente gostou do projeto, pois antes da apresentação do conteúdo, os alunos foram vendidos para trabalhar aspectos sensoriais, o que deixou a aula bem interessante.

No primeiro dia de regência de aula, eu, Fabíola Dal-Bó, estagiária, cheguei com minha professora tutora Jádina de Farias Neves. Iniciei a aula cantando uma música para concentrar a atenção, a música escolhida foi do cantor Renato Teixeira, só então me apresentei. Solicitei que colocassem uma venda nos olhos e entreguei uma bolinha de silicone para cada aluno, para que pudessem apertar e sentir.

Então, iniciamos um processo de meditação dirigida. Nesta meditação, fui contando uma história que acenava com o dia deles próprios, desde que acordaram e vieram para a escola,

seguindo trajetos diferentes, foi quando na meditação chegamos num ponto em comum próximo da escola, em que todos, obrigatoriamente, têm que passar para chegar ao destino.

Deste ponto em diante, todo o processo de imaginação se deu através de círculos, bolas, e quando chegamos na porta da escola, eles estavam imersos em bolas de ar gigantes que os levaram até o pátio, bolas imensas de cores variadas.

Enfim, o sinal bateu e eles chegaram na sala, isso na meditação, ou seja, imaginando. Pedi para que relaxassem e entreguei, em suas mãos, ainda com os olhos vendados, uma bala de canela em forma também circular e solicitei que deixassem a bala rolar de um canto a outro da boca. Foi uma experiência sensorial muito bem aceita, todos foram muito receptivos, o sinal bateu na realidade e por este dia a aula terminou.

Na aula seguinte, trabalhamos outra atividade sensorial, mais dinâmica, entreguei um balão para cada aluno e pedi para que escrevessem um sonho em um pedaço de papel, colocando dentro de um balão.

Então, com muita firmeza coloquei pressão na tarefa, bem como a vida muitas vezes faz conosco e falei para que defendessem seu sonho, mas, não poderiam subir nas carteiras, nem sair da sala, tampouco machucar o colega.

A reação foi de estourar o balão do colega, e quando todos os balões estavam estourados, paramos para conversar e chegamos juntos à conclusão de que foi dito para defender seu sonho, e não destruir o sonho do colega. Dessa forma, nesta aula, falamos sobre competições, respeito ao outro, sonhos, e outras inquietações que surgiram.

Na terceira aula, levei um novelo de lã para a sala. Os alunos foram dispostos em forma de círculo, falei uma frase para um aluno e entreguei o novelo para que desse início à brincadeira, formando uma teia. Quando o último aluno pegou o novelo, eu perguntei: qual a frase? E ele disse algo bem diferente da frase dita para o primeiro aluno. Por fim, nesta aula, falamos sobre saber ouvir, as teias que nos metemos por jurarmos mentiras, ou entender errado o que ouvimos.

Na quarta aula, apresentei Yayoi Kusama. Os alunos ficaram agitados ao ver as imagens das instalações da artista e as camuflagens, depois a história de vida que a guiou pelo caminho da arte. Com isso, nesta aula, foram muitas as curiosidades, como era o tratamento dela em épocas passadas, como foi o diagnóstico, a reação da família, a relação da arte com sensações de alucinação. Enfim, questionamentos variados. Falaram de casos de doença mental na família também.

Na quinta aula, trabalhamos a releitura das obras de Kusama. Foram expostas no quadro bolas de diferentes cores, em que cada uma recebeu um significado. Por exemplo: bola vermelha refere-se a pessoas que amo. Bola amarela refere-se a pessoas que momentaneamente não estou me relacionando. Bola azul refere-se a pessoas que gostam muito de mim.

Esta atividade foi realizada com um fundo musical, eles criaram um “ser” imaginário no centro da folha e encheram de bolas ao redor de acordo com as intenções naquele momento. Em cada trabalho predominou mais uma cor que em outro. Eles mesmos se questionaram, que se o trabalho fosse realizado num outro momento da vida se as escolhas das cores seriam outras, e chegaram à conclusão de que cada momento é único, eles pintavam e conversavam sobre a vida e as relações.

Após estas aulas, retornei mais algumas vezes na mesma turma, trabalhamos meditação, gratidão e outras atividades de autoconhecimento. Todas dentro de aspectos sensoriais, pintamos toda uma folha, amassamos e pedi para que eles tirassem os riscos e desamassassem a folha. Eles riram, pois era tarefa impossível. Trabalhamos a palavra dita, enfim, foi uma experiência enriquecedora e muito afetiva.

Considerações finais

É indiscutível o quanto foi importante a vivência deste estágio na minha formação profissional como professora. Desenvolver um tema tão intenso exigiu concentração, estudo e sensibilidade para trabalhar com os sentidos.

Os objetivos propostos foram atingidos de forma gratificante e respeitosa. Os alunos estiveram envolvidos e compreenderam o mundo de possibilidades através dos sentidos e da arte de Yayoi Kusama.

Discutir limitações humanas e como lidar com elas, discutir respeito ao outro, e sentimentos, foi extremamente benéfico a todos. Os resultados vieram por intermédio de uma releitura da arte de uma artista de história tão intensa.

Trabalhar aspectos como gratidão, respeito às diferenças e dialogar enquanto produz arte, também criar usando sentimentos, faz com que o aluno se compreenda como um ser ativo.

Nesta aula, além dos aspectos técnicos, foi dedicado muito das experiências de observação da vida, do meio ambiente, das noções de que todos somos um e não nos damos conta disso. Falar de arte, trabalhar os sentidos, nos ensina a contemplar, a desenvolver ideias e ideais.

Receber um sorriso e ver lágrimas como pude vivenciar neste estágio, só me faz acreditar cada vez mais o quanto há de divino em ser professor, mesmo ainda me sentindo eternamente aluna.

Referências

JANSEN, Roberta. Yayoi Kusama e o transtorno artístico compulsivo. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/cultura/yayoi-kusama-o-transtorno-artistico-compulsivo-10265467#ixzz48pv8mniR>>. Acesso em 15 maio 2016.

MARTINS, Josinei; SANTOS, Tatiana dos. **Didática e metodologia do ensino de artes**. Indaial: UNIASSELVI, 2011.

SANTANA, Ana Lucia. **Arte contemporânea**. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/artes/arte-contemporanea/>>. Acesso em 15 maio 2016.

TAFNER, Elisabeth Penzlien; SILVA, Everaldo da. **Metodologia do trabalho acadêmico**. 2. ed. Indaial: UNIASSELVI, 2012.

Artigo recebido em 30/05/17. Aceito em 10/07/17.

TEATRO: a arte de improvisar

Theater: the art of improvising

Daniela Cipriani¹

Cleide Mara Bittencurt¹

Resumo: Este projeto de estágio tem como tema principal a improvisação teatral e visa demonstrar como esta auxilia na vida escolar de uma criança. Objetivando a prática de alguns jogos em sala de aula, de modo que os alunos compreendam mais sobre seu corpo e sua mente. A pesquisa utiliza como metodologia a revisão bibliográfica, pesquisa de campo e a própria aplicação do projeto, associada com o tema apresentado. Pensar em resoluções rápidas para problemas difíceis de modo repentino faz com que a improvisação em sala de aula além de atrativa, ajude o aluno tanto na vida escolar como futuramente em sua vida profissional.

Palavras-chave: Improvisação. Arte. Vida.

Abstract: This Internship work have as main theme the theatrical improvisation and aims to demonstrate as help school life of a child. Objectifying to play some games in the classroom, so that the students understand more about your body and your mind. The research uses as methodology the literature review, field research and the application of the research, associated with the theme presented. To think of fast resolutions for hard problems suddenly to make the improvisation in the classroom beyond attractive, helps the student both in school life and in the future in his professional lives.

Keywords: Improvisation. Art. Life

Introdução

O trabalho tem como tema: Teatro: a arte de improvisar. O teatro ajuda a criança a se descobrir, a interagir com o seu corpo e sua mente de várias formas. Fazer improvisações instiga os alunos a serem criativos, não somente nas aulas de artes, mas em todas as disciplinas. Sendo assim, este projeto justifica que os jogos de improvisação auxiliam o aluno a se auto-conhecer, bem como contribui com a imaginação e a criatividade tanto em sala de aula quanto para a sua vida.

O teatro é um forte aliado nos processos de criatividade e primordial para o desenvolvimento das crianças para a vida. O projeto tem como objetivo principal estimular o gosto pelo teatro e pelas aulas de artes, para que, desta forma, o aluno aprimore seus conhecimentos sobre o tema, conheça mais sobre improvisação e consiga usar algumas técnicas aliadas à sua criatividade nas atividades práticas das aulas.

Este projeto foi realizado através de pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo, já que foi realizado em escola. Está organizado em três partes principais: a primeira consiste em explicar o tema do projeto de estágio, ou seja, a base teórica dele. A segunda explica as vivências do estágio, as observações e a aplicação da regência na turma do 9º ano. E, por fim, as suas considerações finais.

¹ Centro Universitário Leonardo Da Vinci – UNIASSELVI – Rodovia BR 470 - Km 71 - nº 1.040 – Bairro Benedito – Caixa Postal 191 – 89130-000 – Indaial/SC Fone (47) 3281-9000 – Fax (47) 3281-9090 – Site: www.uniasselvi.com.br

A arte de improvisar

Buscando um tema atrativo, visando estimular o gosto pelas aulas de artes, o tema deste projeto é voltado para a improvisação teatral, tendo como objetivo o aluno aprimorar seus conhecimentos sobre o tema e conseguir usar algumas técnicas de improvisação aliadas à criatividade nas atividades práticas das aulas de artes. O teatro chega às escolas não somente como uma forma de perder a timidez, como muitas pessoas pensam. Ele ajuda a criança a se autocohecer, bem como contribui com a imaginação e a criatividade dela. Além disso, toda forma de arte, inclusive o teatro, traz vários benefícios para todas as disciplinas escolares.

Para iniciar os estudos sobre teatro, é importante considerar o corpo como um instrumento de trabalho. Assim como afirma Chekhov (1996, p. 1) “Mas o ator, que deve considerar seu corpo como um instrumento para expressar ideias criativas no palco, deve lutar pela realização de completa harmonia entre corpo e psicologia”. Os jogos e as atividades teatrais colaboraram muito para que o aluno aprenda a interagir e lidar com todo esse lado.

É importante ressaltar que o teatro não vive somente de atores. Toda encenação precisa de uma história, alguém que oriente o processo todo, entre outros papéis. O que cabe ressaltar é que para se criar uma história e os personagens, o autor deve usar muita criatividade, assim como afirma Stanislavski (1999, p. 38) “Um papel que não passou pela esfera da imaginação artística nunca se tornará atraente”.

No entanto, muitas vezes, em uma peça teatral ocorrem imprevistos e é preciso saber o que fazer nessas horas, de que forma improvisar. Uma boa equipe: atores com toda a direção saberão o que fazer nessas horas. O ator não deve se limitar ao roteiro pronto porque isso o deixa estagnado nessas circunstâncias. Chekhov (1996, p. 42) complementa:

Se um ator se limita meramente a declamar as falas fornecidas pelo autor e executar as ‘marcações’ ordenadas pelo diretor, não procurando nenhuma oportunidade para improvisar independentemente, ele faz de si mesmo um escravo das criações de outros e de sua profissão uma atividade emprestada.

A função de um bom ator é também usar a criatividade para dar vida ao seu personagem. É o ator que vai criar algumas características e peculiaridades próprias, fazendo uma cocriação de seu personagem. Stanislavski (1999, p. 71) complementa que “O ator pode submeter-se aos desejos e às indicações de um escritor ou de um diretor, e executá-los mecanicamente, mas para sentir seu papel é preciso que use seus próprios desejos [...]”.

Sendo assim, este trabalho propõe que os alunos usem e estimulem mais a criatividade, não só no teatro, nas improvisações ou nas aulas de artes, mas em todas as disciplinas da grade curricular. Conforme o que consta nos Parâmetros Curriculares Nacionais (1998, p. 19):

A área de Arte está relacionada com as demais áreas e tem suas especificidades [...]. Um aluno que exercita continuamente a sua imaginação estará mais habilitado a construir um texto, a desenvolver estratégias pessoais e para resolver um problema matemático [...]. Além disso, torna-se capaz de perceber sua realidade cotidiana mais vivamente, reconhecendo objetos e formas que estão à sua volta.

Todo o processo de aprendizagem acaba se tornando uma ajuda mútua: Ao passo que a arte contribui para a melhora dos alunos em todas as disciplinas curriculares, estas também colaboram para que as crianças tenham mais imaginação ou para que possam pôr em prática suas ideias.

Vivência do estágio

As observações do estágio foram feitas em quatro turmas diferentes: dois 9º anos e dois 6º anos. A professora trabalha de maneira bem dinâmica, mesclando artes visuais, música e teatro muitas vezes em uma única aula. Contudo, durante as observações, pude perceber que metade de todas as turmas não se interessam pelas aulas e pelas atividades propostas pela professora. Tive como principal obstáculo escolher um tema e criar um plano de aula que fosse atrativo para a maioria.

Depois que as observações foram concluídas, iniciei a regência na turma do 9º ano no período matutino. Iniciei a primeira aula falando um pouco sobre o teatro, até chegar ao foco principal do trabalho que é a improvisação. Exemplifiquei como ela auxilia o aluno não só ao encenar uma peça de teatro, mas ajuda a tomar decisões rápidas até no dia a dia.

Na segunda aula, apresentei alguns programas de televisão que fazem jogos de improvisação, dentre eles: “Barbixas e Cia”, “É Tudo Improvisado” e “Quinta Categoria”. Antes de passar cada vídeo, expliquei de que maneira funcionava cada jogo. No final da aula, pedi para cada aluno criar um personagem para si, respondendo a um pequeno questionário: faixa etária, o que gostava de fazer, defeitos e qualidade etc.

Na terceira e quarta aula fizemos apenas jogos de improvisação. Era concedida a orientação do jogo, a professora sorteava os alunos para participar, o tema também era sorteado e o jogo começava. Nesta aula, houve muita participação, os alunos se divertiram e aprenderam muito ao mesmo tempo.

Na última aula da regência, os alunos se reuniram em grupos de no máximo quatro alunos. Receberam um tema para a improvisação na hora, e eles tiveram cinco minutos para encenar uma história com início, desenvolvimento e final e, ainda, cada aluno tinha que usar o personagem que criou na segunda aula.

Na última atividade, os alunos tiveram bastante dificuldade, acabei percebendo que foi trabalhoso para alunos do 9º ano, pois eles ainda não têm tanta maturidade para pensar em todos estes detalhes que foram propostos. A última atividade poderia ter sido mais simples, sem muitos pormenores para os alunos pensarem, porém todos se esforçaram e participaram, fazendo com que valesse a pena todo o projeto de estágio.

Considerações finais

O tema deste projeto não foi escolhido ao acaso. Os 9º anos geralmente estão em uma fase complicada da vida, em que nada os interessa e sentem vergonha de tudo, inclusive do seu próprio corpo. O teatro, quando apresentado de maneira descontraída, ajuda a desinibir os alunos, fazendo com que a aula se torne mais atrativa, divertida e diferente. Além do que, a improvisação ajuda nas decisões difíceis da vida destes adolescentes.

Com o presente trabalho obteve-se uma base de como a improvisação auxilia na hora de tomar decisões rápidas e precisas, não só a disciplina de artes ou ao encenar uma peça, mas também em toda a vida, seja dentro da escola ou fora dela. Pode-se dizer que os jogos de improvisação contribuem muito para a formação do aluno.

Essas contribuições ficam explícitas na vivência do estágio. Os alunos conseguiram participar, deixar a vergonha de lado, soltar a criatividade e tomar decisões rápidas para fazer uma improvisação em questão de segundos. Quando existe um professor que incentiva de maneira correta, faz com que o aluno não perceba que está naquela aula “chata”. Independentemente da faixa etária, todo ser humano é capaz de ser criativo, ele só precisa do estímulo correto.

Referências

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Arte / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CHEKHOV, Michael. **Para o ator**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

LIMA, Regina Célia Villaça e Fernanda Villaça Beleza. **Oficina de artes: teatro**. São Paulo: Rideel, 2010.

MÉNDEZ, Juan Manuel Alvarez. **Avaliar para conhecer, examinar para excluir**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

STANISLAVSKI, Constantin. **A criação de um papel**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

Artigo recebido em 30/05/17. Aceito em 10/07/17.